

O menino nasce no Natal provinciana de 1898, com 96 lampiões de querosene. A cidade, morna, tranquila e quieta, é embalada pelos poetas de outrora. Ele é um cangaleiro pois vem ao mundo no bairro da Ribeira, um dos dois únicos existentes na cidade da época.

O menino cresce e a cidade também. Transforma-se, amplia-se e dá origem a outro bairro: a Cidade Nova onde ele nasce. O Príncipe do Tirol distribuindo sabedoria e erudição em conselhos familiares e amigos.

O menino agora é homem. Assume responsabilidades, conhece a dor e a morte, e descobre a sua verdadeira vocação: ensinar e escrever. A Província assiste, atônita e encantada, o crescimento do seu filho dileto. E ele adota o papel de ator e tradutor de sua cidade e de seu povo, declarando, peremptório, nunca pensei em deixar minha terra.

Mas sua terra é pequena e ele, muito maior do que ela, ultrapassa suas fronteiras e sai, mundo afora, levando-a consigo. E os dois passam a fundir-se no imaginário popular. A cidade ou a cidade o criou?

Com o passar do Tempo, a idade avança e cobra o seu inexorável preço. Ele vai se afastando, finalmente, abandonando sempre sua amada terra. A cidade chora pela ausência e sente-se so e orfã. Ele não volta mais e ela, todavia, paradoxalmente, permanece sentida em todos os cantos da cidade e ele torna-se monumento. Sua missão foi cumprida: ficou na província, informou os fatos e cantos na hora sugestiva da necessidade e demonstrou que toda história é digna de ressurreição e de simpatia.

## Luís Natal ou Câmara Cascudo: de ator a autor da cidade do Natal

Francisco Firmino Sales Neto

EDUFGC



Tornado monumento da cidade e agora objeto de estudo de Sales Neto, no seu livro Luís Natal ou Câmara Cascudo: de ator a autor da cidade do Natal, originalmente dissertação de Mestrado do curso de História da UFRN, sob orientação competente do Prof. Dr. Durval Muniz. Neto investiga o processo de monumentalização de Câmara Cascudo pela cidade do Natal, questionando como sua vida foi sendo articulada ao local. Produção de sua obra Com Cascudo surge uma nova cidade: a Natal cascudiana.

Para Cascudo, até Deus precisa dos sinos (Acta Diurna, Diário de Natal, 12 de setembro de 1947) e uma propaganda é tão indispensável quanto a produção regular. Pretendo, pois, com este pequeno texto, apresentar o trabalho inovador que se edita neste momento e divulgar o produto e não o homem, a produção intelectual e não os feitos mecânicos, o esforço e não o elogio. Que através dele o seu autor contribua para propagar, de forma decisiva, a obra de Câmara Cascudo que se lê cada dia mais, a leitura, a análise e a acadêmica de qualidade, respeito e...

NATAL, 15 de Janeiro de 2017

Dalila Cascudo Robert Letta  
Diretora do Memorial e do  
Instituto Câmara Cascudo

*Luís Natal*

*ou*

*Câmara Cascudo:*

*de ator a autor da cidade do Natal*

**Francisco Firmino Sales Neto**

Francisco Firmino Sales Neto

**Luís Natal ou Câmara Cascudo**  
**De ator a autor da cidade do Natal**

1ª Edição

Campina Grande - PB



2013

©EDUFCG - Editora da Universidade Federal de Campina Grande  
Todos os direitos desta edição reservados à EDUFCG

Ficha Catalográfica Elaborada Pela Biblioteca Central Da UFCG

S1631

Sales Neto, Francisco Firmino.

Luís Natal ou Câmara Cascudo: de ator a autor da cidade do Natal /  
Francisco Sales Neto. - Campina Grande, EDUFCG, 2013.

158 p. : il. color.

ISBN: 978-85-8001-088-6

1. História do Rio Grande do Norte. 2. Cidade de Natal. 3. Cultura.  
4. Evolução. I. Título.

CDU 94(813.2)

**Editora da Universidade Federal de Campina Grande - EDUFCG**  
**Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**

Prof. Dr. José Edílson Amorim  
**Reitor**

Prof. Vicemário Simões  
**Vice-Reitor**

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza  
**Diretor Administrativo da Editora da UFCG**

Ricardo Storbem/Viviana Sousa Ramos  
**Editoração Eletrônica/Capa**

**Conselho Editorial**

Benedito Antônio Luciano (CEEI)  
Carlos Alberto Vieira de Azevedo (CTRN)  
Consuelo Padilha Vilar (CCBS)  
Edjane E. Dias da Silva (CCJS)  
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)  
José Helder Pinheiro (CH)  
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)  
Onaldo Guedes Rodrigues (CSTR)

*Aos meus amados pais, Lourdes e Paulo, que fundamentam a minha vida e são os incentivos primeiros de minhas realizações.*

## AGRADECIMENTOS

Em outro momento, tive a oportunidade de escrever longos agradecimentos às pessoas que contribuíram para a minha trajetória acadêmica. Porém, escusando-me de prováveis lapsos de memória, serei breve, mas apenas nos agradecimentos e não na gratidão.

Antes de tudo, agradeço a Deus pelas transformações ocorridas em minha vida ao longo desses últimos anos, fazendo-me cada dia mais feliz e realizado.

Mesmo sem citar todos os nomes, expresso profunda gratidão a minha família pelos incentivos diários. Particularmente, agradeço aos meus amados pais, Lourdes e Paulo; e aos queridos Raniere, Neidinha, Alice, Arthur, Bia, Ismael, João Pedro, Juan, Maria Gabriela, Pedro, Pedro Luis, Rafaela e Victor. Um agradecimento especial a minha “família” carioca: Ana, Conceição, Cristina, Lena, Lourdes e Valéria, pelo carinhoso acolhimento durante as pesquisas no Rio de Janeiro.

Agradeço a alguém com quem aprendi a amar com intensidade: Nara, obrigado por me fazer tão feliz e por ter me proporcionado meu maior “título” – o de pai da Maria Isabela, meu sonho real de intenso, infinito e incondicional amor. Amo **muito** vocês!

Um fraternal agradecimento aos estimados amigos que acompanharam esta jornada mais de perto: Aldilene, André Valério, Arlan, Aryana, Diego, Elson, Helicarla, Ivan, José, July, Larissa Correia, Larissa Neves, Milena, Naldinho, Nayany, Olívia, Renato e Rodrigo. Externo ainda meu cordial reconhecimento aos amigos Arthur e Bruna, seres iluminados que me presenteiam todos os dias com tanta amizade e carinho.

Quero expressar minha gratidão a Durval Muniz que, além professor e orientador, é um grande e querido amigo. Sempre presente, Durval foi um incentivador e o orientador que todo estudante deseja: em tempo integral. Obrigado Durval pela confiança em mais uma etapa cumprida juntos! Do mesmo modo, agradeço ao professor e amigo Raimundo Nonato, cuja contribuição para o meu crescimento profissional é maior do que ele pode julgar. Trabalhar com esses dois mestres do ensino, sem dúvida alguma, foi decisivo para definir os rumos profissionais que tenho seguido, pois os considero grandes espelhos.

Externo meus agradecimentos à professora Margarida de Souza Neves, da PUC-Rio, uma das principais interlocutoras deste trabalho e examinadora de sua versão acadêmica, pelas sugestões e críticas enriquecedoras.

Agradeço aos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós-graduação em História e Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que auxiliaram na elaboração deste estudo com suas pertinentes sugestões e prestabilidade. Em particular, aos professores Almir Bueno, Aurinete Girão, Flávia Pedreira, Helder Viana, Margarida Dias, Maria Emília e Raimundo Arrais; aos colegas de turma no mestrado Alenuska, João Carlos, Mariano, Marília e Yuma; e aos atenciosos secretários do PPGH, André, Cétura e Isabelle.

Sou grato aos funcionários das instituições arquivísticas onde pesquisei. Nominalmente, agradeço à dona Lúcia, Antonieta e Verônica, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; à professora Diana Maul, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; ao Leonardo, da Fundação Casa de Rui Barbosa; e ao seu Sebastião, do Centro Norte-riograndense.

Agradeço também às famílias de Sylvio Piza Pedroza e de Luís da Câmara Cascudo que, nas pessoas de Dona Nelma Pedroza (viúva de Sylvio Pedroza) e de Daliana Cascudo (neta de Câmara Cascudo), permitiram-me franco acesso aos seus arquivos familiares. Em especial, quero deixar registrada minha gratidão à Daliana pelo auxílio e pelo carinho que sempre me dispensou durante a realização da pesquisa no Memorial Câmara Cascudo.

Por fim, agradeço a CAPES pela concessão da bolsa de estudos que financiou as pesquisas e a redação deste trabalho.

## Apresentação

Margarida de Souza Neves \*

Voltar a Natal é sempre uma alegria.

Para a carioca que assina essa apresentação e há alguns anos resolveu percorrer os caminhos das artes e dos ofícios de um potiguar superlativo de nome Luís da Câmara Cascudo, escritor que assinou alguns de seus escritos com o pseudônimo de *Luís Natal* para consagrar a relação visceral que tinha com a cidade em que nasceu, viveu e morreu, a alegria daquela tarde de 2009 em que voltei a Natal foi dupla.

Por um lado, era a alegria de reencontrar a beleza e a luz da cidade; de rever o mar cor de turquesa do alto da Ladeira do Sol; de contemplar novamente o por do sol do átrio da igreja do Rosário, feita por mãos de escravos; de experimentar outra vez a emoção de ver a Fortaleza dos Reis Magos, atalaia em forma de estrela solidamente plantada desde os tempos coloniais na barra do Rio Potengi; de admirar de novo o contraste entre a torre branca da igreja do Galo e o inacreditável azul do céu; de reencontrar o Forte de Mãe Luiza no meio das dunas; de estacionar o carro alugado em algum lugar só para ver um menino de olhos vivos e sorriso largo correr e fazer a pergunta que me deixou perplexa a primeira vez que a ouvi: “*posso pastorear seu carro?*”, síntese mágica da história que faz o menino aplicar aos automóveis de hoje o mesmo verbo que seus ancestrais usavam para aludir às cabras dos rebanhos que guardavam em tempos idos.

---

\* Margarida de Souza Neves é professora aposentada dos Departamentos de História da PUC-Rio e da UFF. Atualmente é professora emérita do Departamento de História da PUC-Rio e Coordenadora do Núcleo de Memória dessa Universidade. Publicou vários estudos sobre Câmara Cascudo que podem ser consultados no site [www.historiaeultura.pro.br](http://www.historiaeultura.pro.br)

Por outro lado, era também a alegria de voltar ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, naquela ocasião como membro da banca de defesa da dissertação de mestrado de um jovem historiador de talento. Uma alegria que se prolonga hoje, porque aquela dissertação se transformou em livro e seu autor, secundado pela generosidade de seu professor orientador, me convida para escrever a apresentação de um trabalho que tive o privilégio de ser uma das primeiras pessoas a ler.

Francisco Firmino Sales Neto, o autor do livro que nasceu como dissertação de mestrado, é hoje um colega de profissão. É professor da Universidade Federal de Campina Grande, faz seu doutorado no Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e continua a dividir comigo e com seu professor orientador de mestrado a convicção da importância de pesquisas históricas que escolham por objeto a obra e a atuação de Luís da Câmara Cascudo. Em 2009, Francisco era um mestrando que, apesar da simpatia e da cordialidade, não conseguia ocultar o nervosismo comum a todos os pós-graduandos no momento em que, por exigências dos rituais acadêmicos, devem enfrentar a banca de defesa de suas dissertações e teses.

Ao lembrar agora as alegrias daqueles dias de 2009, os jogos da memória, sempre surpreendentes, me levam a redescobrir e a aprofundar suas razões.

Polifônica como toda memória, a que guardo da primeira leitura do trabalho é feita de fragmentos que, a modo de um caleidoscópio, fazem surgir novos desenhos à luz de sua releitura em livro.

O primeiro desenho que aparece a meus olhos ressalta o colorido forte de um fragmento de comentário feito pelo orientador do trabalho, o professor Durval Muniz de Albuquerque Junior que, entre muitas coisas interessantes que disse naquela tarde, afirmou que *“Francisco tem a coragem de quem sabe ouvir”*. De fato, a dissertação que agora se abre a novos leitores mostra a coragem de seu autor para ouvir e dialogar com seus interlocutores intelectuais, a começar pelo próprio orientador. Evidencia também a ousadia de ouvir a documentação que utilizou como quem sabe fazer perguntas. E põe de manifesto ainda a capacidade de escutar a voz do autor que escolheu estudar, de interrogar sua forma peculiar de transformar em texto a cidade de Natal e identificar-se com ela, sem cair nas armadilhas

fáceis de uma clave interpretativa apologética ou iconoclasta. Não é pequeno o mérito dessas escutas sensíveis e inteligentes, sobretudo em um primeiro escrito autoral de fôlego.

Outra figura se desenha se releio o texto à luz do que permite entrever, tomado como amostragem da produção acadêmica dos Programas de Pós-Graduação brasileiros. Desenvolvida em um Programa relativamente recente, a dissertação de Francisco mostra que o sistema brasileiro de pós-graduação e, em particular, os programas da área de História, constituem uma realidade sólida e promissora, capaz de produzir conhecimento original e relevante e, sobretudo, de favorecer a conquista da autonomia intelectual de jovens que, justamente em função da *coragem de quem sabe ouvir*, assumem sua própria voz, têm o que dizer e merecem ser ouvidos. Por isso as cores dos fragmentos desse novo desenho são cores de esperança, não só no futuro individual do jovem professor da Universidade Federal de Campina Grande que é o autor desse livro, mas em sua geração e nas gerações que ele e seus pares formarão.

Duas gamas de cores aparentemente contrastantes formam uma terceira imagem na releitura que faço, agora, do trabalho concluído em 2009. Em primeiro lugar, as cores fortes e sisudas da pesquisa acadêmica, suas exigências teóricas, seus necessários cuidados metodológicos e o paciente trabalho empírico de horas incontáveis de pesquisa documental, tripé necessário para qualquer trabalho científico. Mas os historiadores redescobriram o prazer das cores leves e luminosas de um texto escrito com esmero e prazer que permita traduzir seus árduos anos de pesquisa em uma narrativa ágil e agradável, capaz de interessar não apenas aos especialistas, mas a um público bem mais amplo. Não é difícil descobrir nas páginas desse livro a difícil harmonia entre esses dois coloridos e adivinhar entre seus futuros leitores historiadores de ofício, mas também pessoas sensíveis ao tema, à abordagem, às questões visitadas pelo autor; admiradores ou críticos de Camara Cascudo; viajantes que aportem em Natal ou desejem visitar a cidade, ou simplesmente, gente que gosta de ler.

Ainda um outro desenho se esboça no visor do livro-caleidoscópio que tenho entre mãos. Dessa vez, o que se deixa ver é o perfil de Luís da Camara Cascudo, sua biografia e sua participação na história intelectual brasileira. O texto de Francisco não deixa de destacar as muitas tonalidades que colorem esse perfil, mas também percebe a luminosidade diversa que cada uma delas assume na história intelectual do país, assim como observa a

importância das cores da perenidade e da imutabilidade que Cascudo elege para desenhar o conceito de tempo com o qual opera.

Em todas as imagens formadas, na contraluz por vezes, ou no ponto de maior luminosidade em outras ocasiões, todos os fragmentos em movimento nas páginas que se abrem à leitura contribuem para revelar mapas físicos ou simbólicos da cidade de Natal tal como vivida por Cascudo e monumentalizada em seus escritos; mas também tal como escolhida pelo autor potiguar como casa paterna nunca abandonada, como lugar onde descobriu que os tempos imemoriais e todas as latitudes do mundo se revelavam nas festas, nos dizeres, na comida, nos cantos e nos contos do povo. E como pedestal de sua própria monumentalização, expressa na múltipla inscrição da memória de Cascudo na cidade e sintetizada na assinatura *Luís Natal*.

Mais discretas, mas não menos significativas, aparecem no caleidoscópio do livro de Francisco fragmentos e cores que deixam entrever os que fizeram parte da história do livro e daquela de seu autor, a família, os professores, os colegas, os amigos e a cor triste de uma saudade: a do professor Manoel Luiz Salgado Guimarães, que o absurdo da morte levou cedo demais.

O exercício poderia ir muito mais longe. Não faltariam para isso matéria e pretextos. Mas sua razão de ser – apresentar o trabalho acadêmico que está na origem das páginas que se seguem – não pode e não deve substituir a aventura sempre nova de abrir um livro e girar assim com as próprias mãos o caleidoscópio que é sempre a leitura que dele fazemos.

Fica feito o convite.

## INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

### *Em Natal:*

ANL – Academia Norte-rio-grandense de Letras

APERN – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte

BPCC – Biblioteca Pública Câmara Cascudo

CDCES – Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza - (Fundação José Augusto)

DN – Diário de Natal

IHGRN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

MeCC – Memorial Câmara Cascudo

MuCC – Museu Câmara Cascudo

BCZM – Biblioteca Central Zila Mamede - (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

### *Em Recife:*

BPEP – Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

FDR – Faculdade de Direito do Recife

FGF – Fundação Gilberto Freyre

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

APEP – Arquivo Público do Estado de Pernambuco

IAHGP – Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano

### *No Rio de Janeiro:*

ABL – Academia Brasileira de Letras

BAM – Biblioteca Amadeu Amaral - (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular)

BMV – Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos - (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

BN – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

CN – Centro Norte-rio-grandense

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - (Fundação Getúlio Vargas)

FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa

FMR – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

MIS – Museu da Imagem e do Som

*Em Salvador:*

FMB – Faculdade de Medicina da Bahia

IHGBA – Instituto Histórico e Geográfico da Bahia

*Em Porto Alegre:*

MCHC – Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

## ÍNDICE DE IMAGENS

**IMAGEM DE CAPA** – Timbre do historiador da cidade do Natal em carta enviada por Luís da Câmara Cascudo a Sylvio Piza Pedroza. Natal, 10 de setembro de 1954.

**IMAGEM 1** – Fotografia de um *outdoor* da aguardente de cana *Pitú*. Natal, década de 1970.....21

**IMAGEM 2** – Fotografia de *Cascudinho*, provavelmente aos oito anos de idade. Natal, 1907.....51

**IMAGEM 3** – Rua Senador José Bonifácio. Natal, início do século XX....58

**IMAGEM 4** – Anúncio do jornal *A Imprensa*, divulgando uma mercadoria fornecida por Francisco Cascudo. Natal, 1927.....65

**IMAGEM 5** – Anúncio da coluna *Irreverências*, da autoria de Nascimento Fernandes, publicado pelo jornal *A Notícia*. Natal, 1922.....85

**IMAGEM 6** – Anúncio do jornal *A Imprensa*, noticiando o noivado de Dahlia Freire e Luís da Câmara Cascudo. Natal, 1927.....90

**IMAGEM 7** – Diploma de sócio correspondente conferido a Luís da Câmara Cascudo, em 1934, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.....106

**IMAGEM 8** – O historiador Luís da Câmara Cascudo e o prefeito Sylvio Piza Pedroza em visita ao Forte dos Reis Magos. Natal, década de 1940..120

<b>IMAGEM 9</b> – Entrega dos originais do livro <i>História da cidade do Natal</i> ao prefeito Sylvio Piza Pedroza. Natal, 1946.....	127
<b>IMAGEM 10</b> – O prefeito Sylvio Piza Pedroza entregando um exemplar do livro <i>História da cidade do Natal</i> à presidente do III Congresso Histórico Municipal. San Juan – Porto Rico, 1948.....	133
<b>IMAGEM 11</b> – Luís da Câmara Cascudo recebendo os cumprimentos do prefeito Sylvio Piza Pedroza na cerimônia em que foi nomeado historiador da cidade do Natal. Natal, 1948.....	136
<b>IMAGEM 12</b> – Vista atual da Casa Câmara Cascudo, em Natal.....	149
<b>IMAGEM 13</b> – Plaqueta de azulejo português, sem data, que guarnece a parede da entrada da Casa de Câmara Cascudo. Natal, fotografia recente.....	150
<b>IMAGEM 14</b> – Placa aposta na parede da entrada da Casa de Câmara Cascudo, datada de 27 de março de 1966. Natal, fotografia recente.....	163
<b>IMAGEM 15</b> – Vista atual da Avenida Câmara Cascudo, em Natal.....	168
<b>IMAGEM 16</b> – Vista atual do Memorial Câmara Cascudo, em Natal.....	173
<b>IMAGEM 17</b> – Vista atual do monumento a Câmara Cascudo, em Natal.....	175
<b>IMAGEM 18</b> – Vista atual da Rua Câmara Cascudo, em Natal.....	179

<b>IMAGEM 19</b> – Placa aposta na parede da casa onde Luís da Câmara Cascudo nasceu, datada de 30 de dezembro de 1955. Natal, fotografia recente.....	181
<b>IMAGEM 20</b> – Vista atual do Museu Câmara Cascudo, em Natal.....	186
<b>IMAGEM 21</b> – Vista atual da Biblioteca Pública Câmara Cascudo, em Natal.....	190
<b>IMAGEM NÃO NUMERADA</b> – Assinatura <i>Luís Natal</i> em carta enviada por Luís da Câmara Cascudo a Sylvio Piza Pedroza. Natal, 10 de novembro de 1973.....	193
<b>IMAGEM 22</b> – Timbre de cartão de visita, sem data, ilustrando o sobradinho da Avenida Junqueira Aires.....	198
<b>IMAGEM NÃO NUMERADA</b> – Assinatura <i>Luís Natal</i> em carta enviada por Luís da Câmara Cascudo a Sylvio Piza Pedroza. Natal, 14 de agosto de 1960.....	200
<b>IMAGEM 23</b> – Assinatura <i>Luís Natal ou Câmara Cascudo</i> em carta enviada por Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho. Natal, 11 de fevereiro de 1972.....	201

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – Uma Natal cascudiana.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1 UM DETERMINISMO TELÚRICO?.....</b>	<b>44</b>
<i>1.1 Nasce um menino canguleiro.....</i>	<i>49</i>
<i>1.2 O príncipe do Tirol.....</i>	<i>61</i>
<i>1.3 Irreverências!.....</i>	<i>75</i>
<i>1.4 Fico! E vou ficando.....</i>	<i>86</i>
<b>CAPÍTULO 2 O ZELOSO GUARDIÃO DO “NOSSO” PASSADO.....</b>	<b>94</b>
<i>2.1 Um Instituto Histórico à parte.....</i>	<i>98</i>
<i>2.2 O quarto Rei Mago.....</i>	<i>116</i>
<i>2.3 A certidão de nascimento da cidade.....</i>	<i>125</i>
<b>CAPÍTULO 3 O MONUMENTO DA CIDADE.....</b>	<b>139</b>
<i>1.1 O escritor de província e o provinciano incurável.....</i>	<i>144</i>
<i>1.2 Câmara Cascudo, cada dia mais vivo.....</i>	<i>170</i>
<b>CONCLUSÃO – Luís Natal.....</b>	<b>193</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>203</b>

## INTRODUÇÃO

### *Uma Natal cascudiana*



**Imagem 1** *Outdoor* localizado na entrada da cidade do Natal, durante a década de 1970.

**Acervo:** *Instituto Câmara Cascudo* – Natal-Rio Grande do Norte.

A imagem acima retrata um instrumento de propaganda comercial: um *outdoor*. Durante a década de 1970, esse anúncio podia ser facilmente observado por aqueles que chegavam ou partiam da cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, uma vez que ele estava posicionado na principal via de acesso à cidade, a BR 101, nas proximidades da base aérea

militar e do aeroporto de Parnamirim.<sup>1</sup> Por enquanto, sugiro uma atenta observação da fotografia e, em particular, da formulação textual que nela aparece, na qual já se evidenciam algumas referências ao objetivo precípua deste estudo: problematizar uma intensa relação de identidade existente entre o escritor Luís da Câmara Cascudo e a cidade do Natal, ou seja, analisar a emergência histórica de uma espacialidade que, ao longo deste trabalho, será nomeada de uma *Natal cascudiana*.

A fim de auxiliar no entendimento da imagem devo, prontamente, fornecer algumas explicações acerca do significado dessa *Natal cascudiana*: uma leitura e interpretação da cidade do Natal cujo discurso que lhe dá sentido é a atividade intelectual de Câmara Cascudo. Como nos informam seus biógrafos, Luís da Câmara Cascudo nasceu na cidade do Natal, em 30 de dezembro de 1898, e faleceu na mesma cidade, em 30 de julho de 1986. Na qualidade de escritor polígrafo, ele publicou incontáveis livros e artigos nas áreas da história, do folclore, da etnografia, da crítica literária, do jornalismo, da biografia etc.<sup>2</sup> Como folclorista alcançou reconhecimento internacional ou, nos termos de um representante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Enélio Lima Petrovich, como folclorista Câmara Cascudo “projetou Natal no mundo”.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre este anúncio ver, por exemplo, COSTA, Américo de Oliveira. *Luís da Câmara Cascudo, professor – Saudação pelo dia do professor*. Rio de Janeiro: Ponguetti, 1972. p. 7.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre os dados biográficos de Luís da Câmara Cascudo, ver MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3v.

<sup>3</sup> PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – humanista e sábio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, a. 161, n. 406, p. 119-131, jan./mar. 2000. p. 120.

Em função dessa vasta obra, a cidade do Natal se define tributária do pensamento cascudiano.<sup>4</sup> Na opinião de Américo de Oliveira Costa, diante da contribuição desse escritor para o “conhecimento do homem brasileiro”, seria lícito classificar o século XX como o “século cultural norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo”.<sup>5</sup> Entretanto, apesar da importante bibliografia produzida, Câmara Cascudo é mais conhecido em sua terra como personagem da memória cidadina do que propriamente pelo teor dos escritos que deixou. Qualquer habitante de Natal é capaz de fornecer alguma informação biográfica acerca do escritor, mas pouco conhece sobre o conteúdo dos seus livros.<sup>6</sup> De acordo com o argumento do antropólogo Roberto Mota, em Natal há uma “relativa marginalização da obra de Cascudo [inclusive] dentro da UFRN [Universidade Federal do Rio Grande do Norte], na qual, os pesquisadores se encontram bem melhor informados sobre, por exemplo, os franceses Edgar Morin e Michel Maffesoli”.<sup>7</sup>

Essa relação peculiar que a cidade do Natal mantém com Câmara Cascudo está ligada a um processo de *monumentalização* do escritor que, embora não seja efetivamente fundamentado no teor de sua obra, define-o como “sua mais alta expressão intelectual em todos os tempos”.<sup>8</sup> Por meio dessa deferência, localizamos homenagens a Cascudo nos quatro cantos de Natal, incorporando-o à toponímia urbana. Em outras palavras, seu nome batiza ruas, instituições culturais,

---

<sup>4</sup> É interessante ressaltar que, em diversos momentos deste livro, farei menção à cidade do Natal como uma coletividade social personificada, sobretudo, por políticos, intelectuais e jornalistas. Além dessa acepção, em momentos como este, também farei menção à cidade me referindo à população natalense de um modo geral.

<sup>5</sup> COSTA, Américo de Oliveira. O século cultural norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo. *O Poti*, Natal, 03 ago. 1986.

<sup>6</sup> Cf. MELO, Veríssimo. Câmara Cascudo – esse desconhecido... *A República*, Natal, 07 jul. 1985.

<sup>7</sup> MOTA, Roberto. Meleagro. In: SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva; FFLCH/USP; FAPESP; Natal: Ed. da UFRN: Fundação José Augusto, 2003. p. 185.

<sup>8</sup> COSTA, Américo de Oliveira. *Op. cit.*

estabelecimentos comerciais, Memorial etc. Conforme escreveu Hildergades Viana, ao se referir a essa associação entre o escritor e Natal, Câmara Cascudo e “sua cidade se confundem”.<sup>9</sup> Falar de Cascudo remete a Natal e, reciprocamente, falar dessa cidade é destacar a atividade de seu renomado intelectual.

Mas, por sua vez, Italo Calvino nos ensina que “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”, embora exista uma efetiva ligação entre eles.<sup>10</sup> Fazendo uso do pensamento de Calvino, problematizar a existência de um discurso que dá significado a cidade do Natal como a terra de Luís da Câmara Cascudo é também pensar uma história dos espaços urbanos. Desse ponto de vista, ao invés de analisar as transformações físicas que ocorrem nos espaços citadinos, busca-se examinar os sentidos atribuídos a esses espaços e verificar de que maneira eles constituem outras formas de perceber uma mesma cidade. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento, leitora de Italo Calvino, a cidade “é um espaço com reconhecimento e significação”.<sup>11</sup> Então, enquanto espaço, a cidade do Natal é também dotação de sentido. O termo *Natal cascudiana*, pois, diz respeito a uma das formas como a cidade do Natal – personificada por seus intelectuais, jornalistas e políticos – dá significado a si mesma, tomando como referência a vida e, pretensamente, a obra de Câmara Cascudo.

Com efeito, a imagem que inicio este livro é um bom exemplo de como os discursos tornam visível uma cidade do Natal cascudiana. É certo que havia interesses comerciais na confecção do *outdoor* acima

---

<sup>9</sup> VIANNA, Hildergades. O gigante Câmara Cascudo. *Província*, Natal, n. 2, p. 41-43, 1968. p. 43.

<sup>10</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 59.

<sup>11</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./jun. 2007. p. 15.

reproduzido: o intuito de divulgar um produto, associando-o a um nome com poder de persuasão capaz de qualificá-lo e de incentivar seu consumo. Porém, essa placa da aguardente de cana *Pitú* comportava enunciados e conteúdos simbólicos que iam além de sua condição de veículo de propaganda. Mesmo porque, a associação entre personalidades locais e a marca comercial da aguardente de cana *Pitú* também ocorreu em outras capitais de estados brasileiros, manifestando um propósito claro de lidar com os sentimentos identitários dos consumidores. Sendo assim, não se trata apenas de percebermos os interesses econômicos que possibilitaram essa associação entre o nome de Câmara Cascudo e o “aperitivo do Brasil”, mas também de identificarmos alguns sentidos que orientaram essa aproximação e analisarmos os seus possíveis usos.

De imediato, somos levados a refletir sobre a autoridade da assinatura de Câmara Cascudo. Naquele momento, anos de 1970, ele já se configurava como um folclorista de renome internacional, tendo inclusive dedicado um estudo ao tema da cachaça: o livro *Prelúdio da cachaça*, publicado em 1968.<sup>12</sup> Enquanto estudioso do assunto e, principalmente, como pesquisador da cultura popular, a assinatura de Cascudo servia para autorizar a aguardente de cana, qualificando-a de maneira indireta como um elemento da cultura brasileira.<sup>13</sup> Por meio dessa assinatura, independente do consentimento do escritor, o anúncio lançava argumentos em favor da cachaça, ressaltando até mesmo a importância da bebida para a vida cultural do país. Dessa forma, o prestígio conferido pelo nome de Cascudo –

---

<sup>12</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1968. (Coleção Canavieira).

<sup>13</sup> Acerca do conceito de cultura popular desenvolvido pelos folcloristas, notadamente por Câmara Cascudo, ver ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'água, [s.d.].

associado ao tipo de saber que ele desenvolveu – é um primeiro sentido evidenciado na imagem.

Uma segunda interpretação dá conta da importância adquirida pelo escritor em sua cidade natal, respaldando sua escolha para ilustrar a imagem. Legitimidade que se fazia a partir de sua projeção internacional, distinguindo-o como corifeu da intelectualidade norte-rio-grandense e como personalidade local de grande influência. Citando novamente Enélio Petrovich, que se autoproclamava discípulo de Câmara Cascudo, esse aspecto pode ser definido do seguinte modo: “*primus inter pares* da cultura potiguar e brasileira, em dimensões internacionais, pelo legado que deixou às gerações do presente e do porvir, graças às lições maiores de sua genialidade e seu bem-querer”.<sup>14</sup>

Isso aponta para a *monumentalização intelectual* de Câmara Cascudo, evidenciando o processo de consagração que o alçou a símbolo maior da cultura natalense. Nos anos de 1970, quando o *outdoor* da *Pitú* estava afixado na entrada da cidade, Cascudo já havia sido bastante homenageado pelos segmentos políticos e culturais da sociedade potiguar. Por exemplo, seu nome já figurava na toponímia urbana de Natal através das denominações da Rua Câmara Cascudo (1955), do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo (1965) e da Biblioteca Pública Câmara Cascudo (1973).

Portanto, a questão da identidade salta aos olhos de quem visualiza a fotografia: somos informados por ela que Natal é a terra de Cascudo. Ao aproximar o sujeito do espaço em que ele havia nascido e habitava, uma relação de pertencimento era estabelecida pelo informe publicitário. No

---

<sup>14</sup> PETROVICH, Enélio Lima. Câmara Cascudo – humanista e sábio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, a. 161, n. 406, p. 119-131, jan./mar. 2000. p. 120.

tocante ao *outdoor*, em específico, o observador tomava conhecimento que transitava por um espaço cujo nome de Câmara Cascudo era referência intelectual. Conhecendo ou não a obra do folclorista, o espectador ficava sabendo que estava na terra de alguém importante – haja vista a placa receptiva. Naquele momento, uma posição identitária era anunciada e assumida publicamente: a cidade do Natal declarava seu orgulho de ser berço e reduto de um intelectual brasileiro de escol.<sup>15</sup>

Para quem reside ou visita Natal atualmente a sensação de uma identificação entre o espaço urbano e Câmara Cascudo permanece de maneira semelhante ao exemplo referido. Somos lembrados a todo instante que estamos nos domínios geográfico e intelectual de Cascudo. Em um rápido percurso pelas ruas da cidade encontramos seu nome estampando placas, fachadas e no interior de instituições. Para citar alguns exemplos, antecipo: 1) toponímia urbana: loteamento habitacional, rua e avenida; 2) fachadas: casa, faculdade, livraria, biblioteca, museu e Tribunal de Contas da União; 3) vinculado a instituições: agências bancárias, agência dos correios, Memorial e Instituto, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Academia Norte-rio-grandense de Letras, Teatro Alberto Maranhão e Prefeitura Municipal do Natal.

Diante disso, o objetivo central desta *história dos espaços* que empreendo é interrogar o vínculo identitário existente entre um sujeito e a cidade onde ele nasceu, viveu, produziu sua obra e faleceu. Além disso, anseio verificar até que ponto a fusão desse sujeito com a sua cidade está ligada ao seu processo de consagração intelectual e de sua instituição como monumento cultural local. Este estudo, pois, passará pela vida e pela obra

---

<sup>15</sup> AZEVEDO, Rubens. Luís da Câmara Cascudo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 87, p. 137-138, 2001. p. 137.

casquidiana, pondo em questão como sua biografia e o estudo do seu pensamento foram engendrados a partir da condição do seu nascimento nesse espaço particular. Desejo entender, ainda, sob quais condições históricas essa naturalidade de natalense foi sendo transformada em opção de vida e, conseqüentemente, em postura epistemológica.

Isso significa perceber como sua obra foi sendo articulada ao lugar de onde foi escrita, constituindo-se em um saber sobre a cidade e voltada para ela própria, de modo a ganhar uma conotação provinciana e utilitária. Nas palavras do próprio escritor: “se aqui fiquei para ser Barnabé provinciano não tive jamais outra intenção cultural alheia ao plano útil”.<sup>16</sup> Assim sendo, tenciono questionar o porquê de a escrita da vida casquidiana se confundir com a escrita da história da cidade, examinando as circunstâncias próprias da produção do saber local; o investimento do autor em se constituir como o intelectual da cidade; a projeção alcançada fora dos limites geográfico e cultural do estado do Rio Grande do Norte; o apoio irrestrito recebido por parte dos gestores e do meio cultural natalense; e as contribuições deixadas pela obra casquidiana para essas instituições e para a cultura norte-rio-grandense.

O presente trabalho se torna possível neste momento de retomada do gênero biográfico pela historiografia, logo, com a revisão pela qual tem passado a obra casquidiana. Até pelo menos a segunda metade do século XX, *o universo de Câmara Cascudo* foi tomado como tema de estudo em uma perspectiva personalista.<sup>17</sup> São estudos biobibliográficos desenvolvidos por

---

<sup>16</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. O documento viverá. *A República*, Natal, 28 set. 1960.

<sup>17</sup> Como exemplo dessas biografias personalistas ver, principalmente, COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de um ensaio biobibliográfico*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

peças que foram seus amigos particulares e que, por isso, escreveram a partir dessa relação de intimidade. O lugar social de onde esses estudos são oriundos, uma rede afetiva de amizade, justifica o tom laudatório dessas narrativas de vida e a pouca isenção nelas presente.<sup>18</sup> É notória a manifestação de reverência que essas biografias visaram cumprir, exercendo a função de homenagem intelectual a Cascudo. Nesse sentido, um dos principais meios escolhidos para exaltá-lo e render-lhe tributos foi sua relação com a cidade, justamente o fato de ter escrito uma vasta obra a partir do “remanso de sua província”.<sup>19</sup>

Por outro lado, pelo menos desde a década de 1990, a obra cascudiana vem sendo aos poucos retomada e analisada por estudiosos de formação acadêmica que vêm problematizando os diversos campos do saber nos quais esse autor produziu, buscando compreender o processo constitutivo desse variado universo temático e metodológico que são os escritos de Cascudo. Escrevendo a partir de universidades, esses autores utilizam um maior rigor analítico, conseguindo se expressar com mais desenvoltura e fornecendo uma maior quantidade de explicações e apreciações críticas. Nessa perspectiva, estão os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores Humberto

---

LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*. Natal: RN Econômico, 1978.

MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*.

<sup>18</sup> Apesar da vinculação com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição na qual Diógenes da Cunha Lima se formou em direito em 1963, ingressou como professor em 1966 e foi reitor de 1979 a 1983, seus escritos sobre Câmara Cascudo foram orientados por uma demonstração de amizade ao biografado. Por esse motivo, os trabalhos de Cunha Lima também estão englobados nesse primeiro momento de produção sobre Cascudo que está sendo aqui nomeado de uma produção personalista.

Disponível em: <<http://www.50anos.ufrn.br/rectors/index/page:1>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

<sup>19</sup> CALAZANS, João. Luís da Câmara Cascudo. *Crítica Política & Letras*, Recife, ago./set. 1972.

Hermenegildo de Araújo, Raimundo Pereira Alencar Arrais, Margarida de Souza Neves e Durval Muniz de Albuquerque Júnior.<sup>20</sup>

Vinculado ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Humberto Hermenegildo tem coordenado e empreendido pesquisas a respeito da atuação literária cascudiana nos anos de 1920.<sup>21</sup> Mais precisamente, tem voltado seus interesses para explicar a atuação modernista desse escritor, de maneira a compreender como o Rio Grande do Norte se articulou aos demais estados nordestinos que, em meados da segunda década do século XX, ensaiavam seus primeiros passos no movimento modernista.<sup>22</sup> Nos estudos de Hermenegildo o modernismo literário aparece como foco central de suas preocupações, servindo de

---

<sup>20</sup> Destaco ainda as iniciativas dos pesquisadores Marcos Silva e Vânia Gico que estão vinculados, respectivamente, a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O historiador Marcos Silva, particularmente, organizou o estudo *Dicionário crítico Câmara Cascudo*, publicado em 2003. Neste livro, a bibliografia cascudiana foi analisada por pesquisadores brasileiros norteados por posturas teórico-metodológicas diversas. A disparidade teórica e metodológica dessas análises implica leitura minuciosa do livro para identificarmos os posicionamentos que orientam tais resenhas. Por esse motivo, não o incluímos nesta discussão bibliográfica que tem como objetivo precípua situar o leitor em um debate teórico-metodológico específico, no qual este livro se inscreve.

Ver SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*.

Ao realizar sua pesquisa para um doutoramento em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, acerca de Luís da Câmara Cascudo, a cientista social e biblioteconomista Vânia Gico empreendeu um levantamento bibliográfico acerca dos escritos de e sobre Cascudo produzidos entre 1968 e 1995. Este inventário deu continuidade ao trabalho bibliográfico desenvolvido por Zila Mamede referente às publicações cascudianas entre 1918 e 1968. Apesar de não ter acesso à tese de Vânia Gico, ressalto a contribuição do arrolamento e descrição das fontes consultadas por esta pesquisadora, publicado em livro no ano de 1996, para os estudiosos da obra cascudiana.

Ver GICO, Vânia. *Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada - 1968/1995*. 1. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1996.

<sup>21</sup> ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

<sup>22</sup> Acerca do Movimento Modernista na região Nordeste do Brasil, ver AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.

suporte à discussão que promove em torno das experiências literárias formadoras do pensamento cascudiano.<sup>23</sup> Como pioneiro no estudo crítico do pensamento de Câmara Cascudo, Humberto Hermenegildo contribuiu para o surgimento de novos estudos cascudianos, indo bem além da perspectiva personalista que vinha pautando a produção historiográfica sobre esse tema candente na sociedade potiguar.

Analisando a mesma época estudada por Hermenegildo, e também vinculado a UFRN, o historiador Raimundo Arrais tem escrito alguns trabalhos voltados para a questão da história urbana. Nos estudos em que trata da modernização da cidade do Natal, os quais me interessam mais de perto, ele expõe o papel das crônicas cascudianas publicadas nos jornais locais *A Imprensa* e *A República*, durante os anos 1920, para a construção das imagens de uma Natal moderna e de sua contrapartida, uma Natal antiga.<sup>24</sup> Para Arrais, os intelectuais do início do século XX percebiam a escrita como um instrumento de intervenção social, por isso utilizavam as suas posições de jornalistas para elaborarem crônicas com o intuito de registrarem e guiarem o processo de modernização pela qual as cidades brasileiras estavam passando.

Notadamente os escritos cascudianos, além de buscarem conduzir os rumos da modernidade natalense, delimitaram uma Natal antiga que estava sendo transformada pelo ímpeto modernizador dos gestores locais. Nesse ponto de intercessão entre a futura nova cidade e a cidade nostalgia, Cascudo teria estabelecido uma das primeiras relações de interação e pertencimento com esse espaço, posicionando-se como demiurgo de uma

---

<sup>23</sup> ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN: SESI, 1998.

<sup>24</sup> ARRAIS, Raimundo. (Org.). *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: Ed. da UFRN, 2005.

cidade moderna e como zeloso guardador do seu passado.<sup>25</sup> Ao passo que essa cidade do Natal, dividida entre o moderno e o antigo, ganhou forma nos anos de 1920, surgiu para a vida intelectual o Câmara Cascudo cronista, anunciando o nascimento dessa cidade e assumindo um papel atuante sobre o espaço urbano. Enfim, como bem escreveu Raimundo Arrais, naquele momento o cronista se fundiu à cidade que ele edificou, “não com pedras, mas com letras”.<sup>26</sup>

Por sua vez, Margarida de Souza Neves foi uma das interlocutoras deste livro. Enquanto coordenadora do projeto *Modernos Descobrimentos do Brasil*, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), essa historiadora problematizou diferentes perspectivas da vida e da obra cascudiana, tomando como fonte de estudo o acervo deixado pelo escritor e tornando público, na *Internet*, os resultados alcançados no seu itinerário de pesquisa.<sup>27</sup> Conforme propôs a pesquisadora, Câmara Cascudo deve ser considerado um dos “descobridores do Brasil” que contribuiu de forma marcante para o pensamento social brasileiro. Para ela, em virtude dos distintos campos de saber nos quais está assentada a obra cascudiana, é possível utilizarmos os escritos de Cascudo para compreendermos diversas concepções e interpretações voltadas para o

---

<sup>25</sup> Em perspectiva semelhante à desenvolvida por Raimundo Arrais, ver BRITO, Marília Barbosa de. *Um homem, uma cidade: relações de Luís da Câmara Cascudo com a moderna cidade do Natal (1918-1929)*. 94f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

<sup>26</sup> ARRAIS, Raimundo. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. p. 69.

<sup>27</sup> MODERNOS descobrimentos do Brasil. Coordenação de Margarida de Souza Neves. Desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995-2004. Apresenta textos, imagens e informações sobre alguns intelectuais que contribuíram para pensar o Brasil. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/modernosdescobrimentos.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2008.

entendimento de aspectos sócio-culturais do Brasil. Sobre isso, Margarida Neves assim escreveu:

Câmara Cascudo é um incansável buscador do Brasil. São muitos os seus *descobrimientos* pessoais e muitos mais os que sua obra possibilita. As proporções gigantescas de sua produção, os distintos campos intelectuais em que atua como folclorista, historiador, etnógrafo, ficcionista, cronista, professor, ensaísta ou memorialista, fazem dele um escritor polígrafo e um intelectual polifacético (Grifo da autora).<sup>28</sup>

A partir dessas reflexões acerca de um Câmara Cascudo descobridor do Brasil, pesquisadores reunidos em torno da PUC-Rio produziram análises cuja abordagem multifacetada dos escritos cascudianos foi o eixo central. Em especial, destaco o estudo desenvolvido por Cristiane Silva Furtado, intitulado *A cidade e o letrado, a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal*.<sup>29</sup>

Apesar de manter uma aproximação temática e teórica evidente com minha pesquisa, o trabalho de Cristiane Furtado foi organizado a partir de uma problemática e de um eixo interpretativo divergentes das orientações que me servem de norte. A pesquisa de Furtado parte da constatação da

---

<sup>28</sup> NEVES, Margarida de Souza. Câmara Cascudo, moderno descobridor. In: *MODERNOS descobrimientos do Brasil*. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/frame.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2008.

<sup>29</sup> Como não tive acesso ao estudo de Cristiane Furtado na íntegra, estive limitado a consultar um relatório de sua pesquisa que está disponível no endereço eletrônico do projeto *Modernos Descobrimientos do Brasil*. Mesmo assim, tal relatório me permitiu traçar a linha de pensamento de Furtado, conhecer seus objetivos, compará-los com meu próprio trabalho de pesquisa e identificar as semelhanças e as diferenças de nossos estudos. Cf. FURTADO, Cristiane Silva. *A cidade e o letrado, a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal*. Rio de Janeiro, 2004. 56p. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica FAPERJ. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2008.

monumentalização de Câmara Cascudo pela cidade do Natal para analisar os sentidos impregnados nesse cenário urbano que serve de “palco onde se encena a memória viva de Luís da Câmara Cascudo”.<sup>30</sup> Na medida em que identifica a existência dessa monumentalização, ela expõe os *lugares de memória* cascudianos na cidade e explica a significação que esses locais possuem e transmitem.<sup>31</sup>

Particularmente, Cristiane Furtado percorre a cidade do Natal, identificando aquilo que ela nomeou de uma “cartografia simbólica” que demonstra a monumentalização de Cascudo.<sup>32</sup> Por exemplo, ao analisar o Memorial Câmara Cascudo e a estátua do escritor posicionada à frente dessa instituição, ela interpreta a simbologia do lugar como uma sacralização do escritor ou, nos termos conceituais que utiliza, enquanto uma entronização do *letrado* pela *cidade*.<sup>33</sup> Nessa perspectiva, a pesquisadora enfoca os principais lugares criados em memória de Cascudo, interpretando os sentidos que eles emprestam à monumentalização do escritor, ou seja, detém-se a explicar os usos simbólicos mais recentes desses lugares.

Portanto, nossas pesquisas dialogam entre si, mas foram estruturadas de maneiras distintas. Em virtude da problemática que desenvolvo, esta pesquisa investiga a consagração intelectual de Câmara Cascudo pela cidade do Natal enquanto um processo ocorrido durante todo o século XX. Diferente de Cristiane Furtado, formulei este trabalho de modo a perceber as condições de possibilidade dessa monumentalização, realizando uma *genealogia* das relações de proximidade estabelecidas entre Cascudo e

---

<sup>30</sup> *Id.*, *Ibid.* p. 7.

<sup>31</sup> O conceito de “lugar de memória” é uma das principais noções teóricas que Cristiane Furtado utiliza. Por ora, ver NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez. 1993.

<sup>32</sup> FURTADO, Cristiane Silva. *Op. cit.*, p. 18.

<sup>33</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 22.

Natal.<sup>34</sup> Assim entendido, não trato diretamente dos usos e significados desses *lugares de memória* materializados no espaço da cidade. Antes, examino como esse escritor foi se articulando e sendo articulado à cidade do Natal durante sua vida. Isso significa perceber a emergência de uma identidade entre sujeito e espaço que passa pela assunção de posições intelectuais e, só depois, atinge a criação de lugares voltados a uma memória cascudiana. Para efeitos de um trabalho historiográfico, a constituição dessa identidade entre Natal e Cascudo – que simbolicamente foi sendo impressa na arquitetura da cidade – pode ser resumida na ideia de uma *Natal cascudiana*.

Desse modo, minha pesquisa tem procurado dialogar com estudos que enfatizam uma dimensão crítica do conhecimento, cuja proposta busco aqui empreender. Tal diálogo é possível através das atividades realizadas junto a um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que, sob a coordenação do também historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, tem questionado as versões consagradas acerca da vida e da obra de Luís da Câmara Cascudo.<sup>35</sup> Em grande medida, esses jovens historiadores têm procurado fornecer novas interpretações sobre o pensamento cascudiano, em função de outras concepções teórico-metodológicas do saber histórico e do acesso a documentos ainda não utilizados. Com essa proposta, por exemplo, foram produzidos estudos revisionistas acerca da participação desse escritor norte-rio-grandense nos movimentos literários modernista e regionalista-tradicionalista, ocorridos

---

<sup>34</sup> Sobre o exercício de uma genealogia histórica, ver FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

<sup>35</sup> Acerca do projeto que reúne esses jovens pesquisadores, ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o Tempo”: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986)*. 2004. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

nos anos de 1920; bem como, sobre a sua polêmica atuação política no movimento integralista, ao longo dos anos de 1930.<sup>36</sup>

Esse grupo de pesquisadores, ao qual estou vinculado desde 2004, adotou como referencial as novas concepções teórico-metodológicas que embasam o gênero biográfico. De acordo com essa concepção, as narrativas biográficas não são mais produzidas no intuito de forjar uma coerência para uma vida e, assim, transformá-la em exemplo para a sociedade. Trata-se, contrariamente, de questionar essa lógica e perceber as múltiplas identidades e papéis sociais que os indivíduos assumem durante suas vidas.<sup>37</sup> Por isso, ao invés de pensar um sujeito por meio de um todo coerente e orientado para a realização de um dado projeto de vida, naquilo que Pierre Bourdieu chamou de *ilusão biográfica*<sup>38</sup>, busco demonstrar as incoerências, as fragmentações e as vinculações sociais que fazem parte da história de vida de Câmara Cascudo e que estão ligadas à emergência histórica de um recorte espacial: a *Natal cascudiana* – essa cidade na qual Cascudo ocupou diversos lugares e cuja identidade atual o toma como modelo de natalense devotado a sua terra.

Almejo entender, desse modo, como surgiu historicamente essa cidade que gira em torno de seu intérprete. Minhas indagações visam problematizar como e por que um indivíduo foi articulado ao espaço no qual

---

<sup>36</sup> SALES NETO, Francisco Firmino. *Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionista nordestino*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008.

TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. *Silenciando peças e criando lacunas: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945)*. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

<sup>37</sup> Sobre a ideia de identidades múltiplas na sociedade contemporânea, ver HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

<sup>38</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 183-191.

viveu. Nesse sentido, questiono: por que Cascudo optou por ficar em Natal? Por que sua obra, embora proclamada um saber universal, é considerada provinciana? Por que sua biografia está centrada nessa relação entre a sua permanência na cidade e a sua consagração intelectual? Quais os interesses e as condições de possibilidade que nortearam a construção dessa identificação entre Câmara Cascudo e a cidade do Natal? São essas e outras questões correlatas que este trabalho se propõe a responder.

Diante da problemática formulada, qual seja, pensar essa indissociação existente entre Câmara Cascudo e a cidade do Natal, desenvolvo a ideia de que essa *Natal cascudiana* é, a princípio, um *espaço literário*. A existência dessa cidade de Cascudo dependeu de um gesto de escritura: só foi possível graças a sua atuação literária. A noção de espaço literário parte das formulações de Maurice Blanchot. Segundo Blanchot, a obra seria o caminho pelo qual um autor busca realizar-se, pelo qual investe no trabalho ilusório de alcançar a eternidade. Por esse modo, assumir-se como sujeito-autor leva o indivíduo a querer escrever sempre mais e mais, em uma ânsia do interminável e do inacessível que, pretensamente, seria finalizar a obra que o imortalizaria. A escrita seria, então, uma tentativa de anular o tempo e de criar um espaço de afirmação para o autor.<sup>39</sup>

Em sentido semelhante estaria a obra de Câmara Cascudo, pois, a partir dela, ele sempre estaria vinculado a sua realização: a escrita de uma história da cidade do Natal. Para alcançar essa finalidade, ele fez uso de seu capital intelectual, aproveitou-se de seu domínio sobre a escrita, valeu-se daquilo que Michel Foucault chamou de uma *função autor*. Segundo Foucault, a autoria é uma função intelectual que se caracteriza por uma

---

<sup>39</sup> BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

ruptura instaurada na produção de alguns discursos no interior da sociedade, alterando de alguma maneira a ordem discursiva estabelecida e orientando a realização de novas práticas sociais. Ainda de acordo com o pensamento de Michel Foucault, essa função discursiva obedece a regras específicas a cada momento histórico, sendo modificada toda vez que novas demandas sociais e intelectuais são requeridas.<sup>40</sup>

No tocante a Câmara Cascudo, essa função de autoria expressa o modo como seus escritos buscaram intervir discursivamente no social, produzindo um conhecimento voltado para a cidade. Isso explica as diferentes funções que esse autor foi assumindo ao longo dos anos para atender as demandas sociais e intelectuais do momento: a de crítico literário, entre finais dos anos de 1910 e meados dos anos de 1920; a de historiador, de meados dos anos 1920 até os anos de 1940; a de folclorista, nas décadas de 1940 e de 1950; e a de etnógrafo, nas décadas de 1950 e de 1960.<sup>41</sup> Esse inventário não trata de estabelecer temporalidades estanques para a obra de Cascudo, mesmo porque ele publicou, simultaneamente, livros nessas diversas áreas do saber. Trata-se, *grosso modo*, de verificar a própria historicidade da função de autoria cascudiana, percebendo como seu papel intelectual e seus livros foram sendo norteados por regras epistemológicas e anseios sociais distintos pelos anos afora.

Assim sendo, a *Natal cascudiana* surgiu como resultado de uma ruptura na historiografia local, uma vez que o autor cumpriu a tarefa de prover a cidade de uma história da qual ela ainda não era conhecedora. Através dos seus escritos, particularmente aqueles que tematizaram a história da cidade, Cascudo forneceu um significado a Natal, tornando-se

---

<sup>40</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

<sup>41</sup> MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. v. 1.

ele próprio a imagem desse espaço. Entendo, pois, que a escritura da obra cascudiana contribuiu para a formação de um *espaço literário* e, conseqüentemente, *identitário* na e para a cidade do Natal.

Portanto, seus escritos instauraram uma dada forma de conceber a cidade e, em virtude da visibilidade desses enunciados, projetaram-lhe enquanto produtor de conhecimento. Quero dizer com isto que a projeção de Cascudo como intelectual, residindo e produzindo em Natal, fez dele um sujeito necessário para a cidade. Por esse modo, Natal também ganhava notoriedade com a projeção de um *filho da terra*. Posso afirmar, como nos mostrou a pesquisa, que até os gestores e a intelectualidade natalense também fizeram uso da autoridade e do prestígio adquiridos por Cascudo.

Outro conceito importante é a ideia de *monumentalização*. Mas o que significa um processo de *monumentalização*? O que é ser um *monumento*? O que faz de Câmara Cascudo um *autor-monumento*? Deparar-se com sua imagem por toda a parte na cidade, percebê-lo em todo lugar, visualizar seu nome nas fachadas dos prédios tem a ver com a aura de consagração que foi sendo criada em torno do escritor, notadamente em volta do historiador oficial da cidade do Natal. O fato de ter se consolidado como o principal escritor da cidade fez dele um sujeito privilegiado, de modo que constantemente são criados lugares para perpetuar sua importância, recordá-lo e evocar sua atividade intelectual.

Para Jacques Le Goff, a ideia de monumento diz muito de uma sociedade. Criar ou manter monumentos reflete uma intenção de perpetuar uma configuração do passado que não é dada em si, mas um produto do

social que o fabricou e do presente que o ressignifica.<sup>42</sup> A noção de monumento corresponderia a uma tentativa de perpetuação do tempo e a uma iniciativa de testemunhar em favor de algum sentido exponencial para sociedade. Em se tratando de um autor-monumento, o conceito engloba as ações individuais na fixidez da memória. Enquanto indivíduo consagrado, o escritor Câmara Cascudo seria uma existência atemporal e permanente, a partir de ações que o erguem como personagem destacado.

Essa imagem monumental, uma vez manifesta na toponímia da cidade, corresponde àquilo que Pierre Nora chamou de um *lugar de memória*, uma vez que reproduz as três manifestações que caracterizam esse tipo de lugar: uma existência material, simbólica e funcional, ou seja, possui uma espacialidade física concreta, possui um cunho valorativo simbólico e exerce uma função de evocar a lembrança, evitando o esquecimento de sua notoriedade enquanto autor.<sup>43</sup> Pierre Nora escreveu ainda que os lugares de memória são criados através de gestos conscientes para refugiar determinadas memórias e cristalizá-las na sociedade. Nesse caso, em especial, os lugares de memória serviriam para fixar uma recordação de Câmara Cascudo em torno da cidade do Natal.

Por fim, em termos metodológicos, este trabalho desenvolve uma *análise de discurso* e lida com a ideia de *enunciação*, isto é, como os discursos emitem enunciados que constituem determinados objetos de saber face às relações de poder no interior da sociedade.<sup>44</sup> A espacialidade que vem sendo aqui chamada de uma *Natal cascudiana* é resultante de uma

---

<sup>42</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. (Coleção Repertórios). p. 545.

<sup>43</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez. 1993. p. 21.

<sup>44</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

posição de autoria e constitui-se de camadas de linguagem e de sentidos – de um lado, orientados por Câmara Cascudo e, de outro, agenciados por intelectuais, gestores e instituições. Esses enunciados, então, possuem determinadas finalidades e objetivam uma dada forma de conceber e de perceber a cidade.

Para além de uma desmontagem dos discursos, é preciso explicitar como esse regime discursivo construiu uma concepção de espaço vinculada à narrativa de uma vida ou, dito de outro modo, como uma biografia foi gestada na dependência de um espaço. Por isso, a compreensão de Michel Foucault sobre a análise de discurso é pertinente a este trabalho, uma vez que apresenta as condições de possibilidade dos objetos sobre os quais os historiadores se detêm. Trata-se de identificar nas séries documentais a regularidade que possibilitou a emergência histórica do tema aqui desenvolvido. Isto implica, necessariamente, questionar essa regularidade para entender a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal.

Foucault ressalta que a análise discursiva das fontes não anseia identificar um sentido interior ao texto, como se houvesse uma essência a ser desvendada pelo historiador ou como se o passado tivesse um único significado que fosse reflexo do documento. Não obstante, esse tipo de análise aproxima os diferentes sentidos assumidos por um texto com a exterioridade que lhe dá suporte e o constitui. Nas palavras do próprio filósofo, não se deve

passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. p. 53.

Dessa forma, uma variada gama de documentos será submetida à análise de discurso: livros, artigos, entrevistas, correspondências e, mesmo, imagens sobre a relação entre Luís da Câmara Cascudo e a cidade do Natal. Apesar de possuírem naturezas tipológicas distintas e, conseqüentemente, requererem especificidades de tratamento e de exame, essas fontes serão analisadas enquanto discursos, como enunciadoras de uma ordem social. O que não significa menosprezar as metodologias específicas no tratamento de cada fonte em função de seu suporte material, de seus meios de produção e circulação e de suas formas de recepção e apropriação. Significa, ao contrário, aproximar essa documentação através daquilo que lhe é comum: o mesmo universo temático. Assim, imagens e textos possuem uma mesma dimensão discursiva que pode ser examinada de acordo com os objetivos deste estudo.

Diante disso, estruturei o trabalho em três partes. No primeiro capítulo, o objetivo é investigar a emergência de uma relação identitária entre Luís da Câmara Cascudo e a cidade do Natal, por meio da análise de sua formação e dos lugares sociais por ele ocupados. Nesse primeiro momento, verifico até que ponto sua situação financeira privilegiada lhe permitiu estar à frente do meio cultural da cidade. Ao mesmo tempo, procuro compreender de que maneira a perda desse poderio econômico, durante os anos de 1930, interferiu diretamente nos rumos tomados por Cascudo nos anos seguintes, influenciando sua residência fixa em Natal e sua vinculação com os representantes políticos locais.

No segundo capítulo, examino uma significativa posição intelectual ocupada por Câmara Cascudo, a partir de 1948: o cargo de *historiador da cidade do Natal*, concedido pelo prefeito Sylvio Piza Pedroza. Nessa

segunda parte, discuto como a assunção desse cargo público possibilitou a institucionalização de sua obra acerca da história local, cujo resultado foi sua consagração e monumentalização. Sendo assim, busco entender como a escrita de uma história para Natal representou a constituição de um espaço de autoria que, em contrapartida, fez de Cascudo o principal autor da cidade.

No último capítulo, abordo um dos aspectos centrais da monumentalização cascudiana: a constituição de alguns *lugares de memória* que tornam Cascudo uma presença constante em todos os cantos de Natal. Explico também o surgimento de alguns epítetos que reiteram essa relação sujeito e espaço, como o *provinciano incurável* e o *escritor de província*; bem como, examino a ação do Memorial Câmara Cascudo na reificação dessa memória cascudiana pela cidade.

No conjunto, o livro apresenta novas leituras para a relação entre Luís da Câmara Cascudo e a cidade do Natal, evidenciando como na constituição dessa *Natal cascudiana* há um conjunto de enunciados e formulações que produziram tal espacialidade e que transformaram um sujeito em *metonímia* do urbano.<sup>46</sup> Ao analisarmos essa outra cidade, podemos explicar como a vida de um sujeito privilegiado dentro da sociedade natalense foi sendo *estendida* ao espaço e, assim, pode ser *entendida* através desse espaço.

---

<sup>46</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994. (Ensaio de Cultura, 6).

## CAPÍTULO 1

### *Um determinismo telúrico?*

*O homem é a cidade em que nasce.*<sup>47</sup>

*Luís da Câmara Cascudo*

O objetivo deste capítulo é analisar a emergência histórica de uma relação identitária entre o escritor Luís da Câmara Cascudo e a cidade do Natal, questionando em que momento essa identificação foi estabelecida e sob quais circunstâncias ela foi formulada. Com esse fim, examino o período compreendido entre o nascimento do escritor em Natal, ocorrido em 1898, e sua decisão por permanecer nessa mesma cidade, por volta do final da década de 1920 e meados da década seguinte. Tal recorte cronológico compreende o auge financeiro da família Cascudo, aqui pensado como uma posição social privilegiada que mediou suas relações com a cidade e que influenciou os rumos intelectuais tomados pelo membro mais conhecido dessa linhagem familiar.

A vida de Cascudo é resumida por seus biógrafos através de um enunciado padrão que o remete a Natal: “Luís da Câmara Cascudo nasceu a 30 de dezembro de 1898, em Natal/RN [Rio Grande do Norte], cidade onde viveu toda a sua vida e onde veio a falecer em 30 de julho de 1986”.<sup>48</sup> Apesar de promover uma associação explícita entre Cascudo e a cidade, esse tipo de exposição de dados biográficos pode vir a ser um fator importante para quem pesquisa trajetórias de vida. Não há como prescindir

---

<sup>47</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. In: *DEPOIMENTO: Cascudo*. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.

<sup>48</sup> Cf. MEMORIAL Câmara Cascudo. *Folder de divulgação*. Natal: [s.e.], [s.d.]. Acervo pessoal.

da lógica de situar o sujeito no tempo e no espaço para dispor de referenciais de análise para seu pensamento – como eu mesmo sinto a necessidade de fazer, em termos historiográficos, para posicioná-lo dentro de um lugar social de produção.

No entanto, esse uso da biografia não deve corresponder a um mero contexto no qual o indivíduo é inserido e explicado, deve sim ser assumido como uma posição de historicidade que demonstre as articulações entre sujeito e sociedade temporalmente.<sup>49</sup> Em se tratando de Câmara Cascudo, isso significa dizer que não é suficiente apenas afirmar que ele nasceu, viveu e morreu em Natal. Considerando o entendimento cascudiano de que o “homem é a cidade em que nasce”, é necessário refletirmos sobre o fato de ele ter nascido, vivido e morrido nessa cidade, examinando o que isso representou para o desenvolvimento de sua atividade intelectual.<sup>50</sup> Sendo assim, é interessante acompanharmos os lugares ocupados por esse sujeito na cidade para verificarmos como ele se relacionou com a sociedade de seu tempo e compreendermos de que modo essa condição de natalense foi sendo transformada em marco biográfico, bem como em eixo produtivo e explicativo de sua obra.

Sobretudo porque, com o avançar da idade, o próprio Cascudo forneceu textos de cunho autobiográfico, cujo enredo remontava ao seu nascimento em Natal e conferia uma espontaneidade para a sua opção de permanecer nessa mesma cidade, enquanto seus conterrâneos migravam para os grandes centros urbanos do país. Segundo ele, boa parte dos seus amigos de juventude havia partido em busca de realização e fortuna nas

---

<sup>49</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. p. 167-182.

<sup>50</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. In: *DEPOIMENTO: Cascudo*. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.

idades de Salvador, São Paulo, Recife e, principalmente, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal.<sup>51</sup> Naquela época, Natal era ainda uma cidade muito “pequena, pobre, sem meios de expressão. Não tinha escola superior, poucos jornais”.<sup>52</sup> Em face de tais barreiras, aqueles que desejavam uma formação universitária foram obrigados a se deslocar para essas quatro cidades, onde estavam sediadas as faculdades de medicina e direito. Muitos desses jovens, após terminarem o curso médico ou jurídico, escolheram

---

<sup>51</sup> Rodolfo Garcia e Peregrino Júnior são exemplos de norte-rio-grandenses, contemporâneos de Cascudo, que deixaram o Rio Grande do Norte para residirem em grandes centros urbanos. Apesar das projeções alcançadas no Rio de Janeiro, cidade para a qual migraram, esses dois escritores são pouco conhecidos pelos seus conterrâneos.

O advogado, jornalista e historiador Rodolfo Augusto de Amorim Garcia nasceu no município de Ceará-mirim, em 1873. Formou-se em direito, em 1908, pela Faculdade de Direito do Recife. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1921, e para a Academia Brasileira de Letras, em 1934. Em 1930, assumiu a direção do Museu Histórico Nacional e, em 1932, assumiu a direção da Biblioteca Nacional, instituições também sediadas no Rio de Janeiro. Faleceu nesta mesma cidade, em 1949. Tendo saído do Rio Grande do Norte muito jovem e construído sua carreira intelectual sem maiores referências a sua cidade natal, Rodolfo Garcia é praticamente desconhecido de seus conterrâneos, excetuando-se seus pares do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Cf. BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. Rodolfo Garcia. In: \_\_\_\_\_. *Gente viva*. 1. ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 119-123.

O médico, jornalista e ensaísta João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes nasceu na cidade do Natal, em 1898 – mesmo ano em que nasceu Câmara Cascudo. Em 1914, transferiu-se para a cidade de Belém e, em 1920, instalou-se no Rio de Janeiro. Formou-se em medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1929. Em 1945, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Foi ainda professor da Faculdade Nacional de Medicina e professor emérito da Universidade do Brasil. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1983. Por não ter se desvinculado totalmente do Rio Grande do Norte, Peregrino Júnior é um pouco mais conhecido entre seus conterrâneos do que Rodolfo Garcia.

Cf. BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

JÚNIOR, Peregrino. Minha geração... In: \_\_\_\_\_. CAVALHEIRO, Edgar. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. (Coleção Autores Brasileiros, 9). p. 209-217.

<sup>52</sup> Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Entrevista*. Entrevistadora: Cláudia Leite. Natal: TV Neves, 1984. (10m45). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0\\_jXI](http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0_jXI)>. Acesso em: 19 set. 2007.

essas cidades maiores para se fixarem e exercerem suas recém-adquiridas profissões.

Ainda nesses escritos pessoais, Câmara Cascudo explicitou alguns dos fatores que lhe teriam atribuído o dever de não abandonar sua terra, afastando-o dos caminhos seguidos pela maioria dos jovens de sua época. Um dos motivos apontados seria a forte relação de amor e de gratidão com a cidade que o “criou”, débito a ser pago por meio de seus úteis esforços provincianos: “por isso, vistos e relatados os presentes autos, fico na província, no Natal, no meio do meu povo que acha uma graça do outro mundo nas minhas laboriosas inutilidades”.<sup>53</sup> Permanecer em Natal estaria ligado a questões sentimentais e práticas. De um lado, os laços afetivos com a cidade e com seus habitantes; de outro, um conjunto de experiências que teriam marcado sua formação como homem e que, em grande medida, estariam dadas por seu nascimento nesse espaço.<sup>54</sup>

Ao final da vida, Cascudo buscou encarnar esse amor a Natal, declarando:

Natal, minha cidade natal, é o cenário imóvel na minha memória. Natal foi a impressão primeira, o ambiente emocionador da minha meninice, adolescência e maturidade. *O homem é a cidade em que nasce*. O Povo da minha cidade foi a minha curiosidade inicial, a pesquisa do repórter, a análise do estudioso. O Povo, na convivência, termina sendo a grande família anônima, da qual nós vivemos. Por isso eu acredito, aos oitenta anos, que quem não tiver debaixo dos pés da alma a areia de sua terra não resiste aos atritos da sua viagem

---

<sup>53</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Depois de D. Pedro I sou homem para gritar sem que a felicidade geral da Nação dependa de mim: fico! E vou ficando. *Presença*, Recife, n. 2, set. 1948.

<sup>54</sup> *Id.*, *Entrevista*. Entrevistadora: Cláudia Leite. Natal: TV Neves, 1984. (10m45). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0\\_jXI](http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0_jXI)>. Acesso em: 19 set. 2007.

na vida, acaba incolor, inodoro e insípido, parecido com todos (Grifo meu).<sup>55</sup>

Fazendo uso de um jogo de palavras entre o nome da cidade e o local do seu nascimento, Cascudo apresentou Natal como elemento fundante de sua memória, marcada por recordações acerca das experiências vividas nesse espaço, em todas as fases de sua existência. Aos oitenta anos de idade, quando esse amor foi reiterado, ele apontou sua relação com a cidade como aquilo que lhe diferenciava de outras pessoas, pois ter “debaixo dos pés da alma a areia de sua terra” natal indicava apegos e experiências que poderiam dar sentido a sua vida e que, pretensamente, explicariam as iniciativas de um estudioso do *povo* natalense. Para ele, seria a vinculação à amada terra o impulso inicial de seu trabalho e o elemento determinante de sua obra.

Por isso, retrospectivamente, Cascudo mapeou em sua vida a ação de uma força que ele nomeou de um “determinismo telúrico”, fixando-o à cidade e orientando seus estudos.<sup>56</sup> Cunhando esse termo, ele forneceu uma explicação para a sua proclamada obstinação em permanecer na capital do Rio Grande do Norte, mesmo perante convites “para o exercício de atividades em centros universitários e culturais do sul do país”.<sup>57</sup> Para o folclorista potiguar, um homem era produto da terra em que havia nascido e vivido ou, conforme sua célebre frase, “o melhor produto do Brasil é ainda o

---

<sup>55</sup> *Id.*, In: *DEPOIMENTO: Cascudo*. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.

<sup>56</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Entrevista*. Série: Literatura e Folclore. Entrevistadores: Aurélio Buarque de Holanda, Fernando Luís da Câmara Cascudo, Joracy Camargo, Mozart Araújo e Renato Almeida. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. 2 CDs (61m e 54m).

<sup>57</sup> COSTA, Américo de Oliveira. Perfil de Luís da Câmara Cascudo. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1972. (Coleção Brasil Moço, 6). p. ix.

brasileiro”.<sup>58</sup> Logo, nesse jogo identitário, o melhor produto de Natal era o natalense – mormente aquele devotado à cidade, que para ela contribuía e retribuía.

Diante da relevância atribuída pelo escritor à cidade do Natal na sua formação como pessoa e no desenvolvimento de suas atividades intelectuais, analiso neste capítulo o lugar social do nascimento de *Cascudinho* e suas relações iniciais com sua cidade natal. Mais do que revelar um amor devotado ou determinar teluricamente uma vida, essa aproximação identitária nos permite entender como Luís da Câmara Cascudo se transformou em referência cultural natalense.

### *1.1 Nasce um menino canguleiro*

As primeiras relações de *Cascudinho* com a cidade do Natal, evidentemente, foram mediadas pela posição social de seus pais, Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Ana Maria da Câmara Pimenta.<sup>59</sup> Oriundos do interior do Rio Grande do Norte, mais precisamente da vila de Campo Grande, o casal se transferiu para Natal por volta do início da década de 1890 e logo estabeleceu relações de amizade com o grupo político que

---

<sup>58</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Pedro Bloch entrevista Câmara Cascudo. *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 70-73, fev. 1964. p. 73.

Em julho de 2004, essa frase cascudiana inspirou uma campanha publicitária criada pela Associação Brasileira de Anunciantes. Com o *slogan* “O melhor do Brasil é o brasileiro” essa campanha tem buscado elevar a autoestima dos brasileiros por meio de “exemplos individuais de persistência, criatividade, superação de adversidades e vitória de personalidades célebres e de pessoas comuns, que servem como inspiração para o cidadão brasileiro desenvolver sua própria autoestima, ou seja: acreditar mais e gostar mais de si próprio e perceber-se como agente ativo para a melhoria de sua própria vida e da vida do seu País”.

Sobre essa campanha, ver O MELHOR do Brasil é o brasileiro. Disponível em: <<http://www.aba.com.br/omelhordobrasil/>>. Acesso em: 09 abr. 2009.

<sup>59</sup> Sobre Francisco Cascudo (1863-1935) e Ana da Câmara Cascudo (1871-1962), ver LEMOS, Thadeu Villar de. *O coronel Cascudo*. Niterói: Oficina da Revista Rural, 1967.

administrava o governo e regulava a economia local: a família Albuquerque Maranhão. Naquela época, recém-implantada a República no Brasil, esse grupo familiar liderado pela figura de Pedro Velho dirigia os diversos segmentos da sociedade local, designando cargos a serem implantados e indicando pessoas para exercê-los. Articular-se a essa família era necessário para aqueles que desejavam estarem presentes nas esferas de decisão da cidade.<sup>60</sup>

Ante essa proximidade política, já em 1892, Francisco Cascudo foi nomeado pelo então governador Pedro Velho para o Batalhão de Segurança do Estado.<sup>61</sup> Anos mais tarde, as relações pessoais entre a família Cascudo e o sistema de poder oligárquico dos Albuquerque Maranhão havia se estreitado ainda mais. Quando do nascimento de Luís da Câmara Cascudo, em 30 de dezembro de 1898, Francisco Cascudo escolheu como padrinhos de batismo de seu filho o governador e a primeira-dama do Estado do Rio Grande do Norte naquele momento, Joaquim Ferreira Chaves e Alexandrina Chaves.<sup>62</sup> Já em 1900, o agora tenente Francisco Cascudo pediu exoneração da atividade militar para se dedicar ao comércio. Aproveitando-se das habilidades adquiridas durante o período em que mascateava pelo interior do Rio Grande do Norte, o pai de *Cascudinho* fundou em Natal o estabelecimento comercial “O Profeta”.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> Acerca da primazia política e econômica da família Albuquerque Maranhão, ver MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 2. ed. rev. Natal: Cooperativa Cultural, 2002.

<sup>61</sup> Pedro Velho governou o Rio Grande do Norte entre 28 de fevereiro de 1892 e 25 de março de 1896.

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da república no Rio Grande do Norte (1889-2003)*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000.

<sup>62</sup> Joaquim Ferreira Chaves Filho governou o Rio Grande do Norte por dois mandatos: o primeiro entre 25 de março de 1896 e 25 de março de 1900 e o segundo entre 01 de janeiro de 1914 e 01 de janeiro de 1920.

Cf. *Id.*, *Ibid.*

<sup>63</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. 3. ed. Natal: Ed. da UFRN, 2008. (Câmara Cascudo: memória e biografias). p. 43.

Segundo a historiadora Denise Mattos Monteiro, foi através do comércio que a família Cascudo adquiriu sua riqueza financeira. Principalmente por ter sido beneficiada com o monopólio da comercialização da carne verde em Natal, exclusividade concedida no segundo mandato do governador Alberto Maranhão.<sup>64</sup> As relações de Francisco Cascudo com Pedro Velho, Joaquim Ferreira Chaves e Alberto Maranhão demonstram como o lugar social do nascimento de Câmara Cascudo foi bastante privilegiado, uma vez que seus progenitores estavam articulados à rede política que geria a vida pública no Rio Grande do Norte.



**Imagem 2** O pequeno *Cascudinho*, provavelmente aos 8 anos de idade.

**Disponível em:**

<<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2008.

---

<sup>64</sup> Cf. MONTEIRO, Denise Mattos. *Op. cit.* p. 220-221.

Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão governou o Rio Grande do Norte por dois mandatos: o primeiro entre 25 de março de 1900 e 25 de março de 1904 e o segundo entre 25 de março de 1908 e 01 de janeiro de 1914.

Cf. MACHADO, João Batista. *Op. cit.*

Não obstante, uma matéria veiculada pelo órgão noticioso da Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, o jornal *A República*, deixa ver a participação da família Cascudo na elite social da cidade, no início do século XX. No dia 01 de janeiro de 1959, *A República* circulou com uma coluna que reproduzia algumas notícias publicadas pelo mesmo jornal 50 anos antes. A referida coluna, intitulada *O dia há meio século*, fazia alusão às efemérides sociais ocorridas durante a passagem do ano de 1908 para o ano de 1909. Dentre os eventos noticiados, estava uma festa de aniversário solenizada por Francisco Cascudo ao seu “jovem e inteligente filhinho”. A nota destacava ainda o perfil das pessoas que compareceram ao evento: “cavalheiros e senhoras da nossa melhor sociedade”.<sup>65</sup> Fazendo uso dos termos do jornal *A República*, foi como membro da “melhor sociedade” de Natal que Câmara Cascudo veio ao mundo e estabeleceu suas primeiras articulações com a cidade.

Porém, uma explicação mais detalhada para essa fase da vida cascudiana esbarra em uma carência documental sobre o tema. Jornais e revistas norte-rio-grandenses publicados na transição do século XIX para o século XX são de difícil acesso nos arquivos e, quando acessíveis, obviamente se referem mais às ações de Francisco Cascudo frente à economia da cidade do que aos primeiros anos de uma criança. Do mesmo modo, o arquivo pessoal de Câmara Cascudo é composto por sua biblioteca particular, suas publicações e documentos mais ligados a sua atividade como escritor, ou seja, uma documentação produzida em épocas posteriores a sua infância.

---

<sup>65</sup> O DIA há meio século. *A República*, Natal 01 jan. 1959.

Três procedimentos metodológicos podem ser realizados como alternativa a essa lacuna documental sobre a infância de Câmara Cascudo: 1) recorrer à historiografia norte-rio-grandense, abordando a história da cidade do Natal de fins do século XIX e início do século XX, para entendermos a sociedade local desse período e, assim, compreendermos a formação de uma criança que integrava essa sociedade; 2) utilizar outro tipo de fonte cuja referência à infância cascudiana na cidade do Natal é frequente: seus escritos de cunho memorialístico; e 3) fazer uso dos biógrafos cascudianos que, por também não disporem de documentação sobre a infância de Cascudo, apenas reproduziram as memórias pessoais de seu biografado.<sup>66</sup>

Já utilizei esse procedimento de recorrer à historiografia norte-rio-grandense quando me referi ao casal Francisco Cascudo e Ana da Câmara, evidenciando a rede política que pautava a sociedade local no final do século XIX, para mediar a inserção da família Cascudo na elite da cidade. No tocante à *Natal cascudiana*, o tema deste livro, tal recurso nos permite verificar algumas relações que Câmara Cascudo estabeleceu com a sua cidade no início do século XX. Com esse objetivo, por exemplo, podemos utilizar o livro que representou seu lançamento na escrita da história: o trabalho intitulado *Histórias que o tempo leva*, de 1924.<sup>67</sup> Apesar de ainda possuir um estilo impreciso, entre a crônica e o romance histórico, esse livro

---

<sup>66</sup> Nesse sentido, ver o perfil biográfico de Cascudo que introduz uma seleta publicada pela editora José Olympio. Ver COSTA, Américo de Oliveira. Perfil de Luís da Câmara Cascudo. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Seleta*.

<sup>67</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Histórias que o tempo leva... da história do Rio Grande do Norte*. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 757).

fazia parte de um universo historiográfico com o qual Cascudo já começava a se preocupar na década de 1920.<sup>68</sup>

Nesse livro, é interessante notarmos o tratamento dado pelo autor à história do Rio Grande do Norte, dedicando dois capítulos à própria história familiar. Ao discorrer sobre a história norte-rio-grandense como um processo linear, entre os séculos XVI e XX, Câmara Cascudo dedicou o penúltimo capítulo do livro em questão a um movimento messiânico ocorrido na serra de João do Valle, região do interior do estado, nos últimos anos do século XIX.<sup>69</sup> Esse movimento religioso, que ele nomeou de “fanático”, foi desbaratado pelo tenente Francisco Cascudo, do Batalhão de Segurança do Estado, a mando do governador Joaquim Ferreira Chaves.<sup>70</sup> Em seguida, no capítulo final do livro, Cascudo narrou algumas de suas reminiscências infantis. Dentre elas, a primeira lembrança que tinha de um encontro pessoal com o chefe político Pedro Velho. Esse encontro teria ocorrido em 1907, durante uma reunião de senhores na casa de seus pais.<sup>71</sup>

Independente de maiores explicações sobre esses dois eventos, é importante percebermos uma autoinserção cascudiana na história local ou, pelo menos, uma consciência de participar de momentos recentes da história norte-rio-grandense, notadamente da cidade do Natal, onde vivia. Além de reforçar um lugar social, na medida em que os dois eventos articulavam

---

<sup>68</sup> Cf. “HISTÓRIAS que o tempo leva...”. *A Imprensa*, Natal, 12 jul. 1922.

“HISTÓRIAS que o tempo leva”. *A Imprensa*, Natal, 08 ago. 1924.

<sup>69</sup> Sobre este movimento messiânico, ver CASCUDO, Luís da Câmara. Os fanáticos de João do Valle. In: \_\_\_\_. *Op. cit.*, p. 205-215.

*Id.*, Fanáticos da serra de João do Valle. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 35, 36 e 37, p. 45-63, 1941.

<sup>70</sup> TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra; ALBUQUERQUE, José Geraldo de. *Subsídios para o estudo da história do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005. p. 99.

<sup>71</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Reminiscências... In: \_\_\_\_. *Histórias que o tempo leva... da história do Rio Grande do Norte*. p. 217-235.

Francisco Cascudo à família Albuquerque Maranhão, esses relatos marcavam a presença da família Cascudo entre aqueles que estavam produzindo a história do Rio Grande do Norte, em dois sentidos da palavra produzir: como narradores do passado e, através dessa narrativa, como agentes dos eventos importantes.

Após escrever os capítulos sobre a história do Rio Grande do Norte, da Colônia ao Império, Câmara Cascudo narrou sua história familiar, sendo ela própria parte de uma história local, afirmando assim uma identidade com esse espaço. A infância do menino *Cascudinho* demarcava o limite final desse processo histórico, representando a história do século XX. O testemunho do historiador, pois, transformava essa história em uma memória familiar. Isso nos leva ao segundo recurso metodológico aqui sugerido: pensar as referências cascudianas à própria infância a partir de sua memorialística.

É consenso entre os estudiosos do tema da memória o caráter construtivo desse tipo de discurso, uma vez que ocorre um intervalo de tempo entre o evento e seu relato.<sup>72</sup> Nesse transcurso, é operada uma reelaboração dos sentidos atribuídos aos acontecimentos passados. Enquanto passado demandado e posto em escrita, o relato memorialístico é uma convergência de expectativas individuais e de interesses coletivos do presente em que se dá a narração. Logo, o discurso da memória é um passado enunciado sob novos anseios.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

*Id.*, *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

<sup>73</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*.

Nesses termos, o Câmara Cascudo que recordou a infância não era mais o menino *Cascudinho*. Quando ele produziu suas memórias infantis, e aqui lanço mão do livro *O tempo e eu*, publicado em 1968, era já um homem maduro, culto e apto a analisar suas próprias experiências vividas.<sup>74</sup> Era um indivíduo que tinha em conta a relação com Natal como elemento formador de sua subjetividade e que, por isso, apresentou sua identificação com a cidade de modo explícito nessas narrativas. Por esse motivo, seus escritos memorialísticos podem questionar o lugar social acima descrito.

Ao escrever acerca de sua “meninice”, no livro *O tempo e eu*, Cascudo a definiu como uma fase doentia de sua vida, enquanto outras crianças citadinas de sua época gozavam do direito lúdico comum: “fui menino magro, pálido, enfermiço. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimentação na lúdica infantil. Não corria. Não saltava. Não brigava”.<sup>75</sup> Segundo ele, muito assustava ao casal Francisco Cascudo e Ana da Câmara o fato de seus filhos primogênitos, Maria Otávia e Antônio Haroldo, terem falecido ainda nos primeiros anos de vida.<sup>76</sup>

Por causa disso, como terceiro filho do casal, ele declarou ter sido coberto por cuidados especiais e recebido uma educação restritiva, dispondo apenas de brinquedos e de livros para sua distração solitária: “meu pai e seus amigos enchiam-me de presentes, trazidos do sul ou mandados vir da Europa. (...). Mas, brincava sozinho”.<sup>77</sup> Diante da limitação do seu universo lúdico, a companhia dos livros seria o estímulo infantil: “aprendi a ler quase sozinho, aos seis anos, graças ao *Tico-Tico*”.<sup>78</sup> Esse hábito de leitura foi

---

<sup>74</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*.

<sup>75</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 49.

<sup>76</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 39-63.

<sup>77</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 55-56.

<sup>78</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 49.

descrito como uma característica peculiar que distinguia Cascudo de outras crianças daquela época que, ao contrário dele, podiam usufruir as variadas formas de brincadeiras coletivas infantis.

Em sua opinião, teriam sido essas restrições paternas à lúdica infantil os motivos de seu contato com os livros, justificando sua formação erudita e fundamentando sua atividade intelectual. Através de uma postura teleológica, ele buscou localizar em sua infância os fatores que explicariam sua atuação como escritor, ou seja, para ele, estaria na criança solitária a origem de seu trabalho intelectual. Nesses escritos memorialísticos, Câmara Cascudo formulou uma compreensão de seus primeiros anos enquanto um fator determinante para sua vida, que supostamente teria lhe encaminhado em direção aos livros. Por ter nascido sob a “lei da morte” e sob “asfixiantes cuidados defensivos”, conforme palavras de Zila Mamede, Cascudo teria adquirido uma orientação para a atividade intelectual.<sup>79</sup>

Sem querer endossar essa interpretação teleológica, cujo maior objetivo é estabelecer uma coerência entre a fase infantil e a fase adulta da vida cascudiana, é interessante ressaltarmos a importância atribuída por esse escritor à infância em sua formação intelectual. Porque, ao destacar seu nascimento, ele situou o lugar onde esse evento ocorreu e definiu um sentimento de pertença com a cidade do Natal. Sobre isso, leiamos mais um trecho do livro *O tempo e eu*: “nasci na rua Senador José Bonifácio que ninguém sabia em Natal quem fora. Toda a gente a dizia rua das Virgens, no bairro da Ribeira. Sou, pois, canguleiro”.<sup>80</sup>

<sup>79</sup> MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. v. 1. p. 11.

<sup>80</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. p. 39.



**Imagem 3** Rua Senador José Bonifácio, mais conhecida por Rua das Virgens, em Natal. Fotografia do início do século XX.

**Fonte:** WRIGHT, Marie Robinson. Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_\_. *The new Brazil: its resources and attractions historical, descriptive and industrial*. 2. ed. rev. e amp. Philadelphia: George Barrie & sons, 1907. p. 440.

De acordo com o Luís Câmara Cascudo historiador, durante a virada do século XIX para o século XX, a cidade do Natal era composta por apenas dois bairros: o bairro da Cidade Alta, colina onde a cidade do Natal havia sido fundada, em 25 de dezembro de 1599; e o bairro da Ribeira, região às margens do rio Potengi, onde o comércio era desenvolvido.<sup>81</sup> Ainda seguindo as informações desse historiador, havia uma profunda rivalidade entre os jovens residentes nesses bairros. Em consequência de tal rivalidade surgiram os epítetos *xaria* e *canguleiro*, apelidos que aludiam às preferências gastronômicas dos rivais e serviam para caracterizarem uns e outros. O termo *xaria* qualificava o habitante da Cidade Alta, consumidor do

<sup>81</sup> *Id.*, *História da cidade do Natal*. 1. ed. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1947. p. 189-191.

peixe Xaréu trazido das praias de Areia Preta e Ponta Negra. Já o termo canguleiro adjetivava o morador da Ribeira, consumidor do peixe Cangulo que era pescado em abundância pelos jangadeiros desse bairro. Por extensão de sentido, os adjetivos xaria e canguleiro designavam identidades de pessoas nascidas em áreas distintas da cidade.<sup>82</sup>

Para Cascudo, a identidade natalense não existia no final do século XIX, pois estava fragmentada entre xarias e canguleiros. Não havia um sentimento unificado de pertença à cidade do Natal que definisse os moradores desse espaço como natalenses, ou seja, como conterrâneos. No seu entender, a identidade natalense somente começou a ser configurada a partir de 1908, quando os bondes movidos a burros passaram a interligar os bairros da Ribeira e da Cidade Alta, promovendo um fluxo diário dos moradores e aproximando esses núcleos populacionais. Da mesma maneira, a pavimentação da ladeira que antes separava os dois bairros, a avenida Junqueira Aires, teria unificado xarias e canguleiros na figura do natalense: “Xarias e Canguleiros morreram. Ficou o Natalense...”<sup>83</sup>

Por ter nascido no bairro da Ribeira, em 1898, ele se autodefiniu como canguleiro. Ser canguleiro significava ter nascido em uma área específica da cidade onde a família Cascudo exerceu uma atividade comercial que lhe permitiu ascender financeiramente. Contudo, há de se considerar a influência do pensamento folclórico cascudiano nesse enquadramento de sua identidade infantil. Uma vez que a Ribeira era o bairro onde residia a população de menor poder aquisitivo da cidade, canguleiro era também o sujeito nascido no seio do povo. Neste caso, ser

---

<sup>82</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. p. 190.

<sup>83</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 191.

canguleiro era uma forma de afirmar a ligação com essa categoria que circunscreve o saber para o folclorista.

Em uma perspectiva mais conceitual, podemos classificar essa memória canguleira como uma *escrita de si* cascudiana.<sup>84</sup> De acordo com Michel Foucault, a escrita de si consiste em uma relação do sujeito consigo mesmo, refletindo e constituindo a si próprio.<sup>85</sup> Essa ideia pensa a vida como um exercício de escritura do sujeito e, por conseguinte, como um esforço individual por definir um enredo de leitura para a sua passagem no mundo. Disso decorre a possibilidade de considerarmos esse gesto *a posteriori* de Cascudo, escrevendo sua própria vida, como o fornecimento de uma leitura canguleira para as suas primeiras vivências na cidade do Natal. Para Michael Pollak, é justamente isso que aproxima memória e identidade social: a “imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si próprio, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.<sup>86</sup>

Sendo assim, o primeiro lugar ocupado por Câmara Cascudo em Natal o filiava a uma elite cidadina, muito embora ele tenha optado por localizar seu nascimento em um bairro popular, buscando marcar uma aproximação identitária com o povo já no início de sua vida. A leitura dessa posição social como um nascimento canguleiro, então, é resultado de uma *escrita de si* cascudiana que se confunde com a escrita da história local, ressaltando sua aproximação identitária com a cidade e formulando sua ideia de um determinismo telúrico. Ao mesmo tempo, essa identidade

---

<sup>84</sup> Como exemplo dos usos da escrita de si pela historiografia, ver GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

<sup>85</sup> FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?*

<sup>86</sup> POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

canguleira espacializou as memórias da infância de Cascudo, inscrevendo-as no bairro da Ribeira. Portanto, de maneira retroativa, a *Natal cascudiana* foi estendida ao nascimento desse escritor e se materializou na Rua Senador José Bonifácio.

### 1.2 O príncipe do Tirol

Após residirem na Rua Senador José Bonifácio, a família Cascudo morou em alguns outros lugares do bairro da Ribeira, iniciando o que Câmara Cascudo chamou de uma “viagem na cidade do Natal”.<sup>87</sup> Segundo ele, entre 1898 e 1909, sua família ocupou moradias nos seguintes locais: em um sítio onde iniciava a rua sem nome que, conforme as informações do próprio Cascudo, viria ser a Avenida Rio Branco; nas proximidades da atual Praça Augusto Severo que, na ocasião, ainda não existia; na Rua do Comércio, atual Rua Chile, onde seu pai possuía um estabelecimento comercial; e próximo à igreja do Bom Jesus das Dores, exatamente no lugar onde mais tarde foi criado o Grande Hotel e que hoje funciona o Juizado Especial Civil e Criminal de Natal.<sup>88</sup>

Ainda de acordo com Câmara Cascudo, essa viagem canguleira foi seguida por uma temporada nos sertões do Rio Grande do Norte e da Paraíba, entre os anos de 1910 e 1913. Acompanhado apenas de Ana da Câmara, *Cascudinho* foi ao sertão para se curar de um início de tuberculose.<sup>89</sup> Enquanto isso, em fins de 1913 e início de 1914, Francisco Cascudo adquiriu a Vila Amélia, propriedade localizada em uma “região de

<sup>87</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Minha viagem na cidade do Natal. *A República*, Natal, 17 abr. 1959.

<sup>88</sup> *Idem.*

<sup>89</sup> *Idem.*

chácara e quintais” à leste da cidade.<sup>90</sup> Neste mesmo período, toda a família se transferiu para a nova e ampla residência que ocupava quase todo o quarteirão formado pelas avenidas Campos Sales, Apodi, Rodrigues Alves e Jundiaí. A Vila Cascudo, como veio a ser chamada pouco depois a chácara adquirida, estava situada em uma área de modernização e de expansão da cidade do Natal naquele momento, o bairro do Tirol.<sup>91</sup>

Em referência a sua moradia nesse bairro e à fortuna paterna, surgiu a segunda definição identitária de Câmara Cascudo com a cidade do Natal: a de *príncipe do Tirol*. Jaime dos Guimarães Wanderley, que conviveu com *Cascudinho* nessa fase *nobre* de sua vida, assim explicou a denominação de príncipe do Tirol e a consequente instalação de um principado no local:

Motivado pela grande fortuna que o Cel. Francisco Cascudo desfrutava, pelo alto conceito que gozava nas rodas políticas do Estado, em meio às quais a sua palavra e suas ações sempre decididas e claras valiam por uma credencial de força, Cascudinho ficou sendo conhecido por “Príncipe do Tirol”.

Uns, assim o chamavam por amizade e admiração, pois ele era portador das simpatias e da estima dos natalenses. Outros, porém, os despeitados, diziam, criticando, chacoteando-o, vomitando a bílis de sua *irreverência*, por não conseguirem, nem ao menos, atingir-lhe os calcanhares.

Popularizou-se, então, de tal maneira a alcunha que, um dia, Câmara Cascudo resolveu congregar alguns amigos mais afeiçoados e criar, definitivamente, o “PRINCIPADO DO TIROL” (...). (Grifo meu).<sup>92</sup>

<sup>90</sup> *Id.*, *O tempo e eu: confidências e proposições*. p. 60.

<sup>91</sup> Cf. DANTAS, Manoel. Natal daqui a 50 anos. In: LIMA, Pedro. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural: Sebo Vermelho, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. Petrópolis e Tirol – Carta do Dr. Alberto Maranhão. *A República*, Natal, 26 jun. 1940.

ARRAIS, Raimundo. (Org.). *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*.

<sup>92</sup> WANDERLEY, Jaime dos G. O príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n. 2, p. 27-32, 1968. p. 29.

De fato, ao longo dos anos de 1910 e início dos anos de 1920, as atividades comerciais de Francisco Cascudo e a sua influência política na cidade foram ampliadas, consolidando a elevada posição econômica de sua família. Nos jornais locais daquela época encontramos referências a ele como representante comercial de variados produtos na cidade, fornecendo mercadorias ao Estado, participando de eventos oficiais do governo do Rio Grande do Norte e hospedando na Vila Cascudo representantes políticos, comerciantes e escritores de todo o país.<sup>93</sup> Some-se a isso o fato de seu nome constar entre os acionistas do Banco do Natal, entidade que promovia a economia agroexportadora do Estado e pagava o funcionalismo público local.<sup>94</sup> De acordo com Thadeu Villar de Lemos, biógrafo do pai de *Cascudinho*, Francisco Cascudo foi ainda deputado estadual, presidente da Associação Comercial de Natal e da Junta Comercial do Rio Grande do Norte, de modo que “em todos os problemas políticos e sociais de Natal, a opinião do Coronel Cascudo era indispensável”.<sup>95</sup>

Para além desses dados biográficos profissionais, os jornais locais divulgaram uma imagem de Francisco Cascudo enquanto um benfeitor da

---

<sup>93</sup> Acerca da atuação de Francisco Cascudo como representante comercial, ver PROPAGANDAS. *A Imprensa*, Natal, 23 nov. 1918; 18 out. 1922; 19 jan. e 18 mar. 1927. Em relação aos eventos do governo que este comerciante participou, ver SETE de setembro. *A República*, Natal, 09 set. 1916. CENTENÁRIO de Miguelinho. *A República*, Natal, 08 jun. 1917. O QUINTO aniversário da administração Ferreira Chaves. *A República*, Natal, 04 jan. 1919.

Sobre o fornecimento de produtos ao Estado, ver DESPACHOS. *A República*, Natal, 18 jan., 03 mar. e 08 out. 1919.

A respeito de personalidades que se hospedaram na Vila Cascudo, ver NOTAS. *A República*, Natal, 22 fev. e 02 maio 1919; 14 mar. 1922.

<sup>94</sup> No tocante à criação e a importância do Banco do Natal, ver MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. p. 221.

Acerca das ações de Francisco Cascudo neste banco, consultar *BANCO do Natal – Relatório da diretoria*. Natal: Tipografia d’A República: Tipografia Comercial J. Pinto & C., 1909-1920.

<sup>95</sup> LEMOS, Thadeu Villar de. *O coronel Cascudo*. p. 8.

cidade – mesma imagem que os futuros biógrafos de seu filho reproduziriam.<sup>96</sup> Sua atuação na esfera comercial e política de Natal era apresentada como um ato em favor do “progresso de sua terra” e de elevação do “nível moral de seu torrão”.<sup>97</sup> Segundo o jornal oficial do governo, *A República*, o Coronel Cascudo estaria sempre atuando na resolução dos problemas da cidade, tornando-se “estimado e querido no vasto círculo de suas relações”.<sup>98</sup> Entre suas principais benesses à coletividade, estaria a criação e a manutenção de um periódico diário: o jornal *A Imprensa*.<sup>99</sup>

Criada em 1914, mesma época em que a família Cascudo se transferiu para o bairro do Tirol, *A Imprensa* foi mais um dos empreendimentos comerciais bem sucedidos de Francisco Cascudo. Articulado ao governo, esse jornal publicava os fatos da vida social, política e, principalmente, econômica da cidade, divulgando e apoiando as ações de seu benemérito.<sup>100</sup> A presença desse periódico nos arquivos norte-riograndenses, superada em termos de quantidade apenas pelo jornal *A República*, de alguma forma atesta sua grande circulação como órgão noticioso. Afora as assinaturas e as vendas d'*A Imprensa*, Francisco Cascudo também se beneficiava do jornal para fazer propaganda das mercadorias que sua loja dispunha, promovendo com isso sua atividade comercial:

---

<sup>96</sup> Cf. OLIVEIRA, Gildson. *Câmara Cascudo, um homem chamado Brasil*. 1. ed. Brasília: Brasília Jurídica, 1999. p. 32-34.

<sup>97</sup> CORONEL Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 27 nov. 1918.

<sup>98</sup> *Idem*.

<sup>99</sup> CEL. F. Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 11 jun. 1918.

<sup>100</sup> A CARESTIA. *A Imprensa*, Natal, 01 jun. 1919.



**Imagem 4** Anúncio de produto fornecido por Francisco Cascudo.

**Fonte:** *A Imprensa*, Natal, 18 mar. 1927.

**Acervo:** *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte* – Natal-Rio Grande do Norte.

Destarte, esses jornais deixam ver uma dimensão pública e atuante da vida de Francisco Cascudo, apresentando-o como sujeito rico e influente em Natal, mas não fornecendo maiores informações sobre a Vila em que ele morava – pelo menos, não nos termos de um Principado do Tirol. Quando muito, localizei matérias aludindo indiretamente ao mais jovem morador da “chácara do Tirol”, *Cascudinho*, que vivia “confortavelmente instalado na convivência dos doutos”.<sup>101</sup> Isso não significa dizer que essa nominata não fosse empregada de maneira informal por seus conterrâneos, mesmo porque os jornais construíram sim uma imagem faustosa para a vida familiar dos Cascudos, permitindo tal nomenclatura principesca.

<sup>101</sup> “A IMPRENSA”. *A Notícia*, Natal, 13 maio 1922.

FERNANDES, Nascimento. Irreverências. *A Notícia*, Natal, 26 nov. 1921.

Porém, na medida em que meu objetivo é também mapear o momento em que essas configurações identitárias cascudianas com a cidade do Natal foram sendo anunciadas e assumidas, é interessante evidenciar que não localizei referências explícitas à Vila Cascudo com essa designação nobiliárquica em quaisquer dos jornais, revistas e correspondências consultadas para as décadas de 1910 e 1920. Tais termos me foram verificáveis apenas em textos bem posteriores à existência do principado. Assim como o nascimento canguleiro, também foram publicações da década de 1960 que deram maiores contornos ao príncipe do Tirol e aos seus domínios territoriais.<sup>102</sup> Nesse sentido, tais textos forneceram narrativas acerca de abastadas reuniões aristocráticas na residência da família Cascudo, precisando esses termos para definir o segundo lugar ocupado por *Cascudinho* na cidade: “filho único de pai milionário”.<sup>103</sup>

Particularmente, no já citado livro *O tempo e eu*, de 1968, Câmara Cascudo descreveu sua antiga morada expondo o luxo e o requinte que a caracterizava. Segundo ele, o terreno era cercado por balaústres, pérgula, jardins, pomar de frutas raras, estábulo com vacas holandesas e estribaria para o seu cavalo Cossaco. Por sua vez, a casa era mobiliada com móveis suntuosos que haviam pertencido a Pedro Velho, possuía teto forrado, biblioteca, dependências para os nove empregados, sala de visitas ornamentada, grande banheiro, mosaicos belgas, água encanada, lustres de cristal, iluminação elétrica, telefone, garagem com três carros (sendo um

---

<sup>102</sup> Os principais textos que, na década de 1960, evocaram e instituíram o principado do Tirol foram WANDERLEY, Jaime dos G. O príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n. 2, p. 27-32, 1968.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*.

<sup>103</sup> *Id.*, *Entrevista*. Série: Literatura e Folclore. Entrevistadores: Aurélio Buarque de Holanda, Fernando Luís da Câmara Cascudo, Joracy Camargo, Mozart Araújo e Renato Almeida. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. 2 CDs (61m e 54m).

deles do próprio *Cascudinho*), dois salões de jantar (com mesa farta e interminável), dispensa para bebidas e uma frequência de “hóspedes ilustres e de visitantes eminentes”.<sup>104</sup> Nessa descrição feita na maturidade do escritor, a Vila Cascudo assumiu uma atmosfera de esplendor que teria marcado época na cidade do Natal:

Aqui outrora retumbaram hinos! Fundou-se o Principado do Tirol, com toda a hierarquia aristocrática, reuniões mensais (...). *Meus primeiros artigos e livros nasceram nesse clima. Meu pai mantinha, à sua custa, o jornal A Imprensa (1914-1927), para a nossa inflamação literária.* (...). Dessa Vila Cascudo planejou-se muita festa vitoriosa e não mais repetida, (...), planos de renovação literária, apoio à Semana de Arte Moderna, leitura de originais de poemas de poetas dos estados vizinhos, euforia, magnificência (Grifos meu).<sup>105</sup>

Foi nesse clima, descrito como opulento e de agitação literária, que Luís da Câmara Cascudo *principiou* sua atividade intelectual, em 18 de outubro de 1918, publicando uma coluna intitulada *Bric-à-brac* no jornal paterno *A Imprensa*.<sup>106</sup> A partir de então, a relação de *Cascudinho* com Natal passou a ser calcada também pela produção de conhecimento sobre e para a cidade, deixando de ser pautada apenas por posições sociais e pelas posteriores associações identitárias com os bairros citadinos nos quais residiu. Diante disso, é necessário refletirmos sobre as circunstâncias desse lançamento intelectual realizado através de um periódico próprio e analisarmos a inserção desses escritos na sociedade para entendermos como o jovem escritor se firmou efetivamente no cenário letrado de Natal.

<sup>104</sup> *Id.*, *O tempo e eu: confidências e proposições*. p. 60-63.

<sup>105</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 61.

<sup>106</sup> *Id.*, *Bric-à-brac. A Imprensa*, Natal, 18 out. 1918.

Os primeiros artigos publicados por Câmara Cascudo na imprensa local discutiam a situação do meio literário brasileiro e norte-rio-grandense no raiar do século XX.<sup>107</sup> Ao se lançar como escritor, *Cascudinho* analisou autores e livros que se dedicavam a consolidar uma vida intelectual no Rio Grande do Norte, ocupando a *função de autoria* de crítico literário e delineando o estilo de crítica que desejava empreender.<sup>108</sup> Segundo ele, estávamos “a chafurdar eternamente no charco estagnado da nossa incompetência” por causa da indiferença do meio local aos novos escritores que, ao invés de serem acolhidos com conselhos orientadores, eram recebidos com reprimendas mordazes.<sup>109</sup>

Em consequência desse ímpeto destrutivo da crítica literária, a literatura norte-rio-grandense, nesse caso entendida por ele como um coletivo de autores e livros, ainda não havia ultrapassado a fronteira da Fortaleza dos Reis Magos, possuindo apenas alguns poucos escritores individualmente conhecidos fora do estado. Por isso, em tom de conclamação, ele escreveu:

Ou o que se escreve, é escandalosamente mal e, nós não temos literatura, ou os livros são bons, e o nosso parcialismo os destrói, e nós não temos crítica [sic]. É necessário gritarmos a rude verdade, é preciso sacudir a nossa indolência, é urgente que os “nossos” literatos sejam conhecidos em meios [literários] maiores.<sup>110</sup>

Enquanto crítico literário, Câmara Cascudo argumentava que já havia chegado o momento de os escritores norte-rio-grandenses serem lidos,

---

<sup>107</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-brac. *A Imprensa*, Natal, 20 out., 13 e 21 nov., 01 dez. 1918.

<sup>108</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*

<sup>109</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-brac. *A Imprensa*, Natal, 22 nov. 1918.

<sup>110</sup> *Id.*, Bric-à-brac. *A Imprensa*, Natal, 30 nov. 1918.

estudados e conhecidos em outras regiões do país, possibilitando uma base literária para o surgimento de novas publicações. De acordo com suas constatações, a crítica literária exercida de maneira errônea estava cessando novas produções: “com algumas dezenas [de anos] de vida intelectual, lemos em três meses, toda a obra em prosa e verso do Rio Grande do Norte”.<sup>111</sup> Foi se propondo a executar a tarefa de retirar a literatura local de um suposto marasmo, estimulando a publicação de novos livros, que *Cascudinho* adentrou no cenário letrado da cidade do Natal. Ocupando a função intelectual de crítico literário, ele escreveu no jornal *A Imprensa* artigos comentando os trabalhos publicados por seus conterrâneos e chamando a atenção para alguns escritores que poderiam servir de referência aos novos pretendentes às letras.

Manoel Dantas foi um dos escritores que teve seu livro analisado por Cascudo, sendo apontado pelo jovem crítico como exemplo de postura intelectual devido ao aspecto “natural e espontâneo” de seus escritos.<sup>112</sup> Ao analisar um ensaio corográfico produzido pelo renomado advogado e jornalista norte-rio-grandense, intitulado *O Rio Grande do Norte*<sup>113</sup>, Câmara Cascudo elencou as qualidades e as contribuições dessa publicação para o conhecimento histórico-geográfico do estado e classificou o autor do ensaio como portador de uma cultura sólida, “tornando-se proverbial no meio indolente em que vivemos”.<sup>114</sup> Em virtude desses atributos, *Cascudinho* destacou em Manoel Dantas um caráter exemplar: “o Dr. Manoel Dantas é

---

<sup>111</sup> *Idem*.

<sup>112</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-brac. *A Imprensa*, Natal, 01 dez. 1918.

<sup>113</sup> DANTAS, Manoel. *O Rio Grande do Norte: ensaio corográfico*. Natal: Tipografia d’A República, 1918.

<sup>114</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*

um dos homens, cuja vida poderá servir como exemplos soberbos de Trabalho, Saber e Dignidade”.<sup>115</sup>

Em agradecimento, Manoel Dantas escreveu uma carta a Cascudo, incentivando-o e definindo a si próprio e a seu remetente como “paladinos da mesma cruzada”, isto é, ambos estariam empenhados em realizar “o esforço erudito para estudar as coisas de nossa terra” e torná-la conhecida.<sup>116</sup> Essa carta foi publicada pelo jornal *A Imprensa* poucos dias após o artigo sobre o estudo *O Rio Grande do Norte*. Tal procedimento de divulgar na imprensa as cartas que manifestavam opiniões favoráveis a seus escritos, sobretudo quando remetidas por estudiosos prestigiados como Dantas, foi bastante utilizado por Cascudo em favor de sua recepção e consagração.<sup>117</sup>

No intuito de problematizar essa iniciativa cascudiana de tornar público os elogios por ele recebidos, faço uso da discussão promovida por Regina Abreu a respeito dos mecanismos utilizados pelos escritores para se consolidarem no cenário intelectual brasileiro durante o final do século XIX e início do século XX, o que a autora nomeou de “estratégias de consagração”.<sup>118</sup> De acordo com essa antropóloga, a crítica dos pares estava entre os principais meios de projeção utilizados pelos novos escritores, porque essas opiniões podiam influenciar positivamente na recepção de livros e autores, promovendo a repercussão do candidato a escritor e lhe assegurando uma posição na intelectualidade almejada.<sup>119</sup>

---

<sup>115</sup> *Idem.*

<sup>116</sup> DANTAS, Manoel. Carta. *A Imprensa*, Natal, 12 dez. 1918.

<sup>117</sup> Antes da carta de Manoel Dantas já havia sido divulgada pelo jornal *A Imprensa* outra correspondência que reclamava a publicação de mais artigos de *Cascudinho*. Cf. ZED. Duas tiras. *A Imprensa*, Natal, 07 nov. 1918.

<sup>118</sup> ABREU, Regina. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1998.

<sup>119</sup> *Id.*, *Ibid.* p. 255.

Tornar público o acolhimento dos pares era ainda um procedimento bastante adotado pelos escritores brasileiros nos anos de 1910 e 1920. Por isso, no meu entender, a divulgação da carta de Manoel Dantas foi utilizada pelos diretores do jornal *A Imprensa* para autorizar a coluna *Bric-à-brac* e, por conseguinte, pelo jovem *Cascudinho* para respaldar seu lugar como crítico literário. Notadamente a partir de 1921, quando lançou seu primeiro livro, ele muito se valeu desses mecanismos de projeção e consagração. Ao lançar um trabalho de crítica literária reunindo e sistematizando os estudos que realizava desde 1918 acerca da vida intelectual no Rio Grande do Norte, o *Alma Patrícia*, Cascudo remeteu exemplares a escritores e jornalistas de todo o país.<sup>120</sup> Na medida em que recebia as correspondências de agradecimento e de apreço pelo seu primeiro livro, ele as reproduzia no jornal de seu pai.

Em pouco tempo, foram se avolumando nas páginas d'*A Imprensa* as reproduções de julgamentos favoráveis ao jovem crítico literário “amante de sua terra e do seu contingente intelectual”.<sup>121</sup> Para citar os comentadores de maior expressão, listo-os: o presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Conde de Afonso Celso; imortais da Academia Brasileira de Letras como Alberto de Oliveira, João Ribeiro e Afrânio Peixoto; escritores prestigiados que, mais tarde, tornar-se-iam imortais da Academia Brasileira de Letras, como Rocha Pombo e Gustavo Barroso; de outros periódicos importantes como a *Revista do Brasil*; e, principalmente, escritores norte-

---

<sup>120</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patrícia: crítica literária*. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 743).

<sup>121</sup> “ALMA patrícia”. *A Imprensa*, Natal, 07 maio 1922.

rio-grandenses como Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes e Jayme Adour da Câmara.<sup>122</sup>

Esses escritores traçaram um perfil para o Câmara Cascudo crítico literário e ressaltaram a contribuição do livro *Alma Patrícia* à literatura nacional e, especialmente, às letras do Rio Grande do Norte. Para exemplificar esse ponto de vista, consensual entre os comentadores, destaco o registro bibliográfico da *Revista do Brasil*:

Câmara Cascudo é uma das belas inteligências que florescem no Rio Grande do Norte. (...).

Espírito aberto para todos os horizontes, Câmara Cascudo, é de preferência um arguto crítico d'arte, não dos malevolentes que espiolham as obras e atidos que pormenor esquecem a construção em conjunto; mas dos impressionistas que transmitem ao leitor as sensações múltiplas dadas pela obra em causa. Neste livro, *Alma Patrícia*, enfeixa uma coleção curiosíssima de estudos sobre os mais assinalados cultores das letras naquela província. (...). Nomes desconhecidos aqui no sul e talvez no país, pois nenhum conseguiu tornar-se nacional.

(...).

O livro de Câmara Cascudo é assim um repositório precioso relativo ao movimento poético do seu estado.<sup>123</sup>

Portanto, os escritores que se posicionaram acerca das colunas *Bric-à-brac* e, mormente, do livro *Alma Patrícia* destacaram a contribuição da crítica literária cascudiana para o Rio Grande do Norte. Segundo eles, *Cascudinho* havia conseguido sistematizar as informações sobre a desconhecida literatura norte-rio-grandense e, de certa forma, havia provocado um debate na sociedade acerca de uma emergente vida intelectual. Para Jayme Adour, em especial, o livro *Alma Patrícia* seria um

<sup>122</sup> *Idem.*

<sup>123</sup> L. DA CÂMARA Cascudo - *Alma patrícia*. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 69, p. 82-83, set. 1921.

empreendimento altruístico de *Cascudinho* por ter sido pensado em função das limitações intelectuais do estado: “é benefício relevante este que prestastes às letras do nosso Estado. Até agora nada, nesse assunto, tínhamos feito. O teu gesto, ou melhor, abnegação, merece todo acolhimento e aplauso”.<sup>124</sup>

Isso significa dizer que, apontando a inexistência de uma vida intelectual até aquele momento e qualificando escritores e livros, Cascudo definiu um entendimento do que seria a literatura norte-rio-grandense. Em grande medida, seus primeiros escritos produziram um inventário de autores e obras que, em conjunto, definiram características e constituíram uma literatura local. Nesses termos, sua atuação como crítico literário foi recebida como inovadora por escritores já consagrados, uma vez que estimulou um diálogo sobre a produção intelectual no Rio Grande do Norte, permitindo a essa literatura alcançar uma divulgação nacional e um reconhecimento de meios literários mais consolidados como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Por outro lado, dispor das páginas de um importante jornal para iniciar sua atividade literária e promover a repercussão de seus trabalhos também contribuiu decisivamente para a recepção positiva dos escritos cascudianos, pois apresentou uma rede intelectual fora do Rio Grande do Norte da qual *Cascudinho* passava a fazer parte. Aos poucos, a publicidade das opiniões emitidas por esses “artistas consagrados na literatura brasileira” foi homogeneizando o sentido da crítica referente a Cascudo.<sup>125</sup> Naquele momento, não eram mais apenas seus pares que o saudava. Pretensamente, era a própria cidade, como uma unidade social e intelectual forjada pelo

<sup>124</sup> “ALMA patricia”. *A Imprensa*, Natal, 07 maio 1922.

<sup>125</sup> *Idem*.

discurso dos críticos, dizendo reconhecer os méritos do “jovem escritor patricio”.<sup>126</sup>

Além disso, esse espaço n’*A Imprensa* serviu para que Câmara Cascudo pudesse rebater as poucas críticas negativas que seu livro *Alma Patrícia* recebeu. Em uma dessas respostas, sem citar nomes, ele retorquiu aos “idólatras da gramática ferrenha” que classificaram negativamente seu livro apenas pelos “deslizes e escorregos” cometidos no uso da linguagem e desconsideraram os resultados obtidos por sua “audácia literária”.<sup>127</sup> Claramente, esse artigo denota um sentimento de decepção por parte de *Cascudinho* em relação a alguns de seus conterrâneos que discordavam publicamente dos méritos de seus escritos e o acusavam de ambicionar uma consagração intelectual. Sua resposta aos opositores foi expressa nas seguintes palavras:

Deduz-se que não quero escrever e publicar livros para ser apontado na rua como intelectual. De igual maneira, detesto cordialmente as consagrações inoportunas e precipitadas. O que não aconteceu comigo. Se algo fiz, foi por meu esforço próprio, vontade e sofrimentos meus. Eis aí, amigo, porque tenho o ingênuo orgulho de não ter recebido na cabeça curvada e contrita o óleo sagrado de um Samuel profético e distribuidor de louros nessa terra melancólica, jardim do Norte, à beira do [rio] Potengi plantado. (...). Para o futuro, se alguma coisa fizer, é porque possuo a força inconsciente das verumas. Se não vencer, emboto-me.<sup>128</sup>

Ainda que ressentido com alguns críticos locais, *Cascudinho* seguiu rumando em direção à atividade intelectual, lançando outros livros e ainda divulgando a repercussão de seu trabalho no jornal *A Imprensa*. Em meados

<sup>126</sup> *Idem.*

<sup>127</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-brac. *A Imprensa*, Natal, 11 jun. 1922.

<sup>128</sup> *Idem.*

da década de 1920, com pouco mais de 20 anos de idade, ele já havia consolidado um lugar de autoria em Natal, ou seja, ele já ocupava uma posição de destaque no cenário intelectual da capital do Rio Grande do Norte. A produção de conhecimento para a cidade, naquele momento, dava início à emergência de uma *Natal cascudiana*. Em outras palavras, os comentadores dos escritos cascudianos já o articulavam com a cidade do Natal: “é esse o sr. Luís da Câmara Cascudo, fino homem de letras que se enclausurou na pequena Natal, onde se entrega à preocupação de estudar e escrever”.<sup>129</sup>

### 1.3 Irreverências!

Já em 1925, Câmara Cascudo afirmava que a cidade do Natal se interessava por ele e, mais que isso, consagrava-o. Em carta endereçada a Mário de Andrade, naquele ano, ele assim declarou: “hoje é o meu aniversário. Preciso conversar com v. [Mário] antes de fugir. Ultimamente a minha cidade lê jornais e revistas e se interessa por mim. Consagra-me”.<sup>130</sup> Segundo ele, a repercussão alcançada por seus escritos era de tal ordem que, na data de seu natalício, sentia a necessidade de fugir, esquivando-se de prováveis recepções e solenidades festivas.

Mesmo considerando a vaidade juvenil presente nessa declaração, é lícito afirmar que *Cascudinho* já possuía naquele momento uma atividade jornalística consolidada. Como diretor e colaborador do jornal *A Imprensa*,

<sup>129</sup> “HISTÓRIAS que o tempo leva”. *A Imprensa*, Natal, 08 ago. 1924.

<sup>130</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Mário de Andrade*]. Natal, 30 dez. 1925. Carta. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: \_\_\_\_. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. 354p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999. p. 253.

importante periódico local no início da década de 1920, seus escritos alcançavam inserção e aceitação na sociedade. Ele também já havia publicado artigos em grandes periódicos de circulação regional, nacional e internacional, como o jornal *Diário de Pernambuco* (Recife), a *Revista do Brasil* (São Paulo), a revista *Fon-fon* (Rio de Janeiro) e a revista *Caras & Caretas* (Argentina).<sup>131</sup> Conforme exposto no tópico anterior, os primeiros livros cascudianos também foram bem recebidos dentro de uma rede intelectual que ultrapassava os limites territoriais do Rio Grande do Norte.

Todavia, antes de ter sido consagrado em sua cidade natal, Cascudo enfrentou algumas oposições. É bem verdade que essas resistências foram diminutas, se comparadas à vasta recepção positiva de seus escritos. Mesmo assim, chamo a atenção para o fato de alguns insurgentes locais terem questionado, sem reverência, os méritos iniciais da atividade literária cascudiana. Nesse sentido, destaco uma série de quatro colunas publicadas pelo jornal *A Notícia*<sup>132</sup>, em 1921, acerca do livro de Câmara Cascudo que acabara de ser lançado, o *Alma Patrícia: crítica literária*.<sup>133</sup> O mesmo livro que receberia os elogios de escritores renomados como João Ribeiro, Rocha Pombo, Conde de Afonso Celso, Alberto de Oliveira, Gustavo Barroso e

---

<sup>131</sup> Como exemplos desses artigos publicados em respeitados periódicos, ver CASCUDO, Luís da Câmara. O aboiador, *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 67, p. 296-298, jul. 1921.

*Id.*, Pedro Velho. *Fon-fon*, Rio de Janeiro, a. 16, n. 36, set. 1922.

*Id.*, El caipora, Dios selvage. *Caras & Caretas*, Argentina, abr. 1924.

*Id.*, Dos cultos esquecidos no Nordeste brasileiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07 nov. 1925.

<sup>132</sup> De acordo com Manoel Rodrigues de Melo, *A Notícia* circulou em Natal pelo menos entre maio de 1921 e maio de 1925.

Cf. MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte. 1909-1987*. Natal: Fundação José Augusto; São Paulo: Cortez, 1987. (Documentos Potiguares, 3).

<sup>133</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patrícia: crítica literária*.

Afrânio Peixoto, primeiro recebeu críticas severas de um jornalista norte-rio-grandense: o crítico literário Nascimento Fernandes.<sup>134</sup>

É importante anteciparmos que essas críticas assinadas por N. Fernandes, com o título de *Irreverências*, surgiram muito mais em função de uma oposição política do que propriamente de uma crítica estética ou formal aos escritos de Câmara Cascudo. Naquela época, Antônio de Melo e Souza<sup>135</sup> governava o Rio Grande do Norte e, como vimos, Cascudo e o jornal *A Imprensa* mantinham fortes vínculos com o grupo político que estava no poder. Por sua vez, *A Notícia* exercia uma oposição moderada ao governo e, além disso, era um jornal recém-criado que buscava se firmar nesse segmento. A linha editorial seguida por esse periódico denota uma intenção de se constituir como órgão de fiscalização das ações do Estado por parte de seus próprios serventuários. É comum em suas páginas a presença de colunas questionando ações do poder público que o jornal considerava em desabono à sociedade. Em linhas reproduzidas d'*A Notícia*:

Membros do partido situacionista, não abdicamos, todavia, da faculdade de discutir e exprobar o procedimento daqueles correligionários que, muitas vezes, com maior soma de responsabilidade que nós, não se colocaram à altura dos seus postos, trabalhando em bem da nossa terra, por cuja grandeza combatemos com sinceridade e ardor.<sup>136</sup>

<sup>134</sup> Acerca do poeta e jornalista Nascimento Fernandes, localizei poucas informações durante a pesquisa. As exceções se referem às matérias publicadas no próprio jornal *A Notícia*.

Cf. NASCIMENTO Fernandes. *A Notícia*, Natal, 24 dez. 1921.

INTELECTUAIS norte-rio-grandenses. *A Notícia*, Natal, 24 dez. 1923.

<sup>135</sup> Antônio José de Melo e Souza governou o Rio Grande do Norte por dois mandatos: o primeiro entre 23 de fevereiro de 1907 e 25 de março de 1908 e o segundo entre 01 de janeiro de 1920 e 01 de janeiro de 1924.

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*.

<sup>136</sup> SEM Título. *A Notícia*, Natal, 04 set. 1921.

Isso quer dizer que a análise das críticas ao livro inaugural de Cascudo, encetadas por Nascimento Fernandes, será feita neste trabalho na chave de leitura cujo primeiro referencial é uma oposição política dentro da sociedade norte-rio-grandense. À primeira vista, as críticas literárias desse jornalista respondiam a uma postura combativa que norteava a linha editorial d'A *Notícia*. Assim sendo, Fernandes devia estar sempre pronto a “profligar [isto é, a destruir] os que, indebitamente, querem conquistar glórias literárias”.<sup>137</sup> Seu papel como crítico era o de avaliar a qualidade das produções e de emitir pareceres que distinguissem aptos e inaptos ao ofício das letras.

Com efeito, no jornal *A Notícia* do dia 04 de setembro de 1921, Nascimento Fernandes publicou a primeira de suas quatro *Irreverências*. Nessa coluna, o jornalista afirmou que o livro *Alma patricia* não era uma publicação recomendada por possuir um estilo claudicante; um senso de medida nulo, devido à adjetivação excessiva e insincera; e por conter imperdoáveis erros gramaticais. Após assinalar esses problemas, ele asseverou: “não se concebe que um moço reputado erudito, possuidor de uma vasta e selecionada biblioteca, dedicando-se exclusivamente às letras, venha dar de público o testemunho formal dos seus parcos conhecimentos da língua mater”.<sup>138</sup>

De acordo com a análise de Nascimento Fernandes, o *Alma patricia* não se incluía entre os estudos dignos de repercussão, nem no Rio Grande do Norte e, muito menos, nos “meios intelectuais mais desenvolvidos”.<sup>139</sup> Dois fatores sustentavam sua argumentação: o livro apresentava deficiências

---

<sup>137</sup> DIVERSAS. *A Notícia*, Natal, 09 ago. 1922.

<sup>138</sup> FERNANDES, N. *Irreverências*. *A Notícia*, Natal, 04 set. 1921.

<sup>139</sup> FERNANDES, N. *Irreverências*. *A Notícia*, Natal, 04 set. 1921.

quanto à linguagem e não realizava efetivamente uma crítica literária como se propusera. Ao contrário, o livro teria sido elaborado a partir da relação pessoal de Cascudo com os escritores por ele examinados. Por conseguinte, o autor apenas permutava elogios, pondo “em evidência o triunfo das nulidades entre nós”.<sup>140</sup> Ainda na opinião de Fernandes, isso justificava inclusive a sequência na qual os escritores foram discutidos por Câmara Cascudo: ele teria optado por iniciar o estudo com a crítica aos escritores vivos e por remeter para o término do trabalho sua reflexão acerca dos poetas já falecidos. Ao final de sua análise, o crítico literário do jornal *A Notícia* concluiu que esse livro seria o “corpo de delito literário” do seu autor.<sup>141</sup>

Nesses termos, outra questão se apresenta: as tensões em torno da constituição de um meio intelectual norte-rio-grandense, sobretudo voltado à crítica literária, durante os anos de 1920. Esse debate por posições no cenário intelectual local se configura como uma segunda chave de leitura para o *irreverente* julgamento. Não podemos esquecer que o livro *Alma Patrícia* possui um subtítulo relativo à área de atuação na qual seu autor se lançou: a crítica literária. Em seu prefácio, Câmara Cascudo argumentava que “não tínhamos ainda um volume de crítica, ao menos que sintetizasse o movimento literário norte-rio-grandense”.<sup>142</sup> Diante dessa lacuna, o seu livro até poderia vir a ser uma apreciação sobre a vida intelectual do Rio Grande do Norte, desde que percebida como uma “crítica impressionista e admirativa”.<sup>143</sup>

<sup>140</sup> *Id.*, Irreverências. *A Notícia*, Natal, 11 set. 1921.

<sup>141</sup> *Id.*, Irreverências. *A Notícia*, Natal, 04 set. 1921.

<sup>142</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patrícia: crítica literária*. p. 7.

<sup>143</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 8.

Assim, a concorrência pelo lugar de crítico literário na capital do Rio Grande do Norte separava os dois candidatos a esse papel. Para N. Fernandes, ser crítico literário significava estabelecer parâmetros avaliativos acerca da qualidade dos escritos alheios, notadamente ressaltando os defeitos existentes. De modo que, baseado nessa definição, Cascudo não seria capaz de verificar imperfeições, sendo unicamente apto a “comprar elogios a troco de elogios”.<sup>144</sup> Por esse motivo, Fernandes questionou: “poder-se-á considerar crítico quem assim julga? Quais os pontos fracos da obra apontados pelo crítico? E será essa a missão dos que se abalançam a estudos dessa ordem?”.<sup>145</sup>

Como resposta negativa a esses questionamentos, o articulista *d’A Notícia* remeteu o leitor a outro crítico literário, na ocasião já falecido, como exemplo de capacidade julgadora e de estilo de escrita: o jornalista Armando Seabra.<sup>146</sup> Fica evidente na série de colunas *Irreverências* a intenção de Nascimento Fernandes em se posicionar como sucessor de Armando Seabra, convocando-o para autorizar seus julgamentos relativos ao livro *Alma Patrícia*. Por isso, é interessante conhecermos um pouco da crítica literária escrita por Armando Seabra para verificarmos até que ponto essa sucessão foi possível e examinar sob quais referenciais se fundamentava o meio literário norte-rio-grandense daquele período.<sup>147</sup>

<sup>144</sup> FERNANDES, N. *Irreverências*. *A Notícia*, Natal, 11 set. 1921.

<sup>145</sup> *Idem*.

<sup>146</sup> Armando Augusto Seabra de Mello nasceu no Rio Grande do Norte, em 17 de março de 1892, e faleceu em 22 de agosto de 1920. Parte de sua produção jornalística, particularmente as suas críticas literárias, foi reunida e publicada em livro póstumo. Cf. SEABRA, Armando. *Ensaio de crítica e literatura*. Natal: M. Victorino, 1923.

<sup>147</sup> Vale notar que, posteriormente, Câmara Cascudo escreveu uma crítica sobre o livro de Armando Seabra no jornal *A Imprensa*. Apesar de não simpatizar com o estilo áspero do autor, Cascudo considerou positivo o trabalho de Seabra.

Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura crítica*. *A Imprensa*, Natal, 13 abr. 1923.

De fato, o estilo desenvolvido por N. Fernandes era bastante semelhante ao tom da escrita de Armando Seabra: sarcástico e hostil. Ao comentar um verso do poeta Barreto Sobrinho, por exemplo, Seabra desferiu:

Duas incoerências se contêm neste verso [No estridente *zumbir* de uma cigarra]: dizer que a cigarra *zumbe* e classificar-lhe o zumbir de estridente. Ou bem a cigarra canta estridentemente, ou bem *zumbe*. Este último verso é onomatopaico, de modo que, ao pronunciá-lo, parece estarmos ouvindo o som especial e obscuro, produzido pelo voejar dos insetos. Com tamanhas liberdades, daqui a pouco o sr. Barreto Sobrinho dirá que o boi canta, o canário relincha e o asno faz versos (Grifos do autor).<sup>148</sup>

Com mais polidez na análise e na interpretação, Seabra teceu o seguinte comentário sobre o estudo *A matriz de Natal* realizado por Nestor dos Santos Lima, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: “vasada num estilo claudicante, ‘A matriz de Natal’ não se recomenda sequer pela pureza da linguagem, não obstante sair das mãos de um diligente pedagogo”.<sup>149</sup> A atenção de Seabra com a linguagem, a identificação de um provável estilo claudicante e a não recomendação do estudo analisado, em muito se assemelham às *irreverências* dispensadas a Câmara Cascudo. Por seu turno, sobre os poemas do próprio N. Fernandes publicados no seu *Livro de Matilde*, Seabra escreveu apenas críticas sutis, ofertando-lhe elogios e “um abraço de amigo”: “sem embargo do pouco empenho do autor em fazer obra perfeita e lapidar, encontram-se aí sonetos com símiles felizes, senão originais”.<sup>150</sup>

<sup>148</sup> SEABRA, Armando. *Op. cit.* p. 104.

<sup>149</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 105.

<sup>150</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 113-115.

Portanto, ao criticar Câmara Cascudo, Fernandes julgava dar continuidade à tarefa iniciada por Seabra de apurar os valores literários do Rio Grande do Norte e, também, acreditava assegurar a qualidade e a exclusividade de sua própria atuação como crítico, seguindo um modelo calcado na ideia de severidade da análise e de estilo polêmico. Isso fica notório na terceira coluna da série *Irreverências*, quando as críticas foram adquirindo um maior tom de afrontamento e na medida em que Fernandes investiu contra a pessoa de Câmara Cascudo, fazendo apenas breves alusões ao livro iniciador do debate. Não mais se tratava de analisar as deficiências de um texto específico ou de apontar as fragilidades de um autor, mas sim de discordar claramente da recepção positiva dos escritos cascudianos e de questionar a inserção desse escritor no cenário literário local. A fim de esclarecer esse ponto, transcrevo um pequeno trecho da coluna em questão:

Compenetrado da sua superioridade e do seu valor no domínio da literatura nacional, achou [Câmara Cascudo] que a simples divulgação dos seus escritos pela imprensa, tão lidos e devorados pelo moscardo literário, lhe não faria, lá fora, a recomendação necessária do seu apregoado talento e da sua decantada cultura. Só o livro daria pasto a sua vaidade e ao seu furioso orgulho de “menino prodígio”.

Por esse meio tornar-se-ia uma glória nacional.

E daí a gestação desse *monstrengo* que é o *Alma Patrícia*, (...).  
(Grifos do autor).<sup>151</sup>

De acordo com o ponto de vista de Nascimento Fernandes, não era aceitável que Câmara Cascudo fosse consagrado pela cidade do Natal e, conseqüentemente, alçasse o reconhecimento literário nacional. A partir de então, a crítica de Fernandes adquiriu um tom ainda mais personalista e

---

<sup>151</sup> FERNANDES, N. *Irreverências*. *A Notícia*, Natal, 17 set. 1921.

polemista, através do qual ele buscava consumir o empreendimento que nomeou de “obra de demolição” dos escritos cascudianos, almejando comprovar o insucesso do livro *Alma Patrícia*, a não inserção de seu autor na intelectualidade local e sua não repercussão nacional.<sup>152</sup> A partir daí, o debate foi convertido em intriga e chegou às raias da ofensa. A escolha de verbos ambíguos e a adjetivação áspera passaram a nortear uma discussão que havia iniciado como uma crítica literária.

Fernandes ainda manteve diálogo com um dos poucos críticos literários daquela época cujo ponto de vista acerca de Câmara Cascudo era similar ao seu: o membro da Academia Brasileira de Letras, Osório Duque-Estrada.<sup>153</sup> No mesmo período em que foram publicadas as *Irreverências* n’A *Notícia*, Osório Duque escreveu uma crítica sobre o *Alma Patrícia* em sua coluna semanal no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Assim como N. Fernandes, Osório Duque apontou a existência de alguns erros gramaticais no estudo de Cascudo, demonstrando através de exemplos que, no livro *Alma Patrícia*, “invariavelmente [ocorre] o sujeito separado do verbo por meio de vírgula”.<sup>154</sup> Entretanto, diferente do jornalista norte-rio-grandense, ele atribuiu algum valor ao livro e concluiu que, se houvesse passado por uma correção ortográfica, o *Alma Patrícia* “grande e relevante serviço teria prestado ao Rio Grande do Norte, à literatura, [e] ao leitor”.<sup>155</sup>

<sup>152</sup> *Id.*, *Irreverências. A Notícia*, Natal, 26 nov. 1921.

<sup>153</sup> Osório Duque-Estrada nasceu em Pati do Alferes, no Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1870, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 05 de fevereiro de 1927. Foi eleito para a cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras, em 1915. Atuou como crítico literário, poeta e professor. É mais conhecido como autor da letra do hino nacional brasileiro. Cf. BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2008.

<sup>154</sup> DUQUE-ESTRADA, Osório. Registro literário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 out. 1921.

<sup>155</sup> *Idem.*

Tomando a crítica de Osório Duque-Estrada como acréscimo a suas ideias, Nascimento Fernandes encerrou seu ponto de vista, arrematando: “foi assim que V. [Casculo] no delírio da sua divinização e na plethora do seu entusiasmo, recebeu, mais uma vez, novos e certos golpes vibrados contra a peanha sagrada onde o colocaram a admiração e a estima dos seus conterrâneos”.<sup>156</sup> É interessante identificarmos aqui uma das primeiras referências ao prestígio cascludiano na cidade do Natal. Apesar de o trecho ter sido formulado como uma discordância, ele alude ao reconhecimento de Câmara Casculo pelos seus conterrâneos, por meio de sua posição intelectual. Naquele momento, *Cascudinho* deixava de ser apenas o *Príncipe do Tirol* para se transformar no escritor Luís da Câmara Casculo.

Certamente, ainda que em menor escala, havia os que concordavam com a “maneira criteriosa” adotada por N. Fernandes para analisar o livro *Alma Patrícia*.<sup>157</sup> Ao mesmo tempo, essas colunas eram do interesse dos leitores d’*A Notícia*, uma vez que forjavam uma vida literária na cidade, na qual se discutia o surgimento de novos talentos literários ou se propunha a obliteração daqueles cujo valor seria duvidoso. Ao questionar um escritor vinculado às elites locais, sem dúvida, essa coluna fazia um registro literário irreverente. Fossem para aguçar o interesse dos leitores ou fossem solicitadas por eles, tais *irreverências* eram apregoadas pelo jornal dias antes da sua publicação e continuavam sendo anunciadas e aguardadas nos meses seguintes:

---

<sup>156</sup> FERNANDES, N. Irreverências. *A Notícia*, Natal, 26 nov. 1921.

<sup>157</sup> SEM Título. *A Notícia*, Natal, 24 set. 1921.



**Imagem 5** Anúncio da coluna *Irreverências*, da autoria de Nascimento Fernandes.

**Fonte:** *A Notícia*, Natal, 29 abr. 1922.

**Acervo:** *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte* – Natal-Rio Grande do Norte.

Mesmo tendo sido anunciadas, não localizei outras *irreverências* nas páginas de quaisquer jornais. Dessa forma, as censuras de Nascimento Fernandes e de Osório Duque-Estrada ao livro *Alma Patricia* ou, se preferirmos, suas oposições a Câmara Cascudo, permitem-nos visualizar as tensões na montagem de um meio literário norte-rio-grandense no início do século XX. Apesar de terem sido desviadas do debate intelectual que as originou, a série de colunas *Irreverências* permitem verificarmos os obstáculos para a consolidação de Cascudo no segmento da crítica literária local e, mais que isso, fornecem explicações para o fato desse autor conseguir se posicionar para além das investidas contra seus escritos. Por isso, deixo falar o próprio *Cascudinho* se posicionando, literalmente, acima da crítica rival: “do meu caminho, via que escolhi e seguirei, não será bico

de pena ou arruído de tinta pródiga em doesto, que me forçará a retrocessos e recuos”.<sup>158</sup>

#### 1.4 Fico! E vou ficando...

Conforme observado nos tópicos anteriores, ao longo das décadas de 1910 e 1920, as relações do jovem Luís da Câmara Cascudo com a cidade do Natal foram modificadas. A partir do seu lançamento no meio literário, em 1918, ele adquiriu notoriedade e deixou de ser visto apenas como filho de um rico representante comercial para ser reconhecido como o escritor local “que cedo desfrontere os limites do nosso Estado”.<sup>159</sup> Paralelamente, enquanto sua posição intelectual se tornava prestigiada, a situação financeira de sua família entrava em declínio. Já em 1926, segundo ele próprio, sua preocupação em proclamar independência financeira de seus pais estava na ordem do dia, diminuindo o tempo por ele dedicado aos escritos: “estou arrastando os livros porque me meti com meu pai em comércio. Necessito Ipirangar minha vida”.<sup>160</sup>

A decadência econômica da família Cascudo ainda possui explicações bastante controversas, na medida em que tal episódio permanece sendo interpretado de uma maneira especulativa. Na opinião de Gildson de Oliveira, por exemplo, essa *débâcle* foi exposta nos seguintes termos: “depois de cuidar da saúde do filho e encaminhá-lo na vida, influenciando-o para os livros e a cultura [sic], o coronel Francisco Cascudo

<sup>158</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-brac. *A Imprensa*, Natal, 11 jun. 1922.

<sup>159</sup> LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 29 dez. 1922.

<sup>160</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Mário de Andrade*]. Natal, 18 maio 1926. Carta. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: \_\_\_\_\_. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. p. 256.

esbarra no declínio por ter tentado ajudar os amigos, antigos ‘fregueses’ que lhe passaram a perna”.<sup>161</sup> Do mesmo modo, os jornais locais pouco ou quase nada informam sobre o caso. Somente uma pesquisa específica que analise as conjunturas política e econômica da cidade, entre meados dos anos 1920 e início dos anos 1930, poderá lançar luz sobre a trajetória singular de Francisco Cascudo, esclarecendo os motivos de seu ocaso.

Não obstante, os escritos memorialísticos e as correspondências de Câmara Cascudo apontam três eventos ligados a essa falência como significativos para a sua vida: 1) o fechamento do jornal *A Imprensa*, em 1927; 2) a execução de uma dívida que resultou na perda de propriedade da Vila Cascudo, em 1932; e 3) a morte de Francisco Cascudo, ocorrida em 1935.<sup>162</sup> Esses acontecimentos interferiram diretamente nos rumos seguidos por *Cascudinho*, privando-o dos recursos que sustentavam sua atividade literária e o levando a mobilizar toda uma rede intelectual que ele havia estabelecido até aquele instante para dar continuidade ao seu trabalho como escritor.<sup>163</sup>

Assim sendo, em 1927, o encerramento das atividades do jornal *A Imprensa* foi um dos principais momentos da crise financeira da família Cascudo. Mas o biógrafo de Francisco Cascudo, Thadeu Villar de Lemos, minimizou o peso desse fato ao argumentar que o Coronel “não visava interesses de ordem financeira” quando mantinha *A Imprensa*.<sup>164</sup> De acordo com Villar de Lemos, a circulação do periódico só foi efetivamente

---

<sup>161</sup> OLIVEIRA, Gildson. *Câmara Cascudo, um homem chamado Brasil*. p. 32.

<sup>162</sup> Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. p. 42-63.

<sup>163</sup> Sobre os escritores que precisaram mobilizar redes políticas e intelectuais para enfrentar os desafios da falência paterna, no início do século XX, ver MICELI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos*. São Paulo: Perspectiva, [s.d.]. (Coleção Elos).

<sup>164</sup> LEMOS, Thadeu Villar de. *O coronel Cascudo*. p. 15.

interrompida por causa do aparecimento de outros jornais diários na capital do Rio Grande do Norte, transformando o jornal em um negócio lucrativo e a publicidade em uma atividade remunerada, não havendo mais o objetivo de utilidade pública que estaria na origem d'*A Imprensa*.<sup>165</sup>

Esse entendimento, a despeito do ponto de vista pessoal e afetivo de Villar de Lemos, sugere que a concorrência de outros jornais havia desestruturado as finanças d'*A Imprensa* e, logo, inviabilizado seu funcionamento. Em termos mais concretos, a não circulação desse jornal significou a perda de um espaço para *Cascudinho* publicar seus artigos acerca da vida literária no Rio Grande do Norte. Contudo, já no ano seguinte, ele se transferiu para o órgão de notícias oficial do Estado, o jornal *A República*, e iniciou a publicar crônicas com temáticas voltadas para a observação da cidade e, vez por outra, algumas resenhas bibliográficas sobre escritores de todo o país.<sup>166</sup>

O Cascudo cronista do jornal *A República*, em 1928, representou o surgimento do escritor que frequentava as ruas para emitir pareceres de observações sobre o cotidiano da cidade: “há dias passados, fiz um passeio cismarento e longo pelas velhas ruas de Natal. Tanta casa silenciosa rompendo a mudez para gritar-me nomes e erguer figuras idas no pretérito”.<sup>167</sup> A crônica, enquanto um gênero literário, permitiu-lhe desenvolver um estilo de escrita menos rebuscado do que o presente nas colunas *Bric-à-brac*, uma vez que seus interlocutores não eram apenas os literatos da cidade, mas os leitores ordinários do jornal. Por meio dessa

---

<sup>165</sup> *Id.*, *Ibid.* p. 15.

<sup>166</sup> Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. A nossa D. G. de E. *A República*, Natal, 26 jul. 1928. *Id.*, *Bibliôn. A República*, Natal, 27 jul. 1928.

<sup>167</sup> *Id.*, O Doutor Antunes. *A República*, Natal, 06 dez. 1928.

forma de comunicação direta com o leitor natalense, o cronista foi se entregando à cidade e fazendo de Natal a temática principal de seus escritos.

Todavia, é necessário percebermos que se tornar cronista também significou um emprego remunerado quando a situação financeira da família Cascudo se agravava. Por esse mesmo motivo, ainda em 1928, Câmara Cascudo passou a exercer a atividade de professor interino de história do Brasil no principal colégio da cidade, o Atheneu Norte-rio-grandense.<sup>168</sup> Em 1934, por concurso, ele foi efetivado nessa instituição de ensino como professor da cadeira de História da Civilização.<sup>169</sup> As atividades de cronista e professor eram, pois, as fontes dos recursos com os quais ele auxiliava sua família naquele momento de grandes mudanças em sua vida: seu noivado com a jovem conterrânea Dahlia Freire, em 1927; sua formação no curso jurídico, pela Faculdade de Direito do Recife, em 1928; seu casamento com Dahlia Freire, em 1929; a instabilidade econômica e política de 1929 e 1930;<sup>170</sup> o nascimento do primeiro filho do casal, Fernando Luís, em 1931; a hipoteca e, por conseguinte, a perda da Vila Cascudo, em 1932; seu envolvimento com o integralismo, em 1933;<sup>171</sup> e, por fim, o falecimento de seu pai, Francisco Cascudo, em 1935.

---

<sup>168</sup> Cf. *Id.*, *Ontem: maginações e notas de um professor de província*. 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998. p. 24.

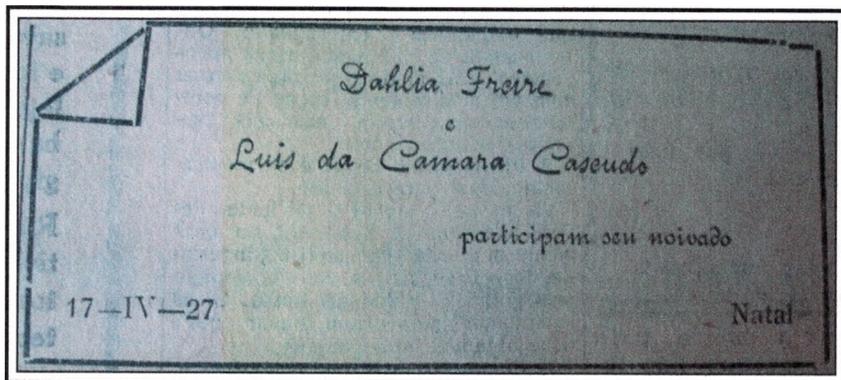
SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. *Diário de Natal*, Natal, 30 dez. 1998. v. 1. p. 17.

<sup>169</sup> DR. CÂMARA Cascudo. *A República*, Natal, 27 abr. 1934.

<sup>170</sup> Segundo os biógrafos cascudianos, no ano de 1930, Cascudo foi eleito Deputado Estadual pelo Partido Republicano Federal. Porém, com a assunção de Getúlio Vargas ao poder nacional naquele mesmo ano, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte foi dissolvida. Entre a nomeação de Câmara Cascudo ao poder público e o início do governo Vargas, apenas cinco dias havia sido decorridos: tempo em que durou o mandato do escritor como Deputado.

Cf. SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. *Diário de Natal*, Natal, 06 jan. 1999. v. 2. p. 23-24.

<sup>171</sup> Acerca da participação de Cascudo no movimento integralista, ver TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. *Silenciando peças e criando lacunas: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945)*.



**Imagem 6** Anúncio do noivado de Dahlia Freire e Luís da Câmara Cascudo.

**Fonte:** *A Imprensa*, Natal, 20 abr. 1927.

**Acervo:** *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte* – Natal-Rio Grande do Norte.

Esses sucessivos acontecimentos provocaram uma instabilidade na vida de Câmara Cascudo, simultaneamente à realização de seu matrimônio e à constituição de sua própria família. A perda da chácara do Tirol, em 1932, é sintomática dessa instabilidade financeira, na medida em que obrigou toda a família Cascudo a se mudar para uma casa menor na Avenida Junqueira Aires, número 393.<sup>172</sup> Ao comentar esse fato a Mário de Andrade, em correspondência pessoal, *Cascudinho* expôs a situação delicada em que se encontrava: “faço milagres para viver porque a vida se encarece e eu não tenho aumento financeiro para acompanhar os preços. Cada dia devo

<sup>172</sup> Vale destacar que a casa da Avenida Junqueira Aires, para a qual a família Cascudo se mudou por volta do fim do ano de 1932, estava localizada entre o solar Bela Vista e a residência em que Câmara Cascudo viria morar a partir de 1947. Tal moradia não permanece erguida, mas o terreno onde ela estava assentada ainda pertence aos seus descendentes.

Sobre o processo de hipoteca que resultou na perda de propriedade da Vila Cascudo, ver CASCUDO, Luís da Câmara. Conversa sobre a hipoteca. *Panorama*, São Paulo, a. 1, n. 4-5, p. 44-46, abr./maio 1936.

diminuir os gastos, privando-me de hábitos velhos, inclusive de comprar livros”.<sup>173</sup>

Em face dessa situação, Câmara Cascudo não mais residiu em capitais de outros estados brasileiros, como antes o objetivo de adquirir uma formação superior havia lhe possibilitado. No final da década de 1910 e início dos anos 1920 foi possível a seus pais mantê-lo em Salvador e no Rio de Janeiro para cursar medicina - faculdade que ele não chegou a concluir. Do mesmo modo, entre os anos de 1924 e 1928, ele ainda pôde morar na cidade do Recife, onde de fato se formou em direito. No entanto, já nessa época de estudante, as economias de sua família se tornaram exíguas, levando-o a fixar moradia junto a Francisco Cascudo e Ana da Câmara, em Natal:

Prestei os exames e fui para a Bahia, cursar medicina. Depois, Rio de Janeiro, então e realmente “Cidade Maravilhosa”. Meu pai empobrecendo, não poderia eu ser um pesquisador na terapêutica tradicional, como sonhara. (...). Eu queria um laboratório meu. Já não era possível. Fixei-me em Natal, ensinando em colégios e ajudando cursos particulares. Para não ser *seu Cascudinho*, horrorizando mamãe, fui para a Faculdade de Direito do Recife, três meses por ano, levando as economias pessoais, hóspede em pensões humildes e típicas. Em dezembro de 1928 disse, como Guerra Junqueiro: “Sou como toda a gente um bacharel formado!” (...). A pobreza de meu pai, altiva e nobre, não me permitia abandoná-lo e viajar para o sul, vencer no Rio. Filho único, devia retribuir em assistência quanto tivera em pecúnia e carinho. Fiquei, definitivamente e sem recalques, provinciano.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> *Id.*, [Correspondência enviada a Mário de Andrade]. Natal, 04 jan. 1933. Carta. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In:\_\_\_\_. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. p. 310.

<sup>174</sup> *Id.*, *O tempo e eu: confidências e proposições*. p. 50-51.

Naquela fase da vida de *Cascudinho*, as circunstâncias não lhe permitiam cogitar maiores pretensões de transferência para outros lugares do país, como era comum à intelectualidade brasileira do início do século XX.<sup>175</sup> Sobretudo após a morte do Coronel Cascudo, em 1935, essa possibilidade de transferência se tornou ainda menor, uma vez que transformou o jovem escritor norte-rio-grandense em arrimo de família. Aliás, cumpre notar que a documentação relativa aos anos 1920 e 1930, com a qual trabalhei, não se refere a intenções cascudianas de mudar-se para outras unidades da federação em busca de uma possível recuperação econômica. Ao contrário, essas fontes expressam os anseios do escritor através de planos de realização local. A título ilustrativo, cito um desses propósitos: “melhor é casar, morar em Natal, assinar revistas, pensar em livros, cumprimentar por carta toda gente e morrer aos cem anos”.<sup>176</sup>

Então, pensar em um amor incondicional de Luís da Câmara Cascudo pela cidade do Natal, de modo a ele “preferir permanecer na província” a aceitar os convites para trabalhar em “grandes metrópoles”, é uma leitura que está assentada em enunciados posteriores à década de 1930.<sup>177</sup> Até aquele momento, a questão não era pensada em termos de permanência ou mudança de cidade, mas de lançamento e de projeção intelectual e, em virtude da derrocada paterna, de uma busca por estabilidade financeira. Somente a partir dos anos 1940, quando Cascudo já possuía uma obra

---

<sup>175</sup> Cf. MICELI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos*.

<sup>176</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Mário de Andrade]. Natal, 03 set. 1929. Carta. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: \_\_\_\_\_. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. p. 274.

<sup>177</sup> PESAR nacional pela morte de Câmara Cascudo. *Quadra*, Recife, a. 6, n. 68, p. 22-23, ago. 1986. p. 22.

acerca da história local consolidada e também quando seus escritos sobre o folclore brasileiro ganhavam fôlego, começaram a surgir na documentação convites e possibilidades para ele trabalhar em outras plagas. Em resposta a uma dessas convocações, escreveu Cascudo:

Depois de D. Pedro I sou homem para gritar, sem que a felicidade geral da Nação dependa de mim: – *fico. E vou ficando*. Ficando enrolado com as traças, com os vaqueiros, com os cantadores, com o povo miúdo, feiras, sambas, catimbós, bibliotecas, estudando, cutucando o próximo para pedir informações. E ficando. Não há compensação lá fora (Grifo meu).<sup>178</sup>

Portanto, mais do que um sentimento telúrico ou um amor devotado determinando a fixação de Luís da Câmara Cascudo na cidade do Natal, ocorreu uma série de eventos decisivos que, entre os anos de 1920 e 1930, atuaram para a sua permanência na mesma cidade onde havia nascido. Particularmente, a derrocada econômica familiar deu novos rumos a suas atividades intelectuais, substituindo a crítica literária por crônicas acerca do cotidiano e do passado local. Nesse sentido, permanecendo em Natal e escrevendo diariamente em periódicos para gerar recursos, seus estudos começaram a por em foco a própria cidade do Natal como temática de suas pesquisas. Como veremos nos capítulos seguintes, na condição de historiador e folclorista, ele deu início à produção de uma obra fundamental para a sua monumentalização intelectual pela cidade: a escrita de um conhecimento sobre e voltado para os natalenses, que reforçou sua aproximação identitária com a cidade e o transformou no *autor da cidade do Natal*.

---

<sup>178</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Depois de D. Pedro I sou homem para gritar sem que a felicidade geral da Nação dependa de mim: fico! E vou ficando. *Presença*, Recife, n. 2, set. 1948.

## CAPÍTULO 2

*O zeloso guardião do “nosso” passado*

*A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente. (...). A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.*<sup>179</sup>

*Italo Calvino*

Este capítulo tenciona investigar a atividade de Luís da Câmara Cascudo como historiador, verificando até que ponto a escrita de uma história local foi um fator decisivo para a sua *monumentalização intelectual*, isto é, para a sua transformação em “dignitário maior das letras potiguares” ou, de forma ainda mais apologética, em “fenômeno cósmico na constelação da vida literária do Rio Grande do Norte”.<sup>180</sup>

Apesar de a crítica especializada considerar a escrita de uma história local o aspecto mais frágil e menos conhecido da obra cascudiana, uma vez que sua projeção nacional e internacional se deu em função dos seus escritos de vertente folclórica e etnográfica, é na condição de historiador que Cascudo é comumente definido e exaltado em Natal.<sup>181</sup> Sua *função de autoria* como historiador, pelo esforço e pelo interesse de escrever a cidade do Natal historicamente, possui um maior referencial telúrico e, logo,

<sup>179</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. p. 23.

<sup>180</sup> Cf. PETROVICH, Enélio Lima. O registro e a gratidão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 77-78, 1990. Não paginado. SILVA, Raimundo Nonato da *apud* PETROVICH, Enélio Lima. Luís da Câmara Cascudo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 77-78, p. 160-161, 1990. p. 161.

<sup>181</sup> Cf. ARRAIS, Raimundo. *Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal*. 2005. Digitado.

meritório para os seus conterrâneos.<sup>182</sup> Assim sendo, examino as contribuições de Câmara Cascudo para a historiografia norte-rio-grandense, questionando como a produção de um saber acerca da cidade deu a ele primazia sobre outros historiadores locais.

Durante a década de 1920, juntamente com uma intensa atividade de crítica literária e com um ainda incipiente estudo do folclore norte-rio-grandense, a escrita da história também fez parte das primeiras atividades intelectuais desenvolvidas pelo jovem *Cascudinho*. Conforme exposto no capítulo anterior, já em 1924, ele lançou o livro *Histórias que o tempo leva*, que representou seu lançamento no segmento intelectual da historiografia.<sup>183</sup> Esse estudo, como o título sugere, teve por objetivo narrar alguns eventos ocorridos no Rio Grande do Norte que, para o historiador iniciante, estavam sujeitos à passagem do tempo e ao ocaso do esquecimento por parte de seus compatriotas.

Além desse livro, *Cascudinho* anunciou naquele mesmo momento a realização de uma pesquisa visando à produção de outros dois trabalhos de cunho historiográfico, um dos quais chamar-se-ia “Figuras da velha memória”.<sup>184</sup> Apesar de não ter sido publicado, esse estudo foi definido por seu idealizador como um serviço intelectual prestado ao estado do Rio Grande do Norte, na medida em que evitaria o esquecimento do passado norte-rio-grandense, constituindo-se também em uma memória cidadina. Nas palavras do então novo pesquisador da história local:

---

<sup>182</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*

<sup>183</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Histórias que o tempo leva... da história do Rio Grande do Norte*.

<sup>184</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondências enviadas a Mário de Andrade*]. Natal, 08 ago. 1926 e 01 jan. 1928. Cartas. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: \_\_\_\_. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. p. 258 e 265.

O estudo que lhe agradou – sobre a cidade do Natal – pertence a um livro de reconstruções históricas. Chamar-se-á “Figuras da velha memória”, se Deus for servido. Estou muito triste por não poder realizar o meu trabalho de imaginação. O acaso tem me fornecido notas de tal maneira preciosas que sou um dos raros conhecedores do velho passado potiguar. É um desserviço a minha terra engolir estas notas ou se deixar que se escreva errado o que se passou direito e vice-versa.<sup>185</sup>

Esse projeto de servir a sua terra natal produzindo conhecimento histórico foi, posteriormente, nomeado por Cascudo como sua missão provinciana.<sup>186</sup> Particularmente ao longo da administração de Sylvio Piza Pedroza à frente da Prefeitura Municipal do Natal, entre 13 de fevereiro de 1946 e 25 de fevereiro de 1950, essa *missão intelectual* assumida por Câmara Cascudo obteve grande credibilidade.<sup>187</sup> Na ocasião, ele foi chamado a participar de solenidades públicas ligadas a eventos pretéritos, a contribuir com as ações culturais desenvolvidas pela Prefeitura e, principalmente, a produzir conhecimento histórico acerca da cidade do Natal. Com isso, ele passou a exercer uma função intelectual sobre o passado local, dedicando-se ao ofício de historiador da cidade.

Conforme está expresso na documentação, Cascudo estava assumindo naquele instante um papel que lhe seria de direito: o de “guardião zeloso de nosso passado histórico”.<sup>188</sup> Proclamado por seus

---

<sup>185</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 258.

<sup>186</sup> *Id.*, Um provinciano incurável. *Província*, Natal, n. 2, p. 5-6, 1968.

<sup>187</sup> Mais tarde, entre 16 de julho de 1951 e 31 de janeiro de 1956, Sylvio Piza Pedroza foi governador do Estado do Rio Grande do Norte.

Cf. PEDROZA, Sylvio Piza. *Dados biográficos*. [s.l.], [s.d.]. 11p. Mimeografado. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>188</sup> Cf. HOMENAGEM da cidade do Natal ao historiador Câmara Cascudo. In: *Id.*, *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1948. v. 3. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

conterrâneos como o maior conhecedor do passado natalense, ele estaria prestando grandes serviços a sua terra ao assumir esse encargo de escrever sobre as efemérides da história local, resguardando-as de um provável esquecimento. Essa árdua *batalha contra o tempo*, entendida enquanto uma produção historiográfica de alternativa ao fluxo temporal, configurou-se pelos anos afora em diversos outros trabalhos da verve evocativa e historiográfica cascudiana.<sup>189</sup>

Nesse sentido, esteve na base da obra do folclorista, do memorialista e, sobretudo, do historiador Câmara Cascudo um resolutivo combate contra os efeitos deletérios do tempo sobre homens e coisas. Seja na escrita folclórica, área do saber em que mais se destacou nacionalmente, seja na escrita da história, área em que mais produziu, seu objetivo declarado era evitar que o tempo provocasse o apagamento de manifestações culturais e o esquecimento de sujeitos históricos: “são essas fisionomias, apagadas pelo *Tempo*, que vou evocando, lembrando que, no Mundo, não há *princípio* mas *continuação...*” (Grifos do autor).<sup>190</sup>

Tendo em vista essa ideia de um Cascudo guardião do passado local, o escritor Oswaldo Lamartine definiu a contribuição desse pesquisador para a historiografia norte-rio-grandense nos seguintes termos: “eu tenho pra mim que se Deus mandar outro dilúvio, na banda da arca que tocar ao Rio Grande do Norte, basta botar um macho, uma fêmea e os escritos do velho Cascudo – que o resto afunda – mas não tem quem acabe com a

---

Esse livro é uma compilação, em três volumes, contendo recortes de jornais referentes à administração do prefeito Sylvio Piza Pedroza para os anos de 1946, 1947 e 1948. O recorte citado não possui dados de identificação, estando agrupado no volume correspondente ao ano de 1948.

<sup>189</sup> Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o Tempo”*: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

<sup>190</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. O primeiro comandante do corpo de polícia. *A República*, Natal, 09 mar. 1940.

história...”.<sup>191</sup> Salvo os excessos da afirmação de Lamartine, o lugar ocupado por Câmara Cascudo na historiografia norte-rio-grandense se tornou bastante privilegiado a partir dos anos de 1940, de maneira que seus escritos repercutiram largamente na sociedade, transformando-o no principal historiador local e, inclusive, elevando seu prestígio acima das iniciativas intelectuais realizadas pelo próprio Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), enquanto instituição específica para o estudo do passado local.<sup>192</sup>

Diante disso, analiso o significado da admissão de Cascudo em alguns Institutos Históricos, a partir da década de 1920; o lançamento de sua coluna *Acta Diurna*, em 1939, no jornal *A República* e, em 1947, no *Diário de Natal*; sua amizade com o prefeito de Natal, Sylvio Piza Pedroza, durante a década de 1940; por conseguinte, a encomenda e a publicação do livro *História da cidade do Natal* pela Prefeitura, respectivamente, em 1946 e 1947; e, por fim, a sua nomeação para o cargo oficial de historiador da cidade do Natal, no ano de 1948. Esses elementos nos permitem verificar a consagração cascudiana em Natal por meio da produção de um conhecimento histórico sobre a cidade, tendo os seus conterrâneos lhe atribuído o papel de zeloso guardião do *nosso* passado.

### 2.1 Um Instituto Histórico à parte

Ao tratarmos do conhecimento histórico produzido no Brasil, durante a passagem do século XIX para o século XX, encontramos os

---

<sup>191</sup> LAMARTINE, Oswaldo. Cascudo. *Província*, Natal, n. 2, p. 17-18, 1968. p. 18.

<sup>192</sup> Agradeço à professora Margarida Dias que, em sala de aula, sugeriu a ideia de pensar o historiador Câmara Cascudo como um Instituto Histórico em si, possuindo uma fala autorizada e uma visibilidade maior do que os demais membros do IHGRN. A efetivação de uma história do Rio Grande do Norte nos quadros do Instituto Histórico potiguar foi, em grande medida, norteadada pelos escritos cascudianos.

diversos Institutos Históricos e Geográficos espalhados pelo país como os principais lugares de produção desse saber. Esses Institutos Históricos regionais surgiram após a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, que buscava gestar uma história para a Nação brasileira, dotando-a de um passado áureo e sistematizando “uma produção historiográfica capaz de contribuir para o desenho dos contornos” nacionais que se buscava definir.<sup>193</sup> Com isso, ao longo do século XIX e início do século XX, cada província buscou fundar seu próprio Instituto para selecionar e difundir os fatos e os personagens que deveriam constituir suas histórias particulares, contribuindo assim para a efetivação de uma história nacional totalizante e harmônica.

Com efeito, em 1902, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, objetivando “coligir, metodizar, arquivar e publicar os documentos e as tradições, que lhe for possível obter, pertencentes à história, geografia, arqueologia e etnografia” do estado.<sup>194</sup> No entanto, apesar dos objetivos voltados para a composição de um arquivo com vistas a possibilitar a escrita de um saber histórico local, podemos verificar nos primeiros números da revista do IHGRN uma proposta clara de efetivar uma história norte-rio-grandense apta a apresentar o processo de constituição geográfica do território do Rio Grande do Norte ao longo do tempo e, com isso, resolver algumas questões fronteiriças então existentes com o Estado do Ceará.<sup>195</sup>

---

<sup>193</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988. p. 7.

<sup>194</sup> Cf. ESTATUTOS do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, n. 1, v. 1, p. 9-23, 1903. p. 9.

<sup>195</sup> Cf. ÍNDICE geral. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 62, 1970.

A princípio, essa postura mais interessada em fornecer subsídios históricos para uma disputa territorial restringiu a publicação de fontes na revista do IHGRN à divulgação de documentos acerca das fronteiras entre o Rio Grande do Norte e o Ceará. Fazendo uso de informações históricas, o Instituto pautou seus esforços iniciais na ênfase dos aspectos de ordem geográfica: a resolução de uma contenda de limites entre dois Estados brasileiros. Assim, a dimensão histórica mais biográfica e factual, comum aos demais Institutos Históricos, não foi o objetivo precípua e exclusivo desse sodalício norte-rio-grandense, durante os seus primeiros anos de existência. Apenas com o decorrer dos anos a compilação de outros tipos de documentos e de notas e memoriais biográficos foram, aos poucos, sendo incorporados à revista do IHGRN.

Por isso, no ano de 1924, o Câmara Cascudo articulista do jornal *A Imprensa* chegou até mesmo a acusar o Instituto Histórico norte-rio-grandense de ser uma entidade inoperante, uma vez que não estaria agindo decididamente em favor da recordação dos personagens memoráveis do passado local:

O Instituto está vivendo de comemorações. Semelha estes velhos “ancien regime” que vivem de olhar os retratos dos antepassados.

(...).

Quero dizer com isso que estas solenidades realçam e brilham o fim de uma sociedade histórica, mas *o que a prestigia, eleva e dignifica são os trabalhos realizados, os vultos roubados ao esquecimento e restituídos à admiração pública* (Grifo meu).<sup>196</sup>

Mesmo coincidindo com a época da publicação de seu primeiro livro voltado para o estudo do passado local, em meados dos anos 1920,

---

<sup>196</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Instituto Hist. e Geo. do Rio. G. do Norte. *A Imprensa*, Natal, 07 maio 1924.

*Cascudinho* ainda não fazia parte do quadro de sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte quando escreveu essa crítica. Dessa forma, suas observações classificaram abertamente o IHGRN como uma nulidade intelectual que, independente do valor particular manifesto por alguns de seus membros, estaria deixando passar em “branca nuvem” diversas teses e estudos históricos atinentes ao estado.<sup>197</sup>

A admissão de Cascudo a Institutos Históricos, de acordo com informações fornecidas por ele próprio, foi iniciada nos vizinhos estados da Paraíba, do Ceará e de Pernambuco.<sup>198</sup> Com exceção do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, para o qual os detalhes da admissão cascudiana não foram localizados, esta pesquisa investigou e localizou informações sobre a vinculação desse historiador aos Institutos Históricos do Ceará (1924), Pernambuco (1925), Rio Grande do Norte (1927) e Brasileiro (1934).

Segundo o jornal *A Imprensa*, que noticiou a eleição de seu diretor para sócio correspondente do Instituto Histórico do Ceará, em 1924, a iniciativa dessa instituição em nomear um jovem historiador para os seus quadros representava uma “honrosa distinção” intelectual: “o gesto de alta significação honrosa, não somente enobrece sobremodo o nome do jovem historiador patricio estimulando-o a novos trabalhos, como premia o seu esforço sincero pelo inteiro conhecimento do nosso passado”.<sup>199</sup> Já no ano de 1925, Cascudo foi nomeado sócio correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano – entidade sediada no principal centro cultural da região Nordeste: a cidade do Recife, onde ele

---

<sup>197</sup> *Idem.*

<sup>198</sup> *Id.*, [Correspondência enviada a Mário de Andrade]. Natal, 20 out. 1925. Carta. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: \_\_\_\_\_. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade.* p. 250.

<sup>199</sup> UMA HONROSA distinção. *A Imprensa*, Natal, 21 dez. 1924.

estava cursando a Faculdade de Direito.<sup>200</sup> Naquele mesmo ano, na condição de orador, ele representou o Instituto pernambucano em uma “homenagem à memória de Dom Pedro II”.<sup>201</sup>

De fato, ainda na década de 1920, ser sócio de algum Instituto Histórico e representá-lo em solenidades festivas significava uma distinção intelectual, na medida em que essas entidades eram as principais instâncias de produção do saber histórico no país. Os Institutos paraibano, cearense e, em especial, o pernambucano atuavam no sentido de realizar uma escrita da história que se conformava com o pensamento cascudiano acerca do estudo do passado. Desse modo, a proximidade do historiador norte-rio-grandense com essas instituições de outros estados pode ser explicada pelo seu interesse pessoal de atuar contra a passagem do tempo e em oposição ao decorrente esquecimento do passado.<sup>202</sup> Por outro lado, isso também demonstra sua proximidade a historiadores de outras unidades da federação, possibilitando sua inserção em diferentes centros intelectuais e favorecendo a projeção e a recepção de seus escritos.

Notadamente o Instituto Histórico pernambucano, empreendeu constantes atividades que se propunham a solucionar dúvidas referentes ao passado da cidade do Recife, desenvolvendo teses e fazendo sugestões para dar conta de uma história recifense propícia à ligação do “presente ao passado, sem esse caturriso que estorva o progresso” de uma grande cidade.<sup>203</sup> Por esse modo, para Câmara Cascudo, vincular-se a essas instituições representava um espaço para expressar seu ponto de vista

---

<sup>200</sup> Cf. INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 09 jan. 1925.  
INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 06 fev. 1925.

<sup>201</sup> Cf. INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 nov. 1925.  
INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 01, 03 e 04 dez. 1925.

<sup>202</sup> Ver, por exemplo, CASCUDO, Luís da Câmara. Sobre o sr. Dom Pedro II. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 25-26, 1928.

<sup>203</sup> INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 mar. 1925.

voltado à evocação de *figuras da velha memória*, restituindo-as ao conhecimento e à admiração públicas.

Todavia, ao contrário de seus congêneres nos estados vizinhos, o IHGRN não conseguiu efetivar de imediato um paradigma historiográfico, não realizando prontamente uma síntese histórica padrão para o Rio Grande do Norte.<sup>204</sup> Somente no início da década de 1920 foram publicados os dois principais livros que buscaram preencher essa lacuna e formular tal síntese historiográfica norte-rio-grandense: os livros *História do Rio Grande do Norte* (1921) e *História do estado do Rio Grande do Norte* (1921), respectivamente da autoria de Tavares de Lyra e Rocha Pombo.<sup>205</sup> A despeito das críticas cascudianas às ações do IHGRN, foi nesse momento de produção de uma historiografia local que, em 1927, ele se tornou sócio dessa instituição.

Conforme a ata da sessão que nomeou Cascudo sócio efetivo do Instituto, juntamente com outras personalidades, os novos membros possuíam “a par de brilhantes dotes intelectuais, sólida cultura científica ou literária e muito poderão contribuir para a prosperidade do Instituto Histórico”.<sup>206</sup> Essa obrigação de colaborar para as atividades intelectuais desenvolvidas pelo IHGRN estava expressa em seus estatutos como um dos deveres a serem cumpridos por todos os sócios. Literalmente, eles deveriam

<sup>204</sup> Cf. DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrepida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local*. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora, 1996.

<sup>205</sup> Apesar de terem sido historiadores bastante prestigiados no momento em que lançaram seus livros, Tavares de Lyra e Rocha Pombo são atualmente marginalizados pelo próprio IHGRN que, quase exclusivamente, enaltece e retoma os escritos cascudianos e pouco se remete às pesquisas dos demais historiadores.

Cf. LYRA, A. Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1921.

POMBO, Rocha. *História do estado do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922.

<sup>206</sup> Cf. ACTAS das sessões do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 23-24, 1927. p. 342.

“prestar ao Instituto todo o auxílio de sua inteligência e de seu saber e toda sua cooperação moral e material para a prosperidade da Associação”.<sup>207</sup>

Com esse fim, imediatamente após a sua admissão para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo realizou uma pesquisa sobre a poesia de Lourival Açucena, reunindo dados biográficos e poemas e divulgando-os em uma publicação “devidamente autorizada” por essa associação intelectual: o livro *Versos de Lourival Açucena* (1927).<sup>208</sup> Uma vez autorizado pelos membros do IHGRN, Cascudo foi assumindo a função intelectual de narrador do passado local para seus conterrâneos. Ao adentrar na principal instância de produção do conhecimento histórico norte-rio-grandese, ele foi *devidamente autorizado* a estudar e fornecer explicações de cunho historiográfico. O livro *Versos de Lourival Açucena*, pois, referendou um *lugar de fala* para seu autor. Foi na condição de sócio efetivo do Instituto Histórico que ele escreveu sobre esse antigo personagem da cidade do Natal: Joaquim Eduvirges de Mello

---

<sup>207</sup> Cf. *NOVOS Estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Natal: Tipografia d’A República, 1927. p. 8.

<sup>208</sup> É necessário esclarecermos que, devido a uma falha gráfica na folha de rosto da publicação, é comum alguns pesquisadores datarem o livro *Versos de Lourival Açucena* do ano de 1920, seguindo uma datação fornecida por Zila Mamede. No entanto, esse livro foi publicado apenas em 1927, como nos mostram as datas impressas em sua capa e ao final do estudo introdutório cascudiano; bem como, a autorização do IHGRN para o discurso de Câmara Cascudo, que estava claramente ligada a sua admissão ao Instituto no início daquele mesmo ano; e a bibliografia listada pelo autor, constando de alguns títulos publicados após 1920, notadamente as *Histórias do Rio Grande do Norte* de Tavares de Lyra e Rocha Pombo. Além disso, no ano de 1927 foi comemorado o centenário de nascimento do poeta Lourival Açucena, de modo que o lançamento dessa publicação fez parte das comemorações empreendidas pelo Instituto Histórico, estando relatado nas atas das reuniões do IHGRN.

Cf. MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. v. 1. p. 107.

ACTAS das sessões do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 23-24, 1927. p. 354-357.

CASCUDO, Luís da Câmara. (Org.). *Versos de Lourival Açucena*. 1. ed. Natal: Tipografia d’A Imprensa, 1927.

Açucena, apresentado pelo historiador como um poeta da Natal de antigamente.

A estrutura desse livro sobre Lourival Açucena é esclarecedora da concepção de história que Cascudo desenvolvia ao ser nomeado sócio efetivo do IHGRN. O trabalho foi iniciado com um estudo descrevendo o marasmo social da cidade do Natal no século XIX, época em que viveu o poeta Açucena: “a cidade do Natal fundada no século XVI nasceu no século XX. Os intermediários são períodos de história guerreira, política ou dorminhoca. Faz de conta que não existiram”.<sup>209</sup> Após traçar esse pano de fundo, Cascudo inseriu no texto a biografia de Açucena, descrito como um homem oitocentista digno de exemplo: “Joaquim Eduvirges de Mello Açucena foi, durante sessenta anos, um destes homens, um insubstituível”.<sup>210</sup> Por fim, ele realizou uma antologia das poesias de Lourival Açucena: “a coleção, que ora é apresentada, é a mais autorizada e clara”.<sup>211</sup>

A postura de Cascudo era a de alguém que, em nome de uma eminente instituição cultural, havia produzido um documentário rigoroso e verdadeiro acerca da história da literatura norte-rio-grandense, destacando a biografia de um importante personagem do passado natalense. A partir de então, a ênfase no aspecto individual ganhou destaque no desenvolvimento da obra historiográfica cascudiana, culminado com a escrita de biografias de algumas personalidades históricas, tais como: Solano López, Conde d’Eu, Ermanno Stradelli, Doutor Barata e Marquês de Olinda.<sup>212</sup> Sendo assim,

---

<sup>209</sup> *Id.*, *Ibid.* p. VI.

<sup>210</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. IX.

<sup>211</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. XVI.

<sup>212</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, série C, n. 855).

*Id.*, *Conde d’Eu*. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. (Brasiliana, 11).

*Id.*, *Em memória de Stradelli*. 1. ed. Manaus: Livraria Clássica, 1936.

“como um dos novos e mais radiosos talentos da atual geração patricia”, Cascudo também foi nomeado sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1934, consolidando o seu projeto de evocar a memória das *velhas figuras* de antanho.<sup>213</sup>



**Imagem 7** Diploma de sócio correspondente conferido a Luís da Câmara Cascudo, em 1934, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

**Acervo:** Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Rio de Janeiro.

*Id.*, *O doutor Barata: político, democrata e jornalista – Bahia-1762, Natal-1838*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1938.

*Id.*, *O marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870)*. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Brasiliana, 107).

<sup>213</sup> Cf. ATAS das sessões de 1934. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 169, 1939. p. 256.

Tornar-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro representou o coroamento da trajetória historiográfica cascudiana, consagrando-o junto a seus pares intelectuais em todo o país. Além disso, sua entrada para o IHGB significou uma valorização de seus escritos que, desde então, passaram a ser autorizados pela instituição maior do saber histórico erudito no país naquele momento. Nesse sentido, o jornal *A República* imediatamente manifestou sua satisfação em ver um de seus colaboradores adentrar um círculo letrado nacional, podendo agora escrever para o periódico como membro de uma renomada entidade cultural brasileira:

O dr. Luís da Câmara Cascudo, nosso prezado colaborador, acaba de ter a merecida consagração ao seu esforçado labor em prol da história do Rio Grande do Norte, estudando-a minuciosamente em seus arquivos e retificando inúmeros de seus aspectos.

Já pertencendo a vários Institutos estaduais o dr. Câmara Cascudo (...) foi eleito por unanimidade de votos, sócio correspondente do INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO, a mais alta associação cultural do Brasil em assuntos históricos, considerada como sendo o Supremo Tribunal da História Brasileira.

(...).

O dr. Luís da Câmara Cascudo é, dos norte-rio-grandense residentes no Estado, o primeiro que obteve a honra de sua inclusão no colendíssimo “Instituto Histórico Brasileiro”.<sup>214</sup>

Conforme a opinião publicada pelo jornal *A República*, a inclusão de Câmara Cascudo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro significou o ponto alto de um esforço por conhecer a história do Rio Grande do Norte, pesquisada laboriosamente nos arquivos visando o esclarecimento de aspectos imprecisos do passado local. Não obstante, como periódico no qual

---

<sup>214</sup> PELA história do Brasil. *A República*, Natal, 17 ago. 1934.

Cascudo divulgava suas crônicas, *A República* foi fundamental para a veiculação do saber histórico produzido pelo cronista. Particularmente a partir de setembro de 1939, quando a coluna *Acta Diurna* passou a ser publicada nas páginas desse periódico, as “pesquisas [cascudianas] nas tradições orais e nos arquivos do Estado” ganharam a conotação de um projeto de estudos e pesquisas acerca dos “motivos históricos e biográficos” norte-rio-grandenses.<sup>215</sup> A história da cidade do Natal e, por extensão, do Rio Grande do Norte passou a ser contada, quase que diariamente, pelo prestigiado historiador patricio, em sua nova coluna na imprensa local.

De acordo com o próprio Cascudo, o título *Acta Diurna* possuía uma origem latina, uma vez que na Roma Antiga as autoridades fixavam em local público um documento relatando os acontecimentos diários e as diretivas governamentais. Ainda segundo ele, o termo *Acta* significava, em latim, “ações, obras, feitos, façanhas” e, na medida em que esses acontecimentos mudavam diariamente, o adjetivo *Diurna* tratava da periodicidade dos eventos relatados. A *Acta Diurna* era, então, um documento da Antiguidade, por meio do qual os cidadãos de Roma tomavam conhecimento das notícias cotidianas e das instruções públicas. Assim sendo, para o historiador Cascudo, sua coluna fazia referência ao tempo histórico, narrando o cotidiano como uma importante ação diária que devia ser fixada no tempo:

---

<sup>215</sup> A partir de junho de 1947, a coluna *Acta Diurna* também passou a ser publicada pelo jornal *Diário de Natal*.

Cf. ACTA diurna completou 20 anos. *A República*, Natal, 18 set. 1959.

MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. v. 2. p. 372.

Suetônio, que bem conheceu a ACTA DIURNA, dizia-a efemérides diárias, o registro dos sucessos urbanos, políticos e administrativos, sociais ou literários.

A minha é uma ACTA DIURNA que recorda o pensamento que presidiu meu dia. Fixo a minha impressão diária sobre um livro, uma figura ou um episódio, atual ou antigo.

Dei-lhe batismo latino porque a intenção cultural é honrar o Passado, nas suas lutas, alegrias, tragédias e curiosidades. E, se matéria nova aparece, comentada, é ainda o desejo de conservá-la no Tempo para os olhos amigos de alguns leitores fiéis, nas páginas tradicionais d'*A República*, o mais velho dos jornais conterrâneos.<sup>216</sup>

Grafada por Cascudo com letra inicial maiúscula, a palavra *Tempo* denota uma forma peculiar de conceber e de objetivar o mundo, uma maneira de lidar com o passado e utilizá-lo no presente. Aliás, a palavra *Passado* também era escrita por ele com inicial maiúscula, tornando-se uma categoria, ou mesmo, uma entidade. O incômodo com a passagem do tempo na sociedade em que vivia fica evidente nos escritos cascudianos. Seus textos sobre a história local, especialmente na coluna *Acta Diurna*, explicitam a tarefa do historiador de superar o esquecimento, retirando a poeira que o fluxo temporal colocou sobre os documentos e os monumentos do passado e, logo, sobre os homens de outrora:

Sócrates negava o poder da Morte. Para ele a verdadeira Morte era o Esquecimento. A Morte pode retirar a criatura da Vida e colocá-la, inteirinha, dentro de um pensamento pelo milagre da saudade e pelo processo da memória. O Esquecimento envolve o nome num manto de cinza. E cada dia nova chuva de cinzas cai do céu, reforçando as camadas que separam quem viveu dos que vivem.<sup>217</sup>

---

<sup>216</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Que quer dizer "Acta Diurna"? *A República*, Natal, 03 ago. 1943.

<sup>217</sup> *Id.*, Mestre Afrânio. *Diário de Natal*, Natal, 16 jun. 1947.

Imbuído dessa tarefa de restituir os indivíduos esquecidos à admiração pública, ele procurou efetivar seu trabalho historiográfico como uma possibilidade de frear o apagamento do passado, minimizando os efeitos da passagem do tempo. Conforme observou o historiador Raimundo Arrais, Câmara Cascudo foi adotando aos poucos o mesmo papel do historiador na Antiguidade, servindo à memória da cidade e dando testemunho sobre o passado, de modo a narrar aos outros aquilo que eles não poderiam tomar conhecimento sem o auxílio de um discípulo de *Clio*.<sup>218</sup> Nos termos expressos em uma *Acta Diurna*: “as venerandas traças dos arquivos sabem muita História local. Disseram-me, há dias, que houve nesta Cidade do Natal do Rio Grande uma RUA DA PRAIA desde a primeira metade do século XVIII”.<sup>219</sup> Para Cascudo, pois, a história seria o resultado do trabalho intelectual de indivíduos privilegiados que seriam capazes de informar sobre os acontecimentos já decorridos, recordando e cristalizando determinados personagens e eventos para servirem de modelo à vida de outros sujeitos distanciados no tempo: uma história mestra da vida.

Diante disso, é comum encontrarmos crônicas cascudianas que reforçavam sua pretensão em atribuir sentidos a lugares e a personagens da cidade. Há textos, inclusive, em que ele se propôs a tornar conhecidos alguns indivíduos que emprestavam nomes às ruas do Natal. Um exemplo disso é a crônica sobre o Doutor Barata, homem que batizava uma importante rua da urbe, mas que, de acordo com Cascudo, ninguém mais recordava quem fora José Cipriano Barata: “enterrado na soleira da Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores da Ribeira, o Tempo apagou o letreiro do

---

<sup>218</sup> Cf. ARRAIS, Raimundo. *Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal*. 2005. Digitado.

<sup>219</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Rua Silva Jardim e rua Paula Barros. *A República*, Natal, 16 abr. 1942.

túmulo, o lugar do sepulcro e, nas almas apressadas, a lembrança do morto...”.<sup>220</sup>

Apesar da centralidade da dimensão biográfica na obra de Cascudo, a preocupação de seus escritos não era apenas com o efeito da passagem do tempo sobre os indivíduos, ele também se inquietava com a transformação do espaço e da paisagem urbanas, mormente da cidade do Natal, ao longo dos anos: “há poucos dias rodei duas horas de automóvel pelas ruas de Natal. O número de casas horrorosas, abortos legítimos, expressões teratológicas legítimas, é imenso. Quarteirões inteiros foram construídos numa arquitetura de pesadelo”.<sup>221</sup> Para ele, o espaço permitia uma experiência imediata do tempo, auxiliando na percepção de épocas distintas e na identificação das mudanças pelas quais as sociedades haviam sido submetidas.

Por isso, Cascudo costumava passear com frequência pelas ruas natalenses que, para ele, era uma espécie de *laboratório de pesquisas*. Sua intenção era viver a cidade e conviver com os informantes das tradições locais, identificando os resquícios arquitetônicos e observando as permanências históricas e culturais do passado citadino para transformá-los em temas de suas crônicas jornalísticas. Agindo assim, ele direcionava suas *Actas Diurnas* para a conservação desses elementos portadores de temporalidades remotas, para os quais a contemporaneidade pouco atribuía valor: “a mocidade espalha-se no ar. A cidade transforma-se. Os homens passam. Só a chaminé [de uma fábrica de tecidos da Natal do século XIX] levanta os três dedos de prata do pára-raios, esperando o cataclisma...”.<sup>222</sup>

<sup>220</sup> *Id.*, Doutor Barata. *A República*, Natal, 30 jan. 1942.

<sup>221</sup> *Id.*, Defendendo a cidade! *A República*, Natal, 20 jul. 1949.

<sup>222</sup> *Id.*, A chaminé defunta. *A República*, Natal, 02 fev. 1949.

Esporadicamente, a coluna *Acta Diurna* no jornal *A República* também se transformava na sessão *Respondendo...*, na qual o historiador dialogava com seus leitores e respondia as cartas recebidas com questionamentos que, em sua maioria, se referiam à história e à cultura locais. Algumas dessas cartas inquiridoras eram assinadas com pseudônimos que denotam a recepção positiva alcançada pelas crônicas cascudianas. A título de exemplo, listo alguns dos pseudônimos dos leitores que escreveram para o cronista e foram por ele respondidos: *um fã, constante leitor, sincero admirador, colecionador das actas, fiel leitor, admiradora antiga, leitor diário, curioso, um amigo perguntador* etc.<sup>223</sup>

As perguntas formuladas pelos interlocutores da coluna *Respondendo...* tratavam dos mais variados assuntos: solicitação de bibliografia, a origem e o significado de alguns topônimos e expressões populares, a biografia de personalidades históricas, as datas e os eventos relacionados à história local e, até mesmo, questionamentos inusitados acerca da vida e do trabalho cascudiano.<sup>224</sup> Ao ser indagado por um dos seus leitores diários sobre quem havia sido o sujeito que nomeava a rua de ligação entre os bairros da Cidade Alta e da Ribeira, Cascudo informou:

LEITOR DIÁRIO (Natal). Quem foi Junqueira Aires? Diz-me o sr. que seu filho pergunta sempre [pelos] nomes das nossas ruas e que não há resposta porque as informações não são fáceis. A culpa, em parte, é minha e não do Prefeito do Natal que já me convidou para escrever uma “História do Município do Natal”, onde daria uma breve história das nossas ruas. Muito breve escreverei sobre

<sup>223</sup> Ver, por exemplo, CASCUDO, Luís da Câmara. Respondendo... *A República*, Natal, 09 abr. 1940.

*Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 04 fev. 1941.

*Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 21 jan. 1942.

<sup>224</sup> Ver, por exemplo, *Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 12 nov. 1940.

*Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 27 dez. 1940.

Junqueira Aires. Aqui não há espaço para que possa dar uma ideia dele. Limito-me a dizer que foi nosso deputado, no regime republicano, engenheiro, baiano, grande orador. Já respondi sobre CORREIA TELES. Como o sr. diz ter, não sei porque, toda a coleção das “Actas Diurnas”, é fácil verificar, num dos “Respondendos...”. Todos os meus agradecimentos.<sup>225</sup>

Ao mesmo tempo, os leitores parabenizavam a iniciativa cascudiana em prover a cidade de conhecimento histórico; sugeriam temas a serem abordados pelo cronista; forneciam dados para uso nas *Actas Diurnas*; e requisitavam a compilação e a publicação das colunas sob a forma de livros – o que representaria a sistematização das informações nelas contidas, ampliando ainda mais o acesso ao conteúdo dos textos.<sup>226</sup> Em grande medida, os leitores demonstravam simpatizar com a disposição do historiador em resguardar o passado e, por conseguinte, manifestavam seu interesse na continuação de tal empreitada – ou seja, os leitores autorizavam o papel intelectual cascudiano. Para um desses leitores solícitos com a tarefa do historiador, Câmara Cascudo respondeu:

AMIGO FIEL (Natal). Registro com prazer suas palavras e delas me lembrarei quando o senhor estiver em situação de materializar as promessas espontâneas. Quem escreve livros e conta as velhas histórias, como eu, parece muito com o fogo-de-vista. Clarea, é colorido, vistoso, mas dura pouco.<sup>227</sup>

Em termos práticos, a sessão *Respondendo...* significou a consolidação de um canal de diálogo entre o estudioso do passado local e

<sup>225</sup> *Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 11 out. 1940.

<sup>226</sup> Ver, por exemplo, *Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 31 ago. 1940.

*Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 28 set. 1940.

*Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 29 maio 1941.

<sup>227</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Respondendo... *A República*, Natal, 17 jun. 1941.

seus conterrâneos, porque através dessa coluna jornalística Câmara Cascudo pôde saciar a curiosidade de alguns de seus leitores e se comunicar diretamente com o público alvo de seus escritos. Mais uma estratégia por ele utilizada para levar o conhecimento histórico aos moradores da cidade do Natal. Essa coluna do jornal *A República* também lhe permitiu cotejar informações e comparar versões sobre fatos e personagens históricos, estabelecendo uma versão “última” para determinados aspectos da história de Natal e do Rio Grande do Norte, ou seja, constituindo-se na última palavra sobre o assunto:

CANGULEIRO (Natal). Quem me disse? Um registro de óbito existente na Catedral. Sei que não está duvidando mas, confiou desconfiando... A história que contou é bonitinha mas impossível. O Conde d’Eu não podia ter conversado com o Barão do Ceará-Mirim em Natal pela simples razão do Barão haver falecido em março de 1881 e o Conde d’Eu visitar Natal em agosto de 1889. Não dá certo. Também não se teriam avistado noutra ocasião. O Conde d’Eu veio ao norte pela primeira vez em 1889 e o Barão jamais deixara a província. Não há jeito. A história é boa mas inventada...<sup>228</sup>

Dessa forma, durante a década de 1940, o Câmara Cascudo estudioso da história local se transformou em um *Instituto Histórico à parte*. Isso quer dizer que seus escritos, principalmente na coluna *Acta Diurna*, alcançaram maior repercussão do que os escritos dos demais membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, pois seus textos saíram de um círculo erudito e ganharam as páginas de jornais de vasta circulação comercial, alcançando um público variado em todo o estado. Do mesmo modo, ao selecionar eventos e personagens do passado norte-rio-grandense e apresentá-los para os seus conterrâneos, ele instituiu para si

---

<sup>228</sup> *Id.*, Respondendo... *A República*, Natal, 14 abr. 1942.

uma função intelectual na cidade e no estado, produzindo um conhecimento que a própria revista do IHGRN ainda não havia conseguido efetivar.<sup>229</sup>

Por meio dos seus escritos, notadamente os de natureza histórica, Cascudo construiu uma versão para o passado da cidade e legitimou suas atividades intelectuais junto à população natalense. Mais que isso, ele iniciou sua autoinserção na cidade, porque narrar para seus conterrâneos o passado citadino foi um dos primeiros momentos da emergência de uma *Natal cascudiana*. A imagem dominante na documentação analisada é a de um indivíduo que, portando-se como demiurgo da cidade, foi assumindo o papel de construtor e de definidor dos contornos que iriam compor esse espaço. Logo, Natal não seria um lugar dado *a priori*, ela seria uma espacialidade elaborada pelo gesto de escrita. A cidade teria surgido, pois, ao ganhar uma narrativa de seu passado e possuir sua própria história. De modo que a cidade do Natal passava a ser aquilo que Câmara Cascudo dizia que ela era, em virtude do que ela fora no passado.

Mediante esse ponto de vista, afirmo que a história do Rio Grande do Norte e da cidade do Natal, do modo como era concebida durante meados do século XX, em linhas gerais, foi resultado da atividade intelectual de Câmara Cascudo. Mesmo estando vinculado a vários Institutos Históricos e

---

<sup>229</sup> A partir do ano de 1974, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte passou a publicar uma série de livros, intitulado *O Livro das Velhas Figuras*, reunindo as *Actas Diurnas* de Câmara Cascudo. Segundo o jornalista Berilo Wanderley, ao comentar o primeiro volume dessa série, o leitor poderia encontrar nas *velhas figuras de Cascudo* “o olho do historiador pela atenção ao arquivo, ao documento velho, às datas, ao rigor dos fatos”. Não por acaso, o IHGRN também republicou várias *Actas Diurnas* nas páginas de sua revista, reforçando a vinculação das crônicas cascudianas aos seus quadros intelectuais. Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. Acta diurna. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 48-49, p. 167-202, 1952.

WANDERLEY, Berilo. As velhas figuras de Cascudo. *A República*, Natal, 11 jan. 1975.

Geográficos pelo país e tendo pesquisado em nome dessas instituições, Cascudo efetivou individualmente um saber histórico local que ultrapassou os limites dos Institutos. Através de sua atividade jornalística, ele pôde interagir com variados segmentos da população norte-rio-grandense, sobretudo na cidade do Natal, onde os jornais *A República* e *Diário de Natal* eram publicados.

Portanto, em um duplo sentido, surgiu na década de 1940 o Câmara Cascudo autor da cidade do Natal. Isso significa dizer que os escritos históricos cascudianos o constituíram enquanto mentor intelectual da cidade, ou seja, aquele estudioso que informava a seus conterrâneos acerca do passado citadino e formulava uma Natal histórica. Esse gesto de descrever a cidade, inserindo-a em uma tradição historiográfica, foi um momento fundante da própria cidade do Natal. Além disso, ele se tornou um historiador respeitado pelos diversos segmentos sociais natalenses, uma vez que seus escritos eram respaldados pelas principais instituições culturais voltadas para os estudos históricos no país e eram divulgados por importantes periódicos da cidade. Assim, quando o assunto era a escrita de uma história local, Cascudo se tornou expoente intelectual, elevando seu prestígio acima da visibilidade do próprio Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

## 2.2 O quarto Rei Mago

Em função de seu prestígio local como historiador, Luís da Câmara Cascudo assumiu a função intelectual de guardião do passado natalense. A relevância de suas crônicas nos jornais *A República* e *Diário de Natal* para o estabelecimento de uma escrita da história da cidade do Natal lhe

possibilitou manter uma grande proximidade com os gestores municipais. Especialmente na administração do prefeito Sylvio Piza Pedroza, entre 1946 e 1950, ele foi constantemente convidado a participar de solenidades públicas e a auxiliar em empreendimentos que tratavam dos variados aspectos históricos da cidade.<sup>230</sup> Essa aproximação entre o escritor Câmara Cascudo e o prefeito Sylvio Pedroza marcou, decididamente, os rumos da obra historiográfica cascudiana, na medida em que seus escritos foram incorporados pela municipalidade.

Descendente direto de tradicionais famílias norte-rio-grandenses, os Albuquerque Maranhão e os Gomes Pedroza, o prefeito Sylvio Piza Pedroza se relacionou com a história do Rio Grande do Norte de um modo bastante intimista. Seus antepassados estavam entre os fundadores da cidade do Natal, em 25 de dezembro de 1599; haviam permanecido na capitania do Rio Grande, participando de momentos importantes da história local, nos séculos XVII e XVIII; haviam sido pioneiros no comércio e na exportação do algodão, no século XIX; e haviam dominado o cenário político do Rio Grande do Norte, durante as primeiras décadas da República.<sup>231</sup>

---

<sup>230</sup> Cf. PEDROZA, Sylvio Piza. *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1946, 1947 e 1948. 3v. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>231</sup> Sylvio Piza Pedroza nasceu em Natal, no dia 12 de março de 1918, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 19 de agosto de 1998.

Para outras informações biográficas de Sylvio Pedroza ver, *DADOS biográficos do Dr. Sylvio Piza Pedroza candidato a vice-governador do Estado pela Aliança Democrática*. [s.l.]: [s.e.] [s.d.]. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

PEDROZA, Sylvio Piza. *Dados biográficos*. [s.l.], [s.d.]. 11p. Mimeografado. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

PEDROZA, Sylvio Piza. *Discurso proferido por Sylvio Piza Pedroza, por ocasião da posse como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro, 1989. 15p. Mimeografado. Acervo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal - Rio Grande do Norte.

Segundo Câmara Cascudo, Sylvio Pedroza foi seu aluno no colégio Atheneu Norte-rio-grandense, em Natal. Contudo, eles teriam passado longo tempo distantes e sem contato até o reencontro no ano de 1945, quando o “menino Sylvio” já havia se transformado em um representante político do Rio Grande do Norte.<sup>232</sup> Por sua vez, de acordo com Sylvio Pedroza, seu amigo Câmara Cascudo foi o principal responsável por lhe despertar o interesse pelo passado potiguar, na medida em que o fez ter consciência do significado de sua *memorável genealogia familiar* para a história do estado:

Falou-me [Cascudo] de meu Pai, de quem tinha sido amigo, de meu avô Fabrício Pedroza – Fabrício Moço – Intendente de Natal, cunhado de Pedro Velho. Relembrou o entrelaçamento dos Pedroza com os Albuquerque Maranhão.

Fez com que me sentisse consciente de ter nas veias o sangue daqueles pró-homens da história potiguar, de Augusto Severo, do grande Alberto Maranhão – o Mecenaz, com o qual futuras comparações tanto me orgulhariam. Foi um encontro marcante, único, definitivo. E nunca mais deixei de conviver com Cascudo.<sup>233</sup>

A consolidação da amizade entre Cascudo e Pedroza, em meados da década de 1940, indiretamente representou a participação de um intelectual na esfera administrativa municipal, mesmo que essa inserção tenha se dado sob o ponto de vista das relações pessoais e não da ocupação de um cargo burocrático. Nesse sentido, ainda que a administração de Sylvio Pedroza não tenha implantado de fato uma política cultural voltada para a

---

<sup>232</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. O permanente Sylvio Piza Pedroza. In: *Id., Pensamento e ação: marcos de uma trajetória de governo*. Natal: Fundação José Augusto, 1984. Não paginado.

<sup>233</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Discurso proferido por Sylvio Piza Pedroza, por ocasião do transcurso do 1º aniversário de falecimento do escritor Luís da Câmara Cascudo, na sessão promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro, 1987. 21p. Mimeografado. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

conservação e à divulgação do passado local em sua gestão, a Prefeitura atuou significativamente em favor da cultura local.<sup>234</sup>

Essas iniciativas, em grande medida, foram resultado da aproximação do prefeito com as entidades intelectuais cidadinas, através de seus membros, com os quais esse gestor mantinha fortes relações pessoais. Por outro lado, seus diálogos e aproximações com as instituições culturais da cidade lhe renderam as imagens de homem culto e de político mecenas que, simultaneamente ao empreendimento de modernização de Natal, incentivava a cultura e promovia eventos voltados para a conservação do passado e para a valorização da história natalense.

Por exemplo, ao promover o processo de urbanização da área adjacente ao Forte dos Reis Magos, implantando ali um novo bairro, o prefeito nomeou o lugar de Santos Reis: “a denominação foi escolhida tendo-se em vista a festa religiosa que, há séculos, se realiza naquela parte de Natal”.<sup>235</sup> Além disso, a escolha da nomenclatura para os logradouros públicos do novo bairro da cidade seguiu os referenciais históricos da fundação de Natal: “as denominações dos novos logradouros foram reservados para aqueles que aqui aportaram no fim do século XVI: Jerônimo de Albuquerque, o fundador; Mascarenhas Homem, comandante da expedição; Padre Samperes, autor do plano do forte dos Reis Magos, (...)”.<sup>236</sup>

---

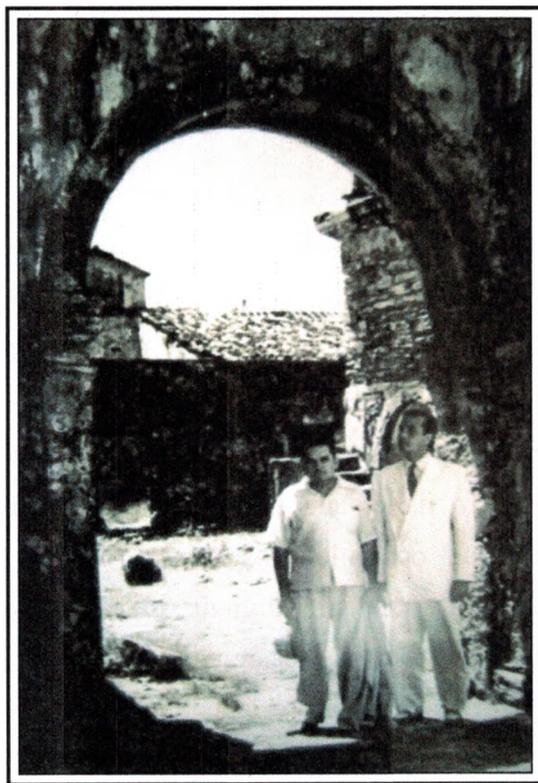
<sup>234</sup> Sobre as realizações do prefeito Sylvio Pedroza, notadamente no campo da cultura, ver *Id.*, *Definições: documentos vários e políticos de um governo*. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.

*Id.*, *Pensamento e ação: marcos de uma trajetória de governo*.

<sup>235</sup> EXECUÇÃO do plano “Palumbo” - “Santos Reis” - o novo bairro da capital. In: *Id.*, *Cidade do Natal - Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1946. v. 1. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>236</sup> *Idem*.

Devido a sua elevada posição no cenário intelectual do Rio Grande do Norte, Cascudo teve grande participação nesses eventos concernentes aos aspectos históricos locais, destacando-se, sobremaneira, nos esforços pela restauração e conservação do Forte dos Reis Magos por temer que esse *monumento* ruísse.



**Imagem 8** O historiador Câmara Cascudo e o prefeito Sylvio Pedroza, na década de 1940, em visita ao Forte dos Reis Magos.

**Acervo:** *Forte dos Reis Magos* – Natal- Rio Grande do Norte.

O Forte dos Reis Magos foi construído em 1598 para dar início a colonização da capitania do Rio Grande e, assim, propiciar a conquista e a

guarda da região setentrional da América Portuguesa.<sup>237</sup> A preocupação de Câmara Cascudo com essa vetusta construção militar portuguesa, que no seu ponto de vista de historiador possuía referenciais históricos e monumentais latentes, já existia antes mesmo de Sylvio Pedroza chegar à Prefeitura Municipal do Natal e estabelecer articulações políticas com o intuito de providenciar a conservação dessa edificação. No ano de 1940, por meio de uma carta enviada ao escritor pernambucano Gilberto Freyre, Cascudo lamentou a falta de atitude do Serviço do Patrimônio Histórico que, em sua opinião, nada estava fazendo pela Fortaleza, deixando-a *cair aos pedaços*:

E, diga-me, o Serviço do Patrimônio Histórico não fará coisa alguma nesse Rio Grande do Norte?

Mandi para o Rodrigo [Melo Franco de Andrade] o que me foi possível, em documentação fotográfica e notas. Agradeceu e silenciou, como a lágrima de Guerra Junqueiro.

Ninguém aparece. E tudo se perdendo. Há tempos foi o altar-mor da Igreja de Serra Negra, trabalhado de madeira, arreventado e substituído, quase totalmente. A Fortaleza dos Reis Magos, que é um encanto, está indo, aos pedaços.

Estaremos fora do “master plan” do Serviço? Não é possível.<sup>238</sup>

Apesar das iniciativas pessoais de Cascudo, a necessidade da reforma e da conservação do Forte dos Reis Magos permaneceu sendo motivo de matérias nos jornais locais, levando-o a solicitar a interferência de Gilberto Freyre junto às autoridades competentes: “quando escrever ao

<sup>237</sup> Sobre a história do Forte dos Reis Magos, ver GALVÃO, Helio. *História da fortaleza da barra do Rio Grande*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1979.

<sup>238</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Gilberto Freyre*]. Natal, 30 set. 1940. Carta. Acervo Fundação Gilberto Freyre, Recife - Pernambuco.

Rodrigo [Melo Franco] catuque sobre o Rio G. do Norte”.<sup>239</sup> Com o início da administração Sylvio Pedroza, o historiador e o prefeito uniram forças para conseguir, junto ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Marinha do Brasil, o tratamento que julgavam adequado para um *monumento histórico*.

A primeira medida tomada buscou instituir uma conscientização local acerca da monumentalidade da Fortaleza. Visando homenagear Sylvio Piza Pedroza e, conseqüentemente, despertar esse sentimento de diligência em relação a um monumento histórico cidadão, ocorreu uma cerimônia pública no salão nobre da Prefeitura Municipal do Natal, em 1946: a entrega da chave da cidade ao prefeito.<sup>240</sup>

Esse evento municipal vinha sendo anunciado pelos jornais meses antes de sua realização, inclusive pelo próprio Câmara Cascudo, quando ele publicou uma *Acta Diurna* n’*A República* historiando a relação que as cidades mantinham com uma chave simbólica e justificando a doação da chave da cidade do Natal, que estava em seu poder, ao prefeito Sylvio Pedroza.<sup>241</sup> Conforme Cascudo argumentou nessa crônica, desde o tempo das antigas cidades muradas e das velhas fortificações, a “chave da cidade era o símbolo de sua segurança e o penhor de sua tranquilidade”.<sup>242</sup> Sendo assim, a solenidade de entrega da chave da cidade aos novos governantes e aos hóspedes de honra representava uma demonstração de carinho e de confiança cidadina em relação ao seu novo munícipe, “doando-lhe, num

<sup>239</sup> *Id.*, [Correspondência enviada a Gilberto Freyre]. Natal, sem data. Carta. Acervo Fundação Gilberto Freyre, Recife - Pernambuco.

<sup>240</sup> Cf. HOJE à noite a entrega da chave da cidade. *A República*, Natal, 26 set. 1946.

<sup>241</sup> Cf. ENTREGA das chaves da cidade do Natal. *Folha da Manhã*, Recife, 27 jun. 1946. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1946. v. I. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>242</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A chave da cidade do Natal. *A República*, Natal, 31 mar. 1946.

direito de simpatia, os poderes de liberdade de locomoção e fixação, de vida e estada”.<sup>243</sup>

Como primeira construção realizada “pelo colono branco” em terras da futura Natal, e possuindo a função de defesa do território, a guarda do Forte dos Reis Magos representava a segurança da própria cidade: “tomar o Forte era dominar Natal”.<sup>244</sup> Por esse motivo, para o historiador e detentor da chave da Fortaleza, a chave simbólica da cidade do Natal deveria mesmo ser a do Forte dos Reis Magos. Por seu turno, ainda segundo Cascudo, o prefeito era a pessoa mais adequada para ter a posse desse objeto de expressivo valor histórico, porque o “*Lord Mayor*” descendia das tradicionais famílias que, nas páginas da história local, foram autoridades cidadinas. Em suas palavras:

A Chave, símbolo dessa fusão de vontades ao redor do princípio da autoridade responsável, vai sair das minhas mãos para as mãos do dr. Sylvio Pedroza, Prefeito da cidade do Natal, descendente de quem primeiro comandou o Forte dos REIS MAGOS, neto do primeiro Presidente da Intendência do Natal no regimem [sic] republicano.

Possa a geração da República, sentindo a presença veneranda do Passado, conservar, no carinho, admiração e amor brasileiro, a velha Chave da Cidade, resumo de todas as chaves de todos os lares, favos da colméia, ninho dos esforços de onde nasceu a cidade do Natal.

Vou doar a CHAVE ao senhor Prefeito do Natal, numa homenagem do Presente ao Passado e ao Futuro da cidade e a todos os seus moradores, hóspedes e viajantes.<sup>245</sup>

Nessa *Acta Diurna*, então, Cascudo se propôs a narrar a história da chave da cidade do Natal e, com isso, justificar para seus leitores costumeiros a realização da cerimônia pública que estava por ocorrer. Além disso, sua crônica apresentou o Forte dos Reis Magos como um monumento

---

<sup>243</sup> *Idem.*

<sup>244</sup> *Idem.*

<sup>245</sup> *Idem.*

histórico, ou seja, descrevendo-o não apenas como uma edificação militar, mas enquanto uma construção que havia atravessado os três séculos e meio de existência da cidade do Natal e que, por isso, trazia em si as marcas do passado e o registro testemunhal dos grandes acontecimentos históricos: “O Forte cumpriu sua missão. É hoje um documento histórico e não mais uma expressão militar. É um monumento recordador, silencioso, (...) onde, nas horas mortas da noite, passam as sombras heróicas dos Capitães Mores”.<sup>246</sup>

Em 26 de setembro de 1946, uma vez apresentadas as razões da solenidade, o já prestigiado historiador entregou ao prefeito da cidade a chave do Natal. De acordo com o noticiário publicado pelo jornal *A República*, Câmara Cascudo abriu o evento proferindo uma conferência intitulada “O Forte dos Santos Reis – Testemunha da História”, na qual ressaltou o significado da Fortaleza “como monumento histórico”.<sup>247</sup> Com efeito, a emergência de uma percepção do Forte dos Reis Magos enquanto um monumento histórico que deveria ser preservado pela municipalidade e pelos norte-rio-grandenses foi resultado direto do papel intelectual exercido por Luís da Câmara Cascudo: o de guardião do passado local.

Para além das iniciativas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, como seria mais comum, foram os escritos cascudianos na imprensa que forneceram informações sobre a Fortaleza, propondo um olhar diligente para essa construção e respaldando com dados históricos as iniciativas da Prefeitura no sentido de restaurá-la e conservá-la. A atribuição de Cascudo, pois, era expor os fundamentos históricos que justificavam a reforma e a conservação de um monumento da cidade do Natal. De acordo com os jornais locais, o ofício remetido pela Prefeitura Municipal do Natal ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, solicitando

---

<sup>246</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A chave da cidade do Natal. *A República*, Natal, 31 mar. 1946.

<sup>247</sup> Cf. A SOLENIDADE de ontem na Prefeitura de Natal. *A República*, Natal, 27 set. 1946.

medidas preventivas contra a deterioração do *monumento* Forte dos Reis Magos, foi precedido pelo envio de documentação comprobatória por parte do “historiador conterrâneo Dr. Câmara Cascudo”.<sup>248</sup>

Destarte, Cascudo participou ativamente do processo de conservação do Forte dos Reis Magos empreendido pela Prefeitura Municipal do Natal, reforçando cada vez mais a autoridade de sua função intelectual como historiador da cidade. Seus escritos e, nesse caso, suas ações o articularam com os segmentos oficiais, intelectuais e populares da sociedade natalense. Disso decorre o estabelecimento de associações entre Câmara Cascudo e a escrita de uma história local, conferindo-lhe o papel de historiador autorizado a pesquisar e informar sobre o passado da *província*. Sua relação com a cidade do Natal, particularmente com a produção de conhecimento histórico, tornou-se de tal modo destacada a partir dos anos de 1940 que esse historiador chegou a ser inclusive vinculado aos eventos religiosos que estão na origem do nome da cidade: Cascudo, ele próprio, o “quarto Rei Mago”.<sup>249</sup>

### 2.3 A certidão de nascimento da cidade

Dentre as contribuições requeridas pela municipalidade ao historiador Câmara Cascudo, durante a administração do prefeito Sylvio Pedroza, também consta a escrita de um livro sobre a história da cidade do Natal. Esse trabalho foi encomendado pela Prefeitura Municipal, no ano de 1946, com o objetivo de formular um panorama geral da história da cidade,

<sup>248</sup> GOVERNO da cidade. *A República*, Natal, 16 abr. 1946. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1946. v. 1. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>249</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Hélio Vianna*]. Natal, 30 jan. 1962. Carta. Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

“desde a sua fundação até aos nossos dias”.<sup>250</sup> Segundo a imprensa, o Instituto Histórico e a Prefeitura disponibilizariam seus arquivos para que o principal historiador conterrâneo pudesse realizar suas pesquisas e estudos, cujo maior mérito seria constituir uma bibliografia acerca da história natalense para o usufruto de seus munícipes: “trata-se de um estudo amplo da cidade, desde os primórdios de sua fundação, seus aspectos culturais, políticos, mundanos, tudo enfim que possa interessar, instruir e educar; e ninguém melhor do que Câmara Cascudo poderia realizar esse trabalho”.<sup>251</sup>

Em pouco tempo, aproximadamente quatro meses após a assinatura do contrato que acordou a realização do novo trabalho historiográfico cascudiano, os originais do livro *História da cidade do Natal* foram entregues à Prefeitura, “tendo o Prefeito Sylvio Pedroza, ao receber os originais daquela obra, agradecido ao historiador conterrâneo a presteza com que o mesmo se desincumbiu de sua importante tarefa”.<sup>252</sup> Ao entregar os originais desse estudo, Cascudo também remeteu um documento ao prefeito no qual apresentou mais um resultado de suas tarefas intelectuais realizadas em favor da cidade, comportando-se como um prestador de serviços da Prefeitura Municipal do Natal:

TENHO o prazer de entregar a V. Excia. os originais da HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, objeto de contrato assinado em data de 02 de Abril do corrente ano.

Satisfaz o original o expresso na cláusula II, exceto quanto ao número de capítulos que são 44 em vez de 50. Os assuntos dos seis que parecem omissos foram tratados nas relações de outros capítulos.

---

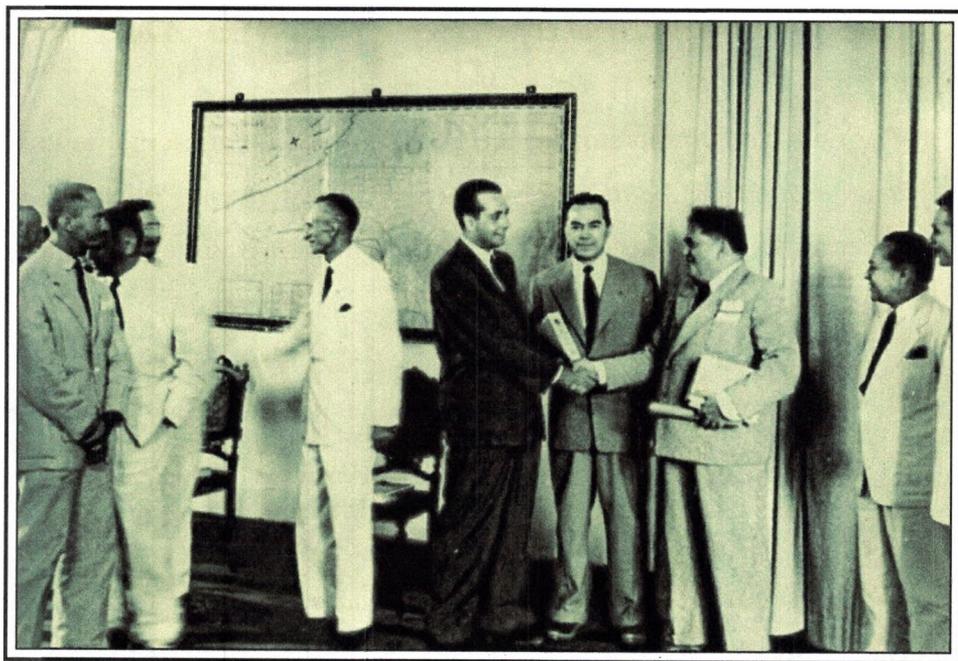
<sup>250</sup> O ESCRITOR Luís da Câmara Cascudo escreverá a História da cidade do Natal. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1946. v. 1. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>251</sup> OBRA meritória e humana a campanha contra os mocambos. *Folha da Manhã*, Recife, 25 maio 1946. In: *Id.*, *Ibid.*

<sup>252</sup> CONCLUÍDO o livro “História da cidade do Natal”. *A República*, Natal, 04 ago. 1946. In: *Id.*, *Ibid.*

O número de páginas do texto, fora prefácio, índice, dedicatória, é de 342, 43 além do máximo.<sup>253</sup>

Cumprindo as obrigações expressas em contrato, a Prefeitura Municipal do Natal imediatamente mandou editar o livro *História da cidade do Natal*, lançando-o já no início do ano de 1947.<sup>254</sup>



**Imagem 9** O historiador Câmara Cascudo entrega os originais do livro *História da cidade do Natal*, em 1946, ao prefeito Sylvio Piza Pedroza.

**Acervo:** Instituto Câmara Cascudo – Natal-Rio Grande do Norte.

A princípio, em um sentido mais comum, a publicação desse trabalho representou a sistematização do saber histórico cascudiano sobre a

<sup>253</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [Cópia de correspondência enviada a Sylvio Piza Pedroza]. Natal, 30 jul. 1946. Carta. Acervo Instituto Câmara Cascudo, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>254</sup> *Id.*, *História da cidade do Natal*.

cidade do Natal em um único volume, abrangendo desde a fundação da cidade até os aspectos mais recentes do passado local – sobretudo a participação de Natal na Segunda Guerra Mundial, como base militar norte-americana. Os aspectos específicos tratados nas crônicas *Actas Diurnas*, que claramente foram incorporadas ao livro, estavam agora enfeixadas em um trabalho de maior expressão e sob um enfoque mais amplo: a história da cidade, como uma totalidade de conhecimento possível acerca do passado cidadão.<sup>255</sup>

Por outro lado, problematizando essa significação, a escrita de uma *História da cidade do Natal* representou uma tentativa da Prefeitura de propagandear uma particularização de Natal na historiografia e, sobretudo, no cenário político brasileiro:

O livro está destinado a fazer intensa propaganda de nossa cidade e ao visitante apressado já podemos oferecer-lhe um exemplar da história de Natal sem necessidade das evasivas costumeiras com que procurávamos defender a inexistência de uma obra dessa natureza.<sup>256</sup>

Com esse fim, o livro *História da cidade do Natal* definiu uma concepção particular de cidade, seguindo os ideais do prefeito que o encomendou e do historiador que o produziu. Esse *lugar de fala* de Câmara Cascudo, a municipalidade, orientou a composição do estudo, na medida em que ele apresentou a cidade como um espaço norteado pela busca do desenvolvimento e do progresso, personificados nas realizações modernizadoras do prefeito em gestão. Nas palavras do historiador: “a

---

<sup>255</sup> Cf. VIANA, Hélio. Luís da Câmara Cascudo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 197, out./dez. 1947.

<sup>256</sup> A CIDADE. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1947. v. 2. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

Cidade do Natal é uma perspectiva indefinida. Sentimos que, tendo vida, está na fase de um desenvolvimento violento, diário, incessante, ganhando os taboleiros, subindo os morros”.<sup>257</sup>

Nesse sentido, a publicação do livro trouxe benefícios políticos para a Prefeitura, pois caracterizou a administração de Sylvio Piza Pedroza como uma favorável continuidade histórica. Desse modo, algumas realizações ainda recentes de Sylvio Pedroza no exercício do poder municipal passaram a fazer parte das efemérides expostas nas páginas da *História da cidade do Natal* – como, por exemplo, a construção da avenida circular margeando a Praia do Meio.<sup>258</sup> A dedicatória de Câmara Cascudo no livro, em especial, é bastante clara sobre o objetivo de posicionar o prefeito como um atuante homem do tempo presente que, ao olhar zelosamente para o passado de sua terra, tem a expectativa de construir um bom futuro em nome da coletividade:

A SYLVIO PIZA PEDROZA, cuja alegria em amar e servir a Cidade do Natal é herança espiritual de três gerações fieis ao mesmo sentimento, ofereço, dedico, consagro esta viagem no Tempo, olhando a terra comum...

L da C. C.<sup>259</sup>

---

<sup>257</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. p. 10.

<sup>258</sup> *Id.*, *Ibid.* p. 216.

<sup>259</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. Não paginado.

Apesar de seu autor ter mantido uma proposta historiográfica voltada para a evocação de personagens e eventos memoráveis do passado, utilizando inclusive algumas de suas *Actas Diurnas* como apontamentos de pesquisas já realizadas e as indicando como bibliografia no final de alguns dos capítulos, a *História da cidade do Natal* não é apenas um livro de cunho evocativo, mas também uma publicação que se propôs a definir os sentidos históricos e os contornos políticos contemporâneos da cidade – sob os auspícios da Prefeitura Municipal do Natal.

Por esse modo, além de sistematizar e oficializar a obra historiográfica cascudiana junto à Prefeitura, a encomenda de um trabalho sobre a história da cidade do Natal possibilitou a inserção do prefeito Sylvio Pedroza no processo histórico natalense, apresentando a cidade como um espaço no qual o passado, o presente e o futuro se harmonizavam. Dentre outras perspectivas historiográficas possíveis, o passado foi estudado por Cascudo para constituir uma identificação dos natalenses com a municipalidade. A orientação política, contemporânea à década de 1940, norteou a forma como a história foi exposta pelo autor, produzindo um trabalho com uma forte marca identitária.

Concordando, então, com o ponto de vista do autor da orelha à terceira edição da *História da cidade do Natal*, esse livro pode ser definido como uma certidão de nascimento da cidade do Natal: “este livro é a certidão de nascimento de uma cidade. E poucas cidades têm tal documento. Natal o possui. E o tabelião e dono do cartório foi ninguém menos que o próprio Luís da Câmara Cascudo”.<sup>260</sup> Naquele momento, a cidade do Natal se configurou oficialmente a partir da função de autoria cascudiana: o

---

<sup>260</sup> ARAÚJO, Washington. Orelha. In: *Id., História da cidade do Natal*. 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999.

espaço como autoria. A publicação desse livro pela Prefeitura Municipal do Natal representou um documento de oficialização da cidade, ao longo do tempo.

Os escritos de Câmara Cascudo adquiriram, assim, a autoridade de definir o que era a cidade do Natal no presente, tomando como eixo explicativo os três séculos e meio já decorridos desde sua fundação. Isso significa que, durante os anos de 1940, a *Natal cascudiana* se tornou uma particularização histórica da cidade. A Natal de Cascudo era um espaço que possuía “tradição e história”, existindo enquanto um gesto de escritura sobre o passado.<sup>261</sup> Notadamente a publicação da *História da cidade do Natal*, instituiu uma leitura para o passado local e, em contrapartida, institucionalizou Cascudo como o historiador oficial da cidade do Natal.

Não obstante, no ano de 1948, essa tácita atribuição cascudiana de narrar o passado natalense se tornou uma função intelectual reconhecida e oficializada pela Prefeitura Municipal, quando Luís da Câmara Cascudo assumiu efetivamente o cargo profissional de historiador da cidade do Natal.

A criação de um cargo de historiador para os quadros da municipalidade natalense foi iniciativa do prefeito Sylvio Piza Pedroza, após ele ter participado do III Congresso Histórico Municipal Interamericano – ocorrido na cidade de San Juan Bautista, em Porto Rico, em abril do ano de 1948.<sup>262</sup> Esse Congresso municipalista foi organizado

---

<sup>261</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Por que três séculos e meio? *A República*, Natal, 16 dez. 1949.

<sup>262</sup> Vale ressaltar que, de acordo com a imprensa norte-rio-grandense, Câmara Cascudo também foi convidado a participar desse Congresso, representando a Sociedade Brasileira de Folclore – entidade sediada em Natal e que era dirigida por Cascudo. No entanto, por motivos não informados, ele não pôde tomar parte nesse evento histórico de municípios. Cf. CONGRESSO Municipalista Interamericano em Porto Rico. *Diário de Natal*, Natal, 07 abr. 1948. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza*

pelo Instituto Interamericano de História Municipal e Institucional, entidade sediada em Cuba, que tinha “por objetivo promover o conhecimento e estimular o estudo entre os diversos municípios americanos através de suas manifestações históricas, sociais, econômicas, urbanísticas, políticas, jurídicas e de qualquer outra ordem”.<sup>263</sup>

Com um ideal de pan-americanismo, ou seja, buscando unir os países das Américas do Norte, Central e do Sul, o III Congresso Histórico Municipal Interamericano reuniu gestores e representantes de diversas municipalidades do continente americano, bem como alguns estudiosos da sociedade, história, cultura, arquitetura e urbanismo na América.<sup>264</sup> Enquanto único representante do Brasil nesse evento, Sylvio Piza Pedroza teve grande visibilidade e participação intensa nas discussões e nas solenidades realizadas. Dentre essas atuações, destaca-se seu papel de relator da sexta sessão do Congresso, a comissão de urbanismo e serviço social, que tratou de estabelecer um planejamento para o campo e para as cidades do continente americano.<sup>265</sup>

Além disso, o então prefeito de Natal Sylvio Piza Pedroza participou de solenidades culturais e históricas realizadas pelo comitê organizador do evento, retribuindo a receptividade porto-riquenha com a oferta de um

Pedroza. Natal, 1948. v. 3. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>263</sup> Cf. COMPLETO êxito do III Congresso Histórico Municipal de Porto-Rico. *Diário de Natal*, Natal, 26 abr. 1948. In: *Id.*, *Ibid.*

<sup>264</sup> Cf. *AGENDA and regulations of the Third Interamerican Congress of Municipal History*. San Juan Bautista: Instituto Interamericano de Historia Municipal e Institucional, 1948. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>265</sup> Cf. PEDROZA, Sylvio Piza. *Album grafico del III Congreso Historico Municipal Interamericano celebrado en San Juan Bautista de Puerto Rico en abril de 1948 bajo la presidencia de la Hon. Felisa Rincon de Gautier administradora de la capital*. San Juan, 1948. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

exemplar do livro cascudiano *História da cidade do Natal* à presidente do Congresso, e também prefeita de San Juan, senhora Felisa Rincon de Gautier.



**Imagem 10** O prefeito Sylvio Piza Pedroza entregando um exemplar da *História da cidade do Natal* à presidente do III Congresso Histórico Municipal, em 1948.

**Acervo:** Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza – Natal-Rio Grande do Norte.

Esse gesto simbólico de oferecer à presidente do III Congresso Histórico Municipal Interamericano o livro *História da cidade do Natal*, enquanto conhecimento histórico acerca da cidade, denota a alta significação desse livro para a Prefeitura Municipal do Natal: um

documento histórico oficial natalense. De acordo com Sylvio Piza Pedroza, diante da centralidade da história nas discussões promovidas pelo congresso municipalista, os participantes daquele evento chegaram à conclusão que todas as cidades deveriam instituir o cargo de historiador para incentivar a produção de conhecimento sobre o passado das várias regiões do continente americano:

[O III Congresso Histórico Municipal Interamericano] Recomenda a todos os municípios das diversas nações americanas, que ainda não o tenham estabelecido, a criação do cargo de Historiador da Cidade, com autoridade suficiente, tanto científico, quanto intelectual, para estudar, impulsionar e dirigir os trabalhos históricos da comunidade, coordenando-os com os trabalhos de história geral do país e das Américas.<sup>266</sup>

Para o prefeito de Natal, essa recomendação podia ser facilmente executada porque a cidade já possuía um historiador com a autoridade e as habilidades requeridas para essa função intelectual:

Tornava-se fácil, para nós, a execução dessa recomendação daquele alto certame continental, porquanto a Cidade do Natal já possuía o seu grande e incansável historiador, e só nos competia, portanto, consagrar de direito aquilo que já existia de fato, reconhecido e proclamado por todos os natalenses, que viam na figura de Luís da Câmara Cascudo, “Hércules amarrado às ameias da velha Fortaleza dos Reis Magos”, no dizer de Othoniel Menezes, *o guardião zeloso de nosso passado histórico*, seu maior e mais autorizado intérprete, captando e irradiando da província para todo o país tudo o que fomos, na constante de uma história repleta de feitos heróicos e imorredouros (Grifo meu).<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> PEDROZA, Sylvio Piza. *Discurso do prefeito Sylvio Pedroza ao entregar a Luís da Câmara Cascudo o título de historiador da cidade do Natal*. Natal, 1948. 2p. Mimeografado. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>267</sup> *Idem*.

Após seu retorno de Porto Rico, o prefeito Sylvio Pedroza tomou as medidas necessárias para cumprir as recomendações do III Congresso Histórico Municipal Interamericano, instituindo o cargo de historiador e nomeando um zeloso guardião de nosso passado histórico para ocupá-lo. Em grande medida, o cargo de historiador da cidade do Natal foi imediatamente oficializado pela Prefeitura para ser ocupado por quem já exercia essa função intelectual havia alguns anos.

Assim, em 25 de dezembro de 1948, Câmara Cascudo recebeu o título honorífico e profissional de historiador oficial da cidade do Natal, em cerimônia realizada nas dependências do Teatro Carlos Gomes – atual Teatro Alberto Maranhão.<sup>268</sup> A data da nomeação do “maior enamorado de nossa História”<sup>269</sup>, o aniversário da fundação da cidade, é reveladora do simbolismo que envolvia o cargo: uma demonstração de “reconhecimento aos serviços prestados ao esclarecimento e estudo da história local, principalmente através da obra ‘História da Cidade do Natal’”.<sup>270</sup>

---

<sup>268</sup> Na mesma cerimônia, duas personalidades receberam os títulos honoríficos de cidadãos natalenses pelos “serviços relevantes prestados à cidade”: o general Bina Machado, pelas iniciativas visando à conservação do Forte dos Reis Magos; e o médico Januário Cicco, pelo trabalho desenvolvido no hospital Miguel Couto e pela construção da maternidade de Natal.

Cf. ANIVERSÁRIO da fundação da cidade. In: PEDROZA, Sylvio Piza. *Cidade do Natal – Administração Sylvio Piza Pedroza*. Natal, 1948. v. 3. Copydesk. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>269</sup> *Idem*.

<sup>270</sup> *Id.*, *Discurso do prefeito Sylvio Pedroza ao entregar a Luís da Câmara Cascudo o título de historiador da cidade do Natal*. Natal, 1948. 2p. Mimeografado. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.



**Imagem 11** Luís da Câmara Cascudo recebendo os cumprimentos do prefeito Sylvio Piza Pedroza, em 25 de dezembro de 1948, na cerimônia em que foi nomeado historiador oficial da cidade do Natal.

**Acervo:** *Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza* – Natal-Rio Grande do Norte.

Segundo Câmara Cascudo, o cargo de historiador da cidade do Natal era um título honorífico, não se tratando de um emprego formal e remunerado que lhe rendesse maiores obrigações e dividendos: “atendia às consultas históricas, e a função não desapareceu. Para não trabalhar a leite-de-pato, convencionou-se que teria direito a... um cruzeiro do ano! Nem sempre o recebo”.<sup>271</sup> Por esse motivo, sua atuação como historiador da cidade foi mais profícua em consultas de aspectos específicos do passado

<sup>271</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Ontem: maginações e notas de um professor de província*. p. 142.

local e nas particularidades tratadas em suas crônicas jornalísticas. A produção de livros e de trabalhos de grande enfoque estava sujeita às encomendas dos gestores.

Dessa forma, o principal estudo realizado por Cascudo na condição de historiador oficial da cidade do Natal foi o livro *História do Rio Grande do Norte*, publicado no ano de 1955, também sob a solicitação de Sylvio Piza Pedroza que, naquela época, estava exercendo o cargo de governador do Estado do Rio Grande do Norte.<sup>272</sup> Sendo assim, apesar do ofício de historiador ser voltado para a municipalidade, Cascudo também exerceu essa função intelectual para o governo, escrevendo uma história norte-riograndense. Entretanto, nesse livro, o historiador não se propôs a respaldar historicamente a administração de Sylvio Pedroza no governo do Rio Grande do Norte – pelo menos não com a mesma decisão e clareza com que havia empreendido essa tarefa para a Prefeitura, através da escrita de uma história natalense.

Além disso, ao longo da década de 1950, a *função de autoria* exercida por Cascudo foi sendo modificada, de modo que a escrita folclórica e etnográfica adquiriu centralidade na sua produção bibliográfica, em detrimento de seus trabalhos no segmento da historiografia.<sup>273</sup> Mesmo assim, o lançamento do livro *História do Rio Grande do Norte* sob os auspícios governamentais nos mostra a importância do político Sylvio Piza Pedroza para a institucionalização da obra historiográfica cascudiana e para a consagração desse intelectual enquanto historiador.

---

<sup>272</sup> Cf. *Id.*, *História do Rio Grande do Norte*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

<sup>273</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*

Ser nomeado por Sylvio Piza Pedroza, em nome da Prefeitura, como historiador oficial natalense representou o primado cascudiano na historiografia local. Em virtude das iniciativas realizadas pela municipalidade, especialmente através da publicação do livro *História da cidade do Natal* e da concessão do título de historiador oficial da cidade do Natal, os já destacados escritos de Cascudo se constituíram como discurso histórico autorizado e esse autor foi monumentalizado como o principal historiador norte-rio-grandense. À guisa de conclusão, portanto, reproduzo uma declaração de Luís da Câmara Cascudo em que ele apontou o seu lugar na historiografia do Rio Grande do Norte, demonstrando sob quais referências intelectuais está assentada sua monumentalização em e por Natal – tema do próximo capítulo deste livro. Mesmo porque, a despeito de sua projeção nacional e internacional enquanto folclorista, para os natalenses, Câmara Cascudo é o historiador da cidade:

Enfim, fui fiel a minha cidade. Recife não tem uma história, João Pessoa não tem uma história, Fortaleza não tem uma história, Rio de Janeiro não tem uma história, Natal tem. História da cidade do Natal, que eu escrevi, *lá está a minha cidade evocada por mim, que aqui nasci* (Grifo meu).<sup>274</sup>

---

<sup>274</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Entrevista*. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984. Acervo Diário de Natal, Natal - Rio Grande do Norte.

## CAPÍTULO 3

*O monumento da cidade*

*As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas.*<sup>275</sup>

*Gaston Bachelard*

Singular elemento da paisagem urbana natalense, o escritor Luís da Câmara Cascudo é uma presença constante em todos os cantos da cidade onde ele nasceu e sobre a qual escreveu. Mesmo tendo decorrido mais de 25 anos de seu falecimento, ainda é possível visualizarmos inúmeras placas e fachadas com excertos de seus escritos, sua imagem e, principalmente, seu nome por toda a cidade do Natal – onde rua, avenida, loteamento habitacional, museu, biblioteca, faculdade e muitos outros lugares da urbe foram batizados com o nome *Câmara Cascudo*, evocando a lembrança de uma atividade intelectual dita *provinciana*.

Assim sendo, problematizo a criação desses espaços citadinos que, através da concretude arquitetônica e da correlata composição de sentidos para a vida e para a obra desse escritor, dão forma à dimensão mais visível e rememorativa de uma cidade produto e patrimônio de Cascudo: a *Natal cascudiana*. Defendo a ideia que o engendramento dessa espacialidade significou o ápice da monumentalização do historiador e folclorista como o maior intelectual da cidade do Natal.

---

<sup>275</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos). p. 29.

Sabemos que homenagear personalidades do passado e, na maioria das vezes, do presente é a lógica da composição da toponímia urbana no Brasil. Por isso, não vejo problema algum no ato de designar edifícios, estabelecimentos comerciais e logradouros públicos com os nomes de personalidades já falecidas ou possuidoras de prestígio na sociedade. Porém, não posso deixar de observar o caráter contingente dessas nomenclaturas cidadinas e, portanto, não posso deixar de perceber a historicidade ligada a esses insígnies tributos. Com o passar dos anos, a tendência é o esquecimento do laureado por parte da população e, até mesmo, a substituição dessa reverência por outra voltada para um novo indivíduo que, de algum modo, tenha se destacado na sociedade. Na maioria das vezes, não sabemos sequer quem foi a pessoa que dá nome à rua onde residimos, de modo que a placa na esquina se torna apenas uma referência postal ou um ponto de localização no mapa da cidade, sem qualquer predicado biográfico ou simbólico.

Na sua ânsia “de evocar as velhas figuras”<sup>276</sup> do passado norte-riograndense e torná-las conhecidas, o historiador Câmara Cascudo discutiu essa toponímia cidadina com frequência. De maneira saudosista, ele argumentou contra o desconhecimento da população acerca dos personagens que emprestavam seus nomes para compor a nomenclatura das ruas. Para ele, “nome em rua é consagração popular. Não tem o direito de ser olvidado sem pedir retificações que denunciam a distância que está o homenageado da alma coletiva que deveria tê-lo sempre na memória”.<sup>277</sup> Com esse ponto de vista, ele propôs o estudo dos nomes das ruas como forma de conhecer a

---

<sup>276</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Ribeiro Couto*]. Natal, 22 abr. 1932. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

<sup>277</sup> *Id.*, Toponímia de Natal II. *A República*, Natal, 28 set. 1929.

história da cidade, identificando por meio da toponímia os personagens que mais atuaram na vida patricia: “ninguém quer perceber que a homenagem consiste na recordação e jamais na simples aposição de uma placa”.<sup>278</sup>

Apesar dessa preocupação pessoal com o esquecimento alheio, há uma particularidade da nomenclatura cascudiana, em Natal, que precisa ser ressaltada: ela está ligada à consagração e à monumentalização intelectual de Cascudo. Nessa cidade, as homenagens a ele prestadas estão repletas de construções simbólicas e atreladas a enunciados apologéticos. Baseado em um arquivo discursivo e em imagens que são veiculadas pela mídia, pelo poder público e, principalmente, pelas instituições culturais da cidade somos capazes de associar, dentre outras coisas, o Museu Câmara Cascudo com o seu patrono.

Ao caminharmos pela cidade e nos depararmos com essa obstinada toponímia cascudiana, temos um repertório de enunciados que fornecem uma biografia padrão para esse indivíduo e não nos permite dele esquecermos. Nesses *lugares de memória*, onde Cascudo foi transformado em marcas espaciais, sua consagração se torna atemporal e desafia a passagem do tempo.<sup>279</sup> Passam-se os anos e sua imagem monumental permanece cristalizada na sociedade natalense, que o exalta como símbolo cultural e, dia após dia, o homenageia com a exposição do seu nome nas fachadas de novos prédios e na aposição de novas placas que reproduzem seus escritos.

---

<sup>278</sup> *Id.*, Nome de rua. *A República*, Natal, 09 jul. 1943.

<sup>279</sup> Cf. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez. 1993.

Esse processo de criação de uma onomástica cascudiana aplicada aos lugares da cidade do Natal foi iniciado ainda durante a vida do homenageado – mais precisamente, a partir de 1955, com a atribuição do nome do escritor a uma rua do bairro da Ribeira. Em face do reconhecimento de suas atividades intelectuais, ainda em vida, Câmara Cascudo era reputado por seus conterrâneos como o principal monumento cultural que a província havia sido capaz de produzir.<sup>280</sup> Naquele momento, esses lugares surgiram como homenagens àquele que era considerado o “monumento vivo” da cidade, ou seja, a grande personalidade natalense.<sup>281</sup> O fotógrafo e jornalista Carlos Lyra, amigo do escritor e colecionador de sua obra, chegou a comparar Cascudo e a Fortaleza dos Reis Magos, em termos de monumentalidade e de importância local:

Existem no Rio Grande do Norte dois grandes monumentos históricos: esta Fortaleza dos Reis Magos, que serviu de ponto de apoio para a dominação portuguesa do Norte e Nordeste do país, e Luís da Câmara Cascudo, nosso grande mestre, *monumento vivo, telúrico, que a cidade toda venera*. E esta veneração chega ao ponto de seu nome estar tanto num terreiro de umbanda, como no museu de antropologia da Universidade. É placa da rua onde nasceu, e está até na entrada da cidade, num painel bem grande: “Esta é a terra de Luís da Câmara Cascudo” (Grifo meu).<sup>282</sup>

Para Carlos Lyra, o Forte dos Reis Magos e Câmara Cascudo eram os dois principais símbolos do Rio Grande do Norte, ambos localizados na capital do estado. Sua ideia de um “monumento histórico”, notadamente uma fortificação do século XVI, a princípio sugere uma construção antiga

---

<sup>280</sup> Cf. PEREGRINO JÚNIOR. Visita do escritor Câmara Cascudo. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, a. 69, v. 117, p. 122-124, jan./jun.1969.

<sup>281</sup> Cf. LYRA, Carlos. In: *DEPOIMENTO: Cascudo*. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.

<sup>282</sup> *Id.*, *Ibid.*

que se mantém preservada no presente. Por outro lado, a acepção de Lyra para monumento remete ao valor atribuído a uma pessoa pelos seus contemporâneos, como sendo digno de nota.<sup>283</sup> Esse ponto de vista segundo o qual Cascudo era um *monumento vivo e telúrico*, ou seja, um sujeito de grande prestígio e importância em sua terra foi central para o surgimento dos muitos lugares criados na cidade com fins de homenageá-lo. Na medida em que houve, e continua havendo, um intuito constante de reconhecer os méritos e as contribuições desse escritor para a intelectualidade natalense, é pertinente pensarmos essas homenagens como uma consagração monumental cascudiana.

Dessa forma, entendo a *monumentalização intelectual* como a transformação de Câmara Cascudo, ainda em vida, em expoente da intelectualidade local. Isso significa, conforme palavras de Carlos Lyra, uma “veneração” natalense que posicionou esse escritor acima de quaisquer iniciativas analíticas de seu pensamento. Sobre isso, em 1968, Joracy Camargo declarou: “Cascudo já não mais está ao alcance da crítica, e só mais tarde é que sua obra poderá ser objeto de pesquisas. Agora é apenas aceitar, admirar e consagrar o que pensou e escreveu”.<sup>284</sup> Não obstante, uma vez que em sua raiz semântica o monumento tem a intenção de fazer recordar, também compreendo a monumentalização como uma diligente tentativa de reiterar essa condição exponencial cascudiana, estimulando a lembrança de sua atividade intelectual.<sup>285</sup>

<sup>283</sup> Cf. RIEGL, Alois. *El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen*. Madrid: Visor, 1987. (La Balsa de la Medusa, 7).

<sup>284</sup> CAMARGO, Joracy. A maior glória de Cascudinho. *Província*, Natal, n. 2, p. 23-24, 1968. p. 23.

<sup>285</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. p. 535.

Uma vez que este capítulo problematiza o surgimento dessa toponímia natalense relativa a Cascudo, analiso literalmente sua transformação em monumentos espaciais espalhados pela cidade do Natal. Sendo assim, lido com aquilo que Aloïs Riegl chamou de um “valor rememorativo intencionado” dos monumentos arquitetônicos. Para esse estudioso, algumas construções assumem o propósito de evitar o esquecimento dos eventos e dos personagens a que se referem, não permitindo sua conversão em passado olvidado. Haveria, segundo ele, uma “consciência de posteridade” a orientar a edificação de monumentos. Portanto, investigo a materialização das homenagens voltadas à recordação de Cascudo e a maneira como essas edificações constituem uma *Natal cascudiana*, argumentando que a emergência histórica dessa espacialidade foi, em grande parte, mediada por um exercício consciente de memória em relação ao escritor potiguar.<sup>286</sup>

### *3.1 O escritor de província e o provinciano incurável*

Para dar início ao estudo da toponímia cascudiana em Natal é interessante voltarmos a acompanhar a viagem de Câmara Cascudo por suas residências na cidade, chegando até a casa onde o escritor residiu entre 1947 e 1986: o sobrado da avenida Junqueira Aires, número 377.<sup>287</sup> O objetivo é investigarmos as significações que foram sendo atribuídas a essa casa, no correr dos anos, em função do trabalho realizado pelo estudioso que nela

<sup>286</sup> Cf. RIEGL, Aloïs. *El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen*.

<sup>287</sup> Vale ressaltar que essa casa é bastante conhecida como sendo um sobrado porque está assentada em uma ladeira íngreme e sobre um alicerce alto, dando a impressão de ser um imóvel formado por dois pavimentos. No entanto, ela possui apenas um piso e, logo, não seria de fato um sobrado, mas sim um solar ou casarão. De todo o modo, manteremos o uso deste termo em função do próprio Cascudo chamar sua residência de “sobradinho”.

residia. Como local onde a obra cascudiana foi produzida durante aproximadamente quarenta anos, essa construção possui um dos maiores conteúdos simbólicos e rememorativos desse autor, contribuindo de forma marcante para a sua transformação em monumento cultural da cidade do Natal. Por isso, a atual *Casa Câmara Cascudo* será aqui analisada como um lugar onde determinada “memória se cristaliza e se refugia”, isto é, um *lugar de memória*.<sup>288</sup>

Conforme já foi discutido anteriormente, a família Cascudo enfrentou uma grave crise financeira entre o final da década de 1920 e início dos anos de 1930. Isso resultou na falência da loja comercial que possuíam e na perda da propriedade da chácara do Tirol, onde moravam. De imediato, em fins de 1932, toda a família se transferiu para uma primeira moradia na Avenida Junqueira Aires e, em 1937, mudou-se para uma casa na Rua da Conceição, ambas localizadas no bairro da Cidade Alta.<sup>289</sup> Essa situação de instabilidade econômica e, por conseguinte, de mobilidade residencial afetou diretamente as atividades intelectuais cascudianas, sobretudo a publicação de seus livros. Em correspondência com o escritor Ribeiro Couto, no ano de 1931, Cascudo manifestou as dificuldades que encontrava para publicar novos estudos por causa da delicada condição de sua família:

---

<sup>288</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez. 1993. p. 7.

<sup>289</sup> É importante frisar que a casa da Avenida Junqueira Aires, onde a família Cascudo morou entre 1932 e 1937, não era ainda o referido sobradinho, mas uma construção vizinha, com o número 393. Por sua vez, a casa da Rua da Conceição, onde essa família residiu entre 1937 e 1946, estava situada de frente à Praça Sete de Setembro, local onde foi erguido o atual prédio da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte.

Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. Minha viagem na cidade do Natal. *A República*, Natal, 17 abr. 1959.

Confesso ter parado com o [livro] LÓPEZ DO PARAGUAY. Escrevi mais uns quatro volumes mas estes continuam com a leitura exclusiva do autor. Quando eu “podia” publicar livros eles saíram. Agora depende de editor e como V. [você] sabe o Norte brasileiro, como mercado comprador e fonte produtora, é uma abstração para os livreiros inteligentes da nossa pátria amada, idolatrada, salve, salve.<sup>290</sup>

Após o lançamento dos livros *Alma patricia* (1921), *Joio* (1924), *Histórias que o tempo leva* (1924), *Versos de Lourival Açucena* (1927) e *López do Paraguay* (1927), as atividades intelectuais cascudianas ficaram restritas às colaborações em jornais e revistas e na produção de alguns opúsculos.<sup>291</sup> Em especial, o ensino de história no colégio Atheneu Nortério-grandense e a colaboração no jornal *A República* foram suas principais atividades como produtor e divulgador de conhecimento. Naquela época, a publicação de livros demandava recursos privados ou articulações com editores dos grandes centros do país. Por esse motivo, novamente em carta enviada a Ribeiro Couto, Cascudo expressou sua insatisfação com o mercado editorial brasileiro que, em sua opinião, não daria oportunidades aos escritores nortistas:

[O livro] O MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO está inédito e creio que aparecerá breve porque um amigo entendeu de fundar uma empresa editora e justamente este amigo é meu patrício. No caso diverso continuaria a editar brasileiros do sul e nortistas residentes no sul. Não conheço um só escritor da Bahia para cá merecendo as

<sup>290</sup> *Id.*, [Correspondência enviada a Ribeiro Couto]. Natal, 01 dez. 1931. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

<sup>291</sup> *Id.*, *Joio: páginas de literatura e crítica*. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 749).

*Id.*, *Alma patricia: crítica literária*.

*Id.*, *Histórias que o tempo leva... da história do Rio Grande do Norte*.

*Id.*, (Org.). *Versos de Lourival Açucena*.

*Id.*, *López do Paraguay*.

honras das edições sucessivas. A explicação é óbvia. Eu não posso sair de Natal onde tenho meus limitados interesses. Meu emprego não dá direito a transferência nem reforma para melhor. (...). Fico dentro das folhas que vou escrevendo e dos livros que vou consultando. Depois mando prender o volume com um colchete e passo a “fazer” outro livro. Você acredite que isto me satisfaz. Um dia toda esta livrarada surgirá. Quando, é que não preciso.<sup>292</sup>

Ao longo de dez anos, entre 1928 e 1937, Câmara Cascudo publicou apenas dois livros: o *Conde d'Eu* (1933), editado pela coleção Brasiliana da Companhia Editora Nacional; e *Em memória de Stradelli* (1936), mandado publicar pelo governo do Estado do Amazonas.<sup>293</sup> Isso nos mostra como suas atividades intelectuais foram minoradas devido à ausência de recursos para ter acesso à bibliografia atualizada e para publicar novos escritos. Foi nesse sentido que, ainda em carta ao escritor Ribeiro Couto, ele argumentou o porquê de não dispor de determinado exemplar bibliográfico: “suando de vergonha informo que não sou bibliófilo. Como era possível a um professor de província andar possuindo livros que custam o quádruplo do que ganha mensalmente para sustentar dez pessoas de família?”.<sup>294</sup>

Apesar de demonstrar um sentimento de insatisfação com suas limitações financeiras e provincianas, a partir de 1938, a divulgação de suas atividades intelectuais ganhou novo impulso e, em conjunto com outros empregos paralelos, começou a lhe render dividendos capazes de iniciar uma retomada de sua estabilidade financeira.<sup>295</sup> Como exemplo dessas

---

<sup>292</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Ribeiro Couto*]. Natal, 22 abr. 1932. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

<sup>293</sup> *Id.*, *Conde d'Eu*.

*Id.*, *Em memória de Stradelli*.

<sup>294</sup> *Id.*, [*Correspondência enviada a Ribeiro Couto*]. Natal, 21 jul. 1937. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

<sup>295</sup> De acordo com Itamar de Souza, entre 1938 e 1946, Câmara Cascudo ainda exerceu um cargo burocrático no Tribunal de Apelação do Estado do Rio Grande do Norte. E, segundo Nestor Lima, durante a participação da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial (1942-1945), Cascudo também foi chefe da Defesa Aérea Civil.

atividades intelectuais, destaco os seguintes livros: *O doutor Barata* (1938), impresso pelo governo do Estado da Bahia; *O Marquês de Olinda e seu tempo* (1938), editado pela coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional; *Vaqueiros e cantadores* (1939), seu primeiro livro dedicado ao folclore brasileiro; e *Governo do Rio Grande do Norte* (1939), mandado publicar pelo interventor local Rafael Fernandes.<sup>296</sup>

Além disso, a partir do ano de 1939 e pelos anos afora, a coluna *Acta Diurna* foi publicada e republicada com sucesso pelo jornal *A República* e, de 1947 em diante, também pelo jornal *Diário de Natal*. Por meio dessas crônicas cotidianas, Cascudo estabeleceu um diálogo direto com os natalenses, informando-os acerca do passado e da cultura locais. O lançamento dessas publicações coincidiu com o momento em que Luís da Câmara Cascudo se dedicou com vigor à atividade intelectual e quando sua obra foi sendo consolidada no cenário nacional.<sup>297</sup> Essa relação entre a vida

Cf. SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. *Diário de Natal*, Natal, 30 dez. 1998. v. 3. p. 46.

LIMA, Nestor. Esboço biográfico. *LUIZ da Câmara Cascudo: depoimentos. Homenagem dos seus amigos*. Natal: Centro de Imprensa, 1947. p. 6.

<sup>296</sup> Rafael Fernandes Gurjão governou o Rio Grande do Norte entre 29 de outubro de 1935 e 03 de julho de 1943.

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O doutor Barata: político, democrata e jornalista – Bahia-1762, Natal-1838*.

*Id.*, *O marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)*.

*Id.*, *Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*. 1. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

*Id.*, *Governo do Rio Grande do Norte – 1597-1938*. 1. ed. Natal: Livraria Cosmopolita, 1939.

<sup>297</sup> É interessante destacar também que, em meados da década de 1940, o *Dicionário do Folclore Brasileiro* já havia sido encomendado e estava em fase de redação, embora só tenha sido lançado efetivamente em 1954. Em carta enviada ao escritor Mário Melo, em 1947, Cascudo solicitou informações para o referido dicionário: “imagine que estou, desde algum tempo, escrevendo um dicionário do Folk Lore brasileiro para o Instituto Nacional do Livro. Já entreguei o primeiro tomo, A-M e estou batendo o segundo. Lembrei-me de pedir-lhe que redija para mim um verbete sobre esse Ouricuri. Obra de uma folha, datilografada. Ou como você quiser”.

do escritor e a produção de sua obra é fundamental para o entendimento da aquisição do sobradinho da Avenida Junqueira Aires, número 377, e para a compreensão dos sentidos atribuídos para esse imóvel no curso do tempo. Por meio da projeção de seus escritos, portanto, Cascudo reduziu os efeitos de uma década de crise financeira e adquiriu a residência que foi o seu principal endereço na cidade do Natal.



**Imagem 12** Vista atual da *Casa Câmara Cascudo*. Endereço: Avenida Câmara Cascudo, antiga Junqueira Aires, número 377. Cidade Alta. Natal, Rio Grande do Norte. Foto: **acervo pessoal.**

A casa para aonde Cascudo se mudou no início do ano de 1947 – e onde permaneceu até seu falecimento, em 30 de julho de 1986 – é um solar construído em estilo neoclássico, com alguns detalhes ecléticos e datado do

---

Cf. *Id.*, [Correspondência enviada a Mário Melo]. Natal, 05 abr. 1947. Carta. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco, Recife - Pernambuco.  
*Id.*, *Dicionário do folclore brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

ano de 1900. Situada na importante via que interligava os bairros da Ribeira e da Cidade Alta, a Avenida Junqueira Aires, essa residência havia pertencido ao pai de sua esposa Dahlia Freire: o desembargador José Teotônio Freire.<sup>298</sup> No entender de Cascudo, após uma jornada à espera de realizações e conquistas, ele enfim havia encontrado ali seu porto final:



**Imagem 13** Plaqueta de azulejo português, sem data, que guarnece a parede da entrada da casa de Câmara Cascudo.

**Acervo:** Instituto Câmara Cascudo – Natal-Rio Grande do Norte.

Em tradução corrente do latim, tomada por empréstimo aos biógrafos cascudianos, os motivos gravados no azulejo acima expressam: “Encontrei meu porto. Esperança e fortuna, adeus. Muito me iludistes. Ide iludir outros agora”.<sup>299</sup> Essa sentença, conforme sugere o pensamento de Gaston Bachelard, define a morada como um espaço íntimo e sentimental. De acordo com esse estudioso dos espaços, a casa teria o poder de afastar

<sup>298</sup> Cf. MEMORIAL Câmara Cascudo. *Folder de divulgação*. Natal: [s.e.], [s.d.]. Acervo pessoal.

<sup>299</sup> Apesar de não possuir uma data de produção ou de guarnição, acredito que esse azulejo deva ter sido trazido de Portugal na mesma época em que Cascudo se mudou para o sobrado da avenida Junqueira Aires. Pois, em 1947, ele viajou para Portugal com o intuito de representar o Brasil no I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore. Cf. MARINHO, Francisco Fernandes. *Câmara Cascudo em Portugal e o “I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore”*. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

contingências e de evitar a dispersão do homem no mundo, transformando-se no melhor dos abrigos: porto final de uma viagem pelas habitações da cidade ou, na poética do proprietário do imóvel, lugar onde a vida sossega.<sup>300</sup>

Segundo o biógrafo cascudiano Gildson de Oliveira, além de porto seguro ou final, o sobradinho da Avenida Junqueira Aires passou a ser o “endereço da cultura” na cidade.<sup>301</sup> Sua explicação está calcada no entendimento de que essa casa foi um lugar de produção de conhecimento e de valorização do elemento cultural por cerca de quarenta anos – realizações personificadas no escritor que ali residiu. De fato, já no momento em que ocorreu a mudança da família Cascudo para esse imóvel, a relação da moradia cascudiana com a produção de sua obra era assunto de interesse dos amigos do autor. Em carta remetida pelo escritor Josué de Castro, Cascudo recebeu votos de que sua nova residência fosse ideal para a continuidade da tarefa de produzir livros em uma cidade do Nordeste brasileiro:

Por sua carta vejo-o afogado numa maré de fichas e de livros que esvoaçam e rugem em sua dessarumação por toda esta pacata cidade de Natal, assustando a pachorrice urbana com maior furor ainda do que a tem assustado a celebridade do seu ditoso filho. Assim imagino, a mudança de um sábio numa cidade do nordeste. Que a nova casa seja tão acolhedora como a que eu conheci e que nela você continue a produzir obras do mesmo quilate das suas anteriores, são os meus votos sinceros.<sup>302</sup>

Servir como local adequado para a produção de livros, assim como desejava Josué de Castro, foi uma das primeiras atribuições dadas ao sobrado. Após Câmara Cascudo se instalar em seu novo endereço, esse lugar passou a ser considerado um ambiente de trabalho onde um grande

<sup>300</sup> Cf. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*.

<sup>301</sup> OLIVEIRA, Gildson. *Câmara Cascudo, um homem chamado Brasil*. p. 97.

<sup>302</sup> CASTRO, Josué de. [*Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo*]. Natal, 07 jan. 1947. Carta. Acervo Instituto Câmara Cascudo, Natal - Rio Grande do Norte.

nome da intelectualidade brasileira se dedicava à tarefa de estudar e escrever livros. Tal significação dialoga com um discurso localista que, surgido nesse mesmo momento, definiu Cascudo e sua obra como provincianos. Para os intelectuais da cidade do Natal, proponentes desse enunciado, o fato de ter sido escrita na província em nada desmerecia a obra cascudiana. Ao contrário, essa marca identitária reforçaria o valor do trabalho do escritor, na medida em que ele havia sido capaz de se projetar no Brasil e no exterior sem abandonar sua terra.

Ainda em 1946, Cascudo foi convidado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil a fazer parte de uma comitiva oficial ao Uruguai. Por ocasião dessa comissão cultural, o escritor norte-rio-grandense deveria ministrar duas conferências em Montevideú, representando o governo brasileiro. Diante do convite, o jornal *A República* noticiou:

Este honroso convite, representa não apenas um reconhecimento bem merecido aos méritos daquele ilustre etnógrafo patricio, mas vale, principalmente, como poderoso fator de projeção do nome do Rio Grande do Norte no cenário cultural brasileiro. É sabido, que, geralmente, só aos intelectuais do sul, pela sua aproximação mais íntima com os principais centros do país, se atribui a missão de representar o Brasil em oportunidades dessa natureza. Agora, todavia, essa honra caberá a um escritor do norte do país, escolhido, justamente, do meio cultural norte-rio-grandense, o que representa motivo de justa satisfação para todos os nossos conterrâneos [sic].<sup>303</sup>

Mesmo assumindo uma postura de ressentimento por não participarem de grandes eventos ligados à vida cultural brasileira, os jornalistas e escritores locais qualificaram o trabalho e a projeção de Cascudo como conquistas provincianas, ou seja, as realizações desse escritor não seriam apenas vitórias pessoais, mas um êxito de todos os seus

---

<sup>303</sup> CONFERÊNCIAS do escritor Luís da Câmara Cascudo em Montevideú. *A República*, Natal, 14 maio 1946.

conterrâneos. Após a missão no Uruguai, onde segundo o jornal *A República* Câmara Cascudo havia projetado o nome do estado do Rio Grande do Norte, ele foi homenageado por seus amigos com o lançamento de uma publicação biográfica. Esse opúsculo, publicado em 1947, contou com a colaboração de personalidades locais como Adherbal França, Francisco Ivo Cavalcanti, Januário Cicco, Nestor Lima, Othoniel Menezes, Otto Guerra e outros.<sup>304</sup>

O jornalista e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras Adherbal França escreveu para essa coletânea homenageante um dos primeiros artigos a estabelecer sistematicamente uma aproximação entre Cascudo e a cidade do Natal: o pequeno texto *Luiz da Câmara Cascudo e a Província*.<sup>305</sup> Por permanecer no Rio Grande do Norte e alcançar o reconhecimento de um trabalho feito em um estado da federação desprovido de grandes arquivos e sem a agitação intelectual da região sul, Câmara Cascudo foi nomeado por um de seus pares como um *escritor de província*.

Segundo Adherbal França, a província estava para Cascudo “como um ângulo essencial de sua vida de escritor”.<sup>306</sup> Isso significava afirmar o Rio Grande do Norte e, mormente a cidade do Natal, como a condição *sine qua non* para o desenvolvimento da obra cascudiana. Seria a superação das dificuldades do meio local, isto é, a falta de condições adequadas para o ofício de pesquisador, a principal característica do trabalho desse “historiador e comentador das tradições sociais brasileiras”.<sup>307</sup> Nesse breve artigo, em grande medida, o acadêmico estabeleceu relações entre a obra de Câmara Cascudo e o meio intelectual em que ela foi escrita, destacando

---

<sup>304</sup> *LUIZ da Câmara Cascudo: depoimentos. Homenagem dos seus amigos*. p. 22-23.

<sup>305</sup> FRANÇA, Adherbal. Luiz da Câmara Cascudo e a província. In: *LUIZ da Câmara Cascudo: depoimentos. Homenagem dos seus amigos*. p. 22-23.

<sup>306</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 22.

<sup>307</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 22.

notadamente o fato do escritor não ter saído de sua terra natal e atribuindo a essa permanência a maior virtude dos estudos cascudianos:

Só depois dos quarenta anos teve [Cascudo] a emoção de viajar fora de seu país, numa honrosa missão cultural ao Uruguai, já se lhe anunciando outra à Europa. Mas voltou sem demora à província. E na sua Natal, que tantas vezes tem descrito em detalhes, cuja existência desde os primórdios já desdobrou em panoramas reais na sua avultada obra histórica, Luís da Câmara Cascudo continua a escrever, disputado pelos editores, vítima, também do velho e incontido esbulho dos direitos autorais. Lê, conversa e trabalha. É cada vez mais um erudito preso à teia imensa de suas consultas e elucidações.<sup>308</sup>

Quando se transferiu para o sobradinho da Avenida Junqueira Aires, pois, Luís da Câmara Cascudo vivia uma fase de ascensão e de consagração no cenário intelectual brasileiro. Ao mesmo tempo, essa projeção era definida pelos seus pares como uma conquista provinciana. Como exemplo desse reconhecimento nacional, o livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* foi agraciado pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio João Ribeiro de erudição, para o ano de 1948.<sup>309</sup> Por sua vez, ao comentar essa premiação, a intelectualidade local novamente estabeleceu conexões entre o lugar de trabalho de Cascudo e os méritos alcançados por seus escritos: “[tal prêmio] é mais um reconhecimento de grande valor à cultura do renomado escritor potiguar que, permanecendo na província, conseguiu elevar seu nome além das fronteiras do país”.<sup>310</sup>

Não obstante, foi criado nessa mesma época outro epíteto relativo ao apregoado provincianismo cascudiano: o título de *provinciano incurável*, ou

<sup>308</sup> FRANÇA, Adherbal. Luiz da Câmara Cascudo e a província. In: *LUIZ da Câmara Cascudo: depoimentos. Homenagem dos seus amigos*. p. 22-23.

<sup>309</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. (Coleção Documentos Brasileiros, 42).

<sup>310</sup> O ESCRITOR Câmara Cascudo premiado pela Academia Brasileira de Letras. *Bando*, Natal, a. 1, n. 8, 1949. p. 6.

seja, aquele sujeito que nunca abandonou sua terra. Esse é um dos aspectos mais recorrentes nas narrativas sobre a vida de Câmara Cascudo: seu obstinado “amor histórico à gleba da qual nunca quis se afastar”.<sup>311</sup> Aspecto que, a partir de seus biógrafos, foi remetido à produção de uma vasta obra e de amplo valor cultural, reforçando um forte apego telúrico e recusando todos os convites de transferência para os grandes eixos culturais do Brasil e do exterior.<sup>312</sup> Cunhado pelo escritor Afrânio Peixoto, o qualificativo *provinciano incurável* foi explicado da seguinte forma por Cascudo:

Em 1946 fiz parte de uma comissão enviada pelo Ministério das Relações Exteriores ao Uruguai. Éramos três: Aloísio de Castro, Angione Costa e eu, único sobrevivente.

Voltando, contou-me Aloísio de Castro que Afrânio Peixoto, sabendo da expedição cultural, dissera num leve riso – “E ele deixou o Rio Grande do Norte? *Câmara Cascudo é um provinciano incurável!*”

Encontrara meu título justo, real, legítimo.

**PROVINCIANO INCURÁVEL!**

Nada mais (Grifo do autor).<sup>313</sup>

<sup>311</sup> PEREIRA, Nilo. A chave da cidade do Natal. *A República*, Natal, 01 jul. 1946.

<sup>312</sup> Segundo Cascudo, ele recebeu convites de Getúlio Vargas para morar no Rio de Janeiro, de Agamenon Magalhães para se fixar em Recife e de Juscelino Kubitschek para residir em Brasília. E de acordo com Ana Maria Cascudo Barreto, filha e biógrafa do escritor, Câmara Cascudo recebeu convites das Universidades de Sorbonne, na França, e de Harvard, nos Estados Unidos.

Cf. BARRETO, Anna Maria Cascudo. *Entrevista*. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984. Acervo do Diário de Natal, Natal - Rio Grande do Norte.

CASCUDO, Luís da Câmara. Um provinciano incurável. *Província*, Natal, n. 2, p. 5-6, 1968. p. 6.

*Id.*, Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984. Acervo do *Diário de Natal*, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>313</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Um provinciano incurável. *Província*, Natal, n. 2, p. 5-6, 1968. p. 6.

Não por acaso esse título, que Câmara Cascudo considerou justo, real e legítimo para se autodefinir, está datado do ano de 1946. Como vimos, na passagem de 1946 para 1947, a referência para a vida e, sobretudo, para a já consagrada obra do escritor era o local onde ele passou a morar e escrever seus livros: um sobrado situado em uma pequena cidade brasileira. Entretanto, para compreendermos o porquê de Cascudo ter incorporado o personagem criado por seu amigo Afrânio Peixoto e sob quais circunstâncias essa relação entre sujeito e espaço se tornou tão recorrente é necessário entendermos que o próprio escritor investiu na construção de sua imagem pessoal provinciana.

Diante disso, embora fragmentadas, as correspondências localizadas por esta pesquisa são importantes para o entendimento de uma *escrita de si* cascudiana, enquanto indivíduo provinciano. Em especial, as cartas enviadas pelo escritor a intelectuais residentes em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em São Paulo nos mostram um sujeito que se apresentava e se descrevia como estando afastado dessas três grandes regiões metropolitanas do país.<sup>314</sup> Na medida em que está bastante esparsa ao longo dos anos, essa documentação nos permite analisar o modo como Cascudo foi construindo uma imagem provinciana de si para seus amigos e interlocutores, baseada na sua permanência na cidade do Natal.

Na década de 1920, sem ainda utilizar o termo provinciano, essas correspondências deixam ver um sujeito que estava circunscrito por uma cidade pacata e de pouca expressão: em termos puramente semânticos, ele estava restrito à província. Por exemplo, em 1922, Câmara Cascudo

---

<sup>314</sup> Cf. GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Id., (Org.). *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

agradeceu ao escritor Mário Sette pela remessa de um livro e apontou algumas limitações locais: “as suas novidades publicadas serão recebidas com imensa alegria. Vivendo aqui é quase um ato de caridade mandar livros e notícias suas”.<sup>315</sup> Em 1927, dessa vez em carta a Ribeiro Couto, ele fez menção à pequena cidade onde morava: “não precisa [pôr] endereço [ao escrever] para mim. Meu nome e o de minha cidade é o bastante. Excelências de terra pequena”.<sup>316</sup>

Morar em uma cidade pequena, então, tanto lhe dava as excelências de ser conhecido por todos como possuía um sentido depreciativo de lugar distante, onde a chegada de novidades bibliográficas era lenta e tardia. Já durante a década de 1930, o termo província consta nas correspondências analisadas, mas com o sentido de um “professor de província” que reclamava das dificuldades financeiras enfrentadas, ou seja, alguém que se sustentava através do ensino.<sup>317</sup> Afora as contingências dessa fase da vida de Câmara Cascudo, ele permanecia estabelecendo uma relação entre si e a cidade ao informar seu endereço: “meu endereço continua o mesmo. Meu nome e o de minha cidade”.<sup>318</sup>

Foi apenas durante a década de 1940, no auge de sua produção bibliográfica, que ele efetivamente começou a se descrever como um sujeito provinciano – no sentido em que essa palavra tem sido empregada para adjetivá-lo nos dias de hoje, isto é, como aquele que optou por permanecer

---

<sup>315</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Mário Sette*]. Natal, 10 maio 1922. Carta. Acervo Fundação Joaquim Nabuco, Recife - Pernambuco.

<sup>316</sup> *Id.*, [*Correspondência enviada a Ribeiro Couto*]. Natal, 14 fev. 1927. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

<sup>317</sup> *Id.*, [*Correspondência enviada a Ribeiro Couto*]. Natal, 21 jul. 1937. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

<sup>318</sup> *Id.*, [*Correspondência enviada a Carlos Drummond de Andrade*]. Sem local, 06 abr. 1932. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

em Natal lendo, estudando e escrevendo.<sup>319</sup> Assim sendo, em função das necessidades de seu trabalho intelectual na *província*, Cascudo remeteu inúmeras cartas para personalidades do Brasil e do exterior solicitando livros, documentos e informações relativas aos trabalhos que produzia. Em correspondência enviada ao escritor Gustavo Barroso, requisitando a transcrição de um conto popular publicado em uma antologia francesa, ele assim justificou o pedido: “quem trabalha na província com esses assuntos eruditos vive cutucando os amigos, chorando por informações difíceis”.<sup>320</sup>

Nessas cartas, Câmara Cascudo oferecia uma imagem de si enquanto pesquisador radicado em uma província. Alegando esse afastamento geográfico e cultural, ele demandava informações não disponíveis nas bibliotecas e nos arquivos da cidade do Natal: “moro na província e é atrevimento dedicar-me a estes estudos que exigem confronto”.<sup>321</sup> Em grande medida, o discurso do escritor provinciano denotava seu distanciamento dos principais centros intelectuais do país e justificava sua impossibilidade de ir com frequência a esses lugares para realizar pesquisas. Além disso, esse enunciado de provinciano presente em suas correspondências manifestava os motivos das constantes solicitações de informações: “[Mário] Sette amigo velho. Você sabe que uma carta minha é

---

<sup>319</sup> Cf. SARNEY, José. Cascudo: um exemplo de brasilidade. BARRETO, Anna Maria Cascudo. *O colecionador de crepúsculos: fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo*. 1. ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2003. p. 18.

<sup>320</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Cópia de correspondência enviada a Gustavo Barroso*]. Natal, 10 jul. 1944. Carta. Acervo Instituto Câmara Cascudo, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>321</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Mário de Andrade*]. Natal, 13 abr. 1943. Carta. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In:\_\_\_\_. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. p. 348.

sempre um pedido de informação sobre coisa velha. Continuo cada vez mais... o mesmo”.<sup>322</sup>

Com efeito, as correspondências se transformaram em um dos principais instrumentos de pesquisa para Cascudo. De tal modo importante que ele chegou a publicar no jornal *A República* uma *Acta Diurna* criticando o hábito brasileiro de não responder cartas. Segundo ele, algumas cartas exigiam uma resposta imediata: “são consultas, por exemplo, que esclarecerão dúvidas. São informações para quem está estudando um assunto”.<sup>323</sup> Evidentemente, esse artigo fornece uma explicação para o seu hábito peculiar de realizar inquéritos postais, argumentando em favor de suas *correspondências provincianas*. Do mesmo modo, isso nos mostra que a utilização das correspondências tanto contribuiu para a produção de seus escritos quanto reforçou um sentimento identitário provinciano com a cidade do Natal: o *escritor de província* e o *provinciano incurável*.

Dessa forma, esses dois epítetos *provincianos* não fazem menções simplesmente a um escritor que permaneceu em sua terra, morando em um idílico sobrado de província. Esses termos se reportam a um autor que, ao adquirir renome nacional e internacional, conferiu prestígio para a cidade onde nasceu e viveu, estabelecendo um forte sentimento de pertença com o espaço local. Em favor da projeção cascudiana, as instituições culturais e políticas da cidade do Natal e do estado do Rio Grande do Norte começaram a render homenagens ao escritor, aludindo e reforçando o conceito de provincianismo que elas próprias haviam formulado.<sup>324</sup> Sendo assim,

---

<sup>322</sup> *Id.*, [Correspondência enviada a Mário Sette]. Natal, 21 abr. 1945. Carta. Acervo Fundação Joaquim Nabuco, Recife - Pernambuco.

<sup>323</sup> *Id.*, Responder cartas. *A República*, Natal, 07 jul. 1943.

<sup>324</sup> A intelectualidade local, em diálogo com outros círculos letrados da região Nordeste, chegou inclusive a formular a ideia de um provincianismo como tendência literária

dependendo da entidade promotora da homenagem, a província variava da cidade para o estado – sem que isso causasse qualquer conflito identitário, afinal era ainda a terra do escritor tomada como referência para o seu trabalho e para a sua transformação em monumento cultural provinciano.

Dentre essas homenagens, ressalto o projeto de lei que, em 1955, mudou o nome da Rua senador José Bonifácio, ex-Rua das Virgens, para Rua Câmara Cascudo. Por oportuno, abordarei esse primeiro topônimo cascudiano. Antes, contudo, chamo a atenção para algumas homenagens ainda ligadas à casa de Cascudo e as suas atividades intelectuais, embora já datadas dos anos 1960: a aposição de placas comemorativas e a entrega anual do Prêmio Câmara Cascudo, em cerimônias realizadas no sobrado da Avenida Junqueira Aires. Tais eventos são representativos da monumentalização cascudiana e do conteúdo simbólico de sua residência, ainda durante a vida do escritor.

Particularmente, o prêmio literário Câmara Cascudo foi instituído pela Prefeitura do Natal com o intuito de estimular o desenvolvimento das atividades intelectuais na cidade. A intenção era premiar o melhor trabalho do ano, fosse ele em prosa ou em verso, escolhido por uma comissão de notáveis indicada pelas entidades culturais do município.<sup>325</sup> Conforme o historiador Itamar de Souza, o projeto de lei que instituiu essa premiação foi apresentado pelo vereador Eugênio Netto e sancionado pelo prefeito Tertius

---

nordestina. Segundo a matéria da revista *Bando*, periódico de claro viés regionalista, essa tendência literária era definida do seguinte modo: “o ‘provincianismo’ participa do sonho e da realidade, da agitação e do repouso, da glória e da obscuridade; é enfim a própria fonte da criação artística e intelectual [no Nordeste]”.

Cf. PROVINCIANISMO - tendência literária. *Bando*, Natal, a. 1, n. 4, 1949.

<sup>325</sup> Cf. EUGÊNIO NETTO. Aos 15 anos prêmio literário precisa ser reformulado. *A República*, Natal, 11 jul. 1979.

Rabelo, em 1964.<sup>326</sup> De acordo com esse projeto de lei, o valor de 500 cruzeiros deveria ser entregue ao vencedor do prêmio no dia do aniversário de nascimento de seu patrono, 30 de dezembro, em cerimônia realizada no sobradinho da Avenida Junqueira Aires, número 377.

Em palavras do autor do projeto de lei, Eugênio Netto, a escolha do patrono se deu “por razões óbvias”: mediante a importância de Câmara Cascudo para a vida intelectual natalense, não haveria a necessidade de justificar a escolha de seu nome para dar título a um prêmio de cunho literário.<sup>327</sup> Seguindo essa mesma lógica, o boletim publicado pelo Centro Norte-rio-grandense, instituição cultural formada por potiguares e sediada no Rio de Janeiro, também noticiou a premiação: “o escritor Luís da Câmara Cascudo, mundialmente conhecido como uma das maiores autoridades em folclore vem de ser homenageado pelo município do Natal, tendo seu nome em prêmio literário que é um dos maiores do país”.<sup>328</sup>

Então, a partir de 1964, começou a ser entregue o Prêmio Câmara Cascudo pela Prefeitura Municipal do Natal. No primeiro ano, o pintor e poeta Newton Navarro recebeu das mãos do patrono literário da cidade a condecoração monetária pelo trabalho *ABC do Cego Clarismundo*. Além dele, escritores como Luiz Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro e Luiz

---

<sup>326</sup> Cf. SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. *Diário de Natal*, Natal, 27 jan. 1998. v. 5. p. 89.

Tertius César Pires de Lima Rabelo foi prefeito da cidade do Natal durante os anos de 1964 e 1966.

Disponível em: <<http://www.natal.rn.gov.br/gapre/paginas/ctd-395.html>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

A título de informação, entre 31 de janeiro de 1961 e 31 de janeiro de 1966, Aluizio Alves governava o Estado do Rio Grande do Norte.

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*.

<sup>327</sup> EUGÊNIO NETTO. *Op. cit.*

<sup>328</sup> CÂMARA Cascudo é prêmio literário em Natal. *Boletim do Centro Norte-rio-grandense*, Rio de Janeiro, n. 3, jun. 1967.

Rabelo também ganharam a premiação durante a década de 1960. Em 1971, dado as anteriores dificuldades enfrentadas pela comissão para escolher entre trabalhos em prosa e em verso, ocorreu a divisão da honraria. Com isso, foram criados os Prêmios Othoniel Menezes de Poesia e Câmara Cascudo de Prosa.<sup>329</sup> Apesar das reformulações implantadas, a cerimônia de premiação continuou sendo realizada na casa de Câmara Cascudo, de modo a servir como uma homenagem da Prefeitura do Natal pela passagem do natalício do *autor da cidade*.<sup>330</sup>

Portanto, nos anos de 1960, encontramos a residência com o significado de lugar onde eram prestadas as homenagens ao intelectual que, desde 1918, estava servindo a cidade do Natal e ao estado do Rio Grande do Norte:

---

<sup>329</sup> EUGÊNIO NETTO. Aos 15 anos prêmio literário precisa ser reformulado. *A República*, Natal, 11 jul. 1979.

<sup>330</sup> Vale salientar que, ainda hoje, essas condecorações permanecem sendo entregues pela Prefeitura do Natal, no prédio da Fundação Cultural Capitania das Artes. O prêmio batizado com o nome de Cascudo, em especial, tem sido conferido a trabalhos de natureza etnográfica ou ficcional, desde que não possuindo quaisquer vinculações universitárias, ou seja, desde que não sendo monografias, dissertações e teses. Apesar de privilegiar um conhecimento produzido sob circunstâncias amadoras, o que mantém uma coerência com a proposta inicial de premiar e incentivar novos candidatos às letras, isso denota uma separação entre as áreas de atuação acadêmica e de políticas públicas, quando se trata de pensar a produção cultural e de homenagear personalidades intelectuais.

Cf. NATAL. Decreto nº 8372, de 12 de fevereiro de 2008. Aprova o regulamento dos concursos literários Othoniel Menezes e Câmara Cascudo 2008. Natal, 2008. Disponível em: <[http://www.natal.rn.gov.br/legislacao/arquivos/anexos/decreto\\_8372.pdf](http://www.natal.rn.gov.br/legislacao/arquivos/anexos/decreto_8372.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2008.



**Imagem 14** Placa aposta na parede da entrada da casa de Câmara Cascudo, datada de 27 de março de 1966, como homenagem por seus serviços intelectuais prestados ao Rio Grande do Norte.

**Acervo:** *Instituto Câmara Cascudo* – Natal-Rio Grande do Norte.

No caso dessa placa, uma oferta do Instituto Histórico estadual no ano de 1966, o sobrado foi nomeado pelos idealizadores do tributo como o endereço da cultura norte-rio-grandense, onde um escritor exercia o mais nobre e constante trabalho intelectual conhecido pelo estado. Por meio dessa e de outras placas semelhantes, quem chegasse para visitar a casa do escritor era informado do valor sentimental e cultural daquele espaço para a produção da obra cascudiana, em solo natalense, conferindo uma dimensão intelectual e pública ao ambiente mais familiar e privado de Cascudo.<sup>331</sup>

<sup>331</sup> Na parede de entrada da casa de Câmara Cascudo foram afixadas quatro placas comemorativas, das quais três foram apostas quando o escritor ainda estava vivo. Uma delas, datada de 30 de dezembro de 1978, homenageia o aniversário de 80 anos de vida do escritor e de 60 anos de suas atividades intelectuais. Essa placa registra a assinatura das instituições locais que o estavam homenageando: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Prefeitura Municipal do Natal, Academia Norte-rio-grandense de Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Museu Câmara Cascudo, Conselho Estadual de Cultura, Centro de Ensino

Esse significado de “endereço da cultura” também está ligado à transformação da casa e de seu ilustre morador em *monumentos turístico e enciclopédico* da cidade do Natal, na década de 1970.<sup>332</sup> Com o aumento do prestígio cascudiano nos círculos letrados do país e do exterior sua residência passou a ser o destino de personalidades que transitavam pela cidade, bem como de estudantes e curiosos que buscavam o conhecimento fornecido pelo “mestre de Natal”.<sup>333</sup> As colunas sociais do jornal *A República* estamparam fotos e notícias das frequentes visitas de artistas, estudantes, grupos folclóricos, intelectuais, jornalistas e políticos de todos os recantos do país ao sobrado.<sup>334</sup>

Disso decorre o estabelecimento de uma comparação entre o escritor e alguns monumentos turísticos natalenses: “ir a Natal e não ver Câmara Cascudo é qualquer coisa parecida como ir a Roma e não ver o Papa. Depois do rio Potengi e do Forte dos Reis Magos [ele] é a maior atração de Natal”.<sup>335</sup> Isso significa que, aos poucos, a repercussão intelectual de Cascudo o transformou em referência maior da cidade e, logo, sua residência ganhou o *status* de parada obrigatória dos que visitavam a cidade.<sup>336</sup> Por solicitação do escritor, alguns visitantes costumavam deixar autógrafos nas paredes internas da biblioteca de Cascudo, materializando

---

Superior Câmara Cascudo, Fundação José Augusto e Comissão Permanente da Medalha “Mérito Câmara Cascudo”.

<sup>332</sup> Nesse sentido, o biógrafo cascudiano Gildson de Oliveira o adjetivou de “*Internet* de uma geração”. Cf. OLIVEIRA, Gildson. *Câmara Cascudo, um homem chamado Brasil*. p. 107.

<sup>333</sup> DANTAS, Paulo. Presença e abundância de Luís da Câmara Cascudo. *Leitura*, Rio de Janeiro, v.18, n. 34, p. 15, abr. 1960.

<sup>334</sup> Ver, por exemplo, NA CASA do mestre. *A República*, Natal, 26 set. 1975.

FIGUEIREDO visita mestre Luís da Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 07 out. 1982.

<sup>335</sup> VIEIRA, Primo. Câmara Cascudo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 71-72, p. 65-67, 1980. p. 65.

<sup>336</sup> MALTA, Paulo. Visita a Cascudo. *A República*, Natal, 04 jan. 1974.

suas passagens pela casa. Nomes como Gilberto Freyre, Heitor Villalobos, Juscelino Kubitschek e Sylvio Piza Pedroza estão entre as muitas personalidades que lá deixaram suas assinaturas.

Todavia, com a morte de Luís da Câmara Cascudo, em 30 de julho de 1986, o sobradinho da Junqueira Aires deixou de ser o local da escrita de uma obra provinciana, da realização de homenagens intelectuais e de visitas ao “monumento vivo” da cidade.<sup>337</sup> Naquele instante, esse imóvel passou a exercer a função de um lugar de memória cascudiano propriamente dito, estimulando a lembrança de suas vivências naquele ambiente íntimo e evocando a recordação de sua monumentalizada consagração intelectual. Como poetizou o jornalista Vicente Serejo, iniciava naquele final de julho *um olhar sobre a ausência*, “mas de uma ausência que espanta, porque tudo tem a sua presença: cada móvel, cada quadro, cada livro, cada boneco de barro, tudo muito impregnado”.<sup>338</sup>

Diante de sua transformação em lugar de memória, o sobradinho foi tombado como patrimônio histórico e artístico estadual. As discussões em torno do tombamento do sobrado foram iniciadas imediatamente após o falecimento de Cascudo. Com esse fim, em 03 de agosto de 1986, o jornal *O Poti* noticiou uma articulação entre a Fundação José Augusto, órgão responsável pelas políticas culturais desenvolvidas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através de sua representação na cidade. De acordo com essa

---

<sup>337</sup> Cf. LYRA, Carlos. In: *DEPOIMENTO: Cascudo*. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.

<sup>338</sup> SEREJO, Vicente. Câmara Cascudo, um olhar sobre a ausência... *A República*, Natal, 03 ago. 1986.

notícia, tudo seria feito “visando preservar a memória e os testemunhos de Câmara Cascudo, no caso específico, o casarão”.<sup>339</sup>

A ideia do tombamento previa a conservação da casa e a sua transformação em monumento turístico da cidade: “a casa de Cascudo e o Forte dos Reis Magos serão os dois monumentos mais visitados em Natal nos próximos anos” – muito embora o sobrado já fosse, havia algum tempo, ponto de visitação local.<sup>340</sup> No entanto, a matéria do jornal *O Poti* advertiu que o processo de conversão do sobradinho em patrimônio seria vagaroso, uma vez que demandava o levantamento dos valores históricos, arquitetônicos, artísticos e culturais da área, além de lidar com questões políticas, financeiras e familiares. Somente em 1990 foi publicada a portaria que tombou a residência de Cascudo como patrimônio histórico e artístico estadual.<sup>341</sup>

Por sua vez, durante as comemorações do centenário de nascimento do escritor, em 30 de dezembro de 1998, o trecho da Avenida Junqueira Aires onde está situado o sobradinho, entre as ruas Coronel Bezerra e Juvino Barreto, foi nomeado de *Avenida Câmara Cascudo*.<sup>342</sup> Essa nova avenida

---

<sup>339</sup> CASA tombada para que nunca mais desapareça. *O Poti*, Natal, 03 ago. 1986.

<sup>340</sup> *Idem*.

<sup>341</sup> Na ocasião do tombamento, a Prefeitura Municipal do Natal estava sendo administrada por Wilma Maria de Faria, que permaneceu à frente da Prefeitura entre os anos de 1989 e 1992. Em seu segundo mandato, entre 1997 e 2001, Wilma de Farias sancionou o projeto de lei que alterou o nome da Avenida Junqueira Aires para Avenida Câmara Cascudo. Disponível em: <<http://www.natal.rn.gov.br/gapre/paginas/ctd-395.html>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

A título informativo, essas decisões ocorreram quando o Estado do Rio Grande do Norte estava sendo governado por Geraldo José da Câmara Ferreira de Melo, cujo mandato foi de 15 de março de 1987 a 15 de março de 1991; e Garibaldi Alves Filho, cujo primeiro mandato foi de 01 de janeiro de 1995 a 01 de janeiro de 1999.

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*.

Ver, também, CASA de Câmara Cascudo. *Diário de Natal*, Natal, 11 mar. 1998.

<sup>342</sup> De acordo com uma matéria do jornal *Diário de Natal*, a ideia de transformar a Avenida Junqueira Aires em Avenida Câmara Cascudo era um antigo projeto do escritor Veríssimo

também abriga alguns imóveis antigos do chamado circuito histórico da cidade do Natal: o relógio do SESC, a Capitania das Artes, os solares João Galvão e Bela Vista e a sede do extinto jornal *A República*, no qual Cascudo trabalhou e que atualmente funciona como Departamento Estadual de Imprensa. Já a continuação da antiga Avenida Junqueira Aires, no trecho entre a Praça das Mães e a Avenida Ulisses Caldas, foi reclassificada para Largo Junqueira Aires.

Nesse sentido, a Avenida Câmara Cascudo liga os dois extremos do circuito histórico da cidade do Natal: a Cidade Alta e a Ribeira. Além disso, estando situado na ladeira que interliga esses dois bairros, o sobradinho tem sido apontado como o “ponto de confluência de duas cidades”: a Natal dos ricos e a dos pobres.<sup>343</sup> A localização espacial da antiga morada cascudiana, pois, o caracterizaria como o natalense por excelência, ou seja, aquele que teria sido capaz de unificar xarias e canguleiros: o estudioso do folclore brasileiro representaria o elemento de mediação entre as manifestações culturais populares e o saber erudito. Ele teria sido o estudioso do cotidiano do povo que passava em frente a sua casa, transformando a observação do seu dia-a-dia em conhecimento.<sup>344</sup> Por esse motivo, supostamente, ele só poderia ter escolhido como local de residência o meio da ladeira Junqueira Aires, na medida em que a posição da casa lhe facilitava o acesso a suas fontes de pesquisa e o desenvolvimento de seus estudos acerca dos tipos populares.<sup>345</sup>

---

de Melo. Mas a implementação da proposta foi iniciativa do folclorista Deífilo Gurgel, através da prefeita de Natal na época: Wilma de Faria.

Cf. CASCUDO é nome da rua onde morou. *Diário de Natal*, Natal, 05 jan. 1999.

<sup>343</sup> Cf. COUTINHO, Odilon Ribeiro. In: *CÂMARA Cascudo: o provinciano incurável*. Produção: Samantha Ribeiro. São Paulo: TV Cultura, 1999.

<sup>344</sup> Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. São Saturnino, mãe de Deus... *A República*, Natal, 31 jan. 1943.

<sup>345</sup> Cf. FURTADO, Cristiane Silva. *A cidade e o letrado, a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal*. Rio de Janeiro, 2004. 56p. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica



**Imagem 15** Vista atual da *Avenida Câmara Cascudo*, em Natal. Da esquerda para a direita estão localizadas as seguintes construções: A República, AFURN, Casa de Câmara Cascudo, terreno vazio de propriedade da família Cascudo, Solar Bela Vista e Solar João Galvão.

**Foto:** acervo pessoal.

Entre 2005 e 2009, a casa de Câmara Cascudo passou por uma grande restauração, custeada pelos descendentes do escritor. O imóvel foi transformado em um museu biográfico, sob a chancela do *Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo*, mantendo as características da moradia cascudiana e informando sobre a vida e a obra de um *escritor de província*.<sup>346</sup> Essa reforma revitalizou o sobradinho junto a outras

FAPERJ.

Disponível

em:

<[http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/icascudoroteiro.s.htm](http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/icascudoroteiro.s.htm)>. Acesso em: 08 ago. 2008. p. 9-10.

<sup>346</sup> O *Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo* foi criado em 2007 e inaugurado em 2009. O seu objetivo é poder angariar recursos para a conservação e divulgação do acervo do

edificações de belo valor artístico e de conservação adequada, realçando as características arquitetônicas do prédio. Por outro lado, ela também inseriu mais um elemento constituinte de uma *Natal cascadiana*, ao fixar no frontão da casa o letreiro *Casa Câmara Cascudo*.<sup>347</sup> Independente de uma opinião estética e considerando que os imóveis vizinhos também possuem esse elemento informativo, destaco a função que a fachada do sobrado agora exerce: noticiar aos transeuntes de uma rua de grande fluxo que naquela casa morou um monumento intelectual natalense.

Perante essas significações, sejam em torno da casa ou da rua, o principal referente foi e continua sendo o escritor Luís da Câmara Cascudo. Isso quer dizer que a *Casa Câmara Cascudo* e a *Avenida Câmara Cascudo*, como lugares voltados à memória de seu patrono, estão ligadas à projeção cascadiana no meio letrado brasileiro e a sua monumentalização intelectual em Natal. Acompanhar os sentidos atribuídos à residência de Cascudo, ao longo de sua vida e posteriormente a sua morte, permitiu-nos compreender como esse escritor foi sendo consagrado por segmentos diversos da sociedade natalense e como essa consagração foi sendo homogeneizada em um discurso que se pretendia de toda a cidade do Natal.

Através das iniciativas dos intelectuais e das instituições políticas locais, a cidade do Natal se transformou em elemento motivador para as homenagens voltadas ao escritor que, dizendo-se provinciano devotado, produziu uma obra de projeção internacional: o historiador e folclorista Luís

---

escritor que lhe dá nome. Segundo Daliana Cascudo, neta do escritor, “era preciso ter um braço jurídico para gerir o acervo e buscar patrocínio para mantermos viva a memória de Câmara Cascudo”. Desde então, o *Instituto Câmara Cascudo* está aberto para visitas a casa e para pesquisas no acervo pessoal de seu patrono.

Cf. NETA de Cascudo justifica obra em solar que abriga museu. Recorte de jornal, sem local e data. Acervo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>347</sup> Cumpre anotar a ausência de uma preposição no letreiro *Casa [de] Câmara Cascudo*, de modo que não é a casa do escritor, mas o próprio escritor materializado no imóvel, isto é, Câmara Cascudo espacializado.

da Câmara Cascudo. Daí o surgimento da *Natal cascudiana* sob a forma de uma toponímia urbana, cujo maior sentido é a transformação do autor em monumento cultural e, nesse caso, material da cidade. Portanto, em termos de conteúdo simbólico e rememorativo, a emergência histórica dessa onomástica representou o auge da consagração intelectual de Cascudo em sua terra natal.

### 3.2 *Câmara Cascudo, cada dia mais vivo*

Em 30 de julho de 2008, junto às comemorações dos 22 anos de *encantamento* de Luís da Câmara Cascudo, o Memorial batizado com o nome do escritor em Natal inaugurou uma exposição abordando a presença de seu patrono na toponímia da cidade.<sup>348</sup> A intenção dos organizadores da mostra *Câmara Cascudo, cada dia mais vivo* era evidenciar como o escritor continuava presente na memória de seus conterrâneos, mesmo após a distância temporal que separava a data de seu falecimento da contemporaneidade. Assim sendo, foram expostas algumas imagens acerca de lugares citadinos que levam o nome de Cascudo para mostrar como ele estava *cada dia mais vivo* em sua cidade. Essa mostra fotográfica é um excelente mote para investigarmos como a monumentalização intelectual desse historiador e folclorista, ainda hoje, constitui a paisagem cultural natalense.

---

<sup>348</sup> *Encantamento*, nesse caso, é sinônimo de falecimento. Trata-se de um eufemismo utilizado pelos intelectuais da cidade do Natal para se referir à morte de Câmara Cascudo, uma vez que o próprio escritor não gostava da ideia de fenececer. Por exemplo, em carta a Carlos Ribeiro, Cascudo escreveu sobre o falecimento do amigo Thiers Martins Moreira nos seguintes termos: “sou velho amigo do Thiers Martins Moreira (...). Digo sou e não fui porque unicamente a Vida pode separar-me das relações humanas. A Morte, não”. CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Carlos Ribeiro]. Natal, 18 jun. 1973. Carta. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Tendo em vista que, na época dessa exposição, o Memorial Câmara Cascudo era a principal entidade devotada à memória do escritor e a maior responsável por fazer perdurarem os significados desses lugares cascudianos espalhados pela cidade, ele será o ponto de partida para acompanharmos o surgimento e a expansão da *Natal cascudiana*, enquanto uma espacialidade urbana de cunho rememorativo.<sup>349</sup> Nesse sentido, não utilizarei uma sequência cronológica linear para problematizar a criação de algumas instituições e logradouros que se remetem a Cascudo. Do mesmo modo, dada a grande quantidade de lugares citadinos que homenageiam esse autor, operarei por escolhas e não tratarei da totalidade de construções que compõe essa Natal de Cascudo, tomando como proposta norteadora os lugares privilegiados pela exposição *Câmara Cascudo, cada dia mais vivo*.

O Memorial Câmara Cascudo foi inaugurado em 10 de fevereiro de 1987, ou seja, apenas seis meses após a morte de seu patrono.<sup>350</sup> Essa rapidez na implantação de um lugar para a memória cascudiana, certamente está ligada à monumentalização de Câmara Cascudo na cidade do Natal. Sua criação dispôs de recursos financeiros oriundos do governo do Estado do Rio Grande do Norte, representado pela Fundação José Augusto. Por meio de um regime de comodato assinado entre a família Cascudo e o poder público local, o acervo intelectual reunido pelo escritor foi cedido por empréstimo ao Estado, que se comprometeu a financiar sua conservação, além de destinar uma sede apropriada e verbas à instituição para o

---

<sup>349</sup> Evidentemente, após a criação do Instituto Câmara Cascudo e a transferência do acervo pessoal de Cascudo para o *Ludovicus*, o Memorial perdeu o lugar de principal instituição devotada à memória cascudiana.

<sup>350</sup> Nessa ocasião, a Prefeitura Municipal do Natal era administrada por Garibaldi Alves Filho, cujo mandato durou de 1986 a 1988.

Disponível em: <<http://www.natal.rn.gov.br/gapre/paginas/ctd-395.html>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

Por sua vez, o governo do Estado era administrado por Radir Pereira de Araújo, cujo mandato foi de 15 de maio de 1986 a 15 de março de 1987.

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*.

desenvolvimento de atividades culturais pelo tempo em que isto fosse conveniente às partes.<sup>351</sup> Em contrapartida, a família permitiria a consulta a essa documentação.

Assim, o Memorial foi instalado nas dependências de um grande prédio situado no centro histórico de Natal – o edifício do antigo Real Erário –, após o imóvel do século XVIII ter passado por uma adaptação para atender às necessidades diretamente ligadas aos objetivos que deveria cumprir.<sup>352</sup> De acordo com o portavoz da Imprensa Oficial do Estado, o jornal *A República*, o objetivo precípua do Memorial estava assim definido:

O histórico prédio deverá (e tem que ser) tornado a Casa da Cultura do Mestre Luís da Câmara Cascudo. Ali deverá se constituir, para os presentes e para a posteridade, o melhor labirinto de pesquisas sobre a vida e a obra de Cascudinho. Louvo e aplaudo o correto posicionamento do jornalista Paulo Macedo [como presidente da Fundação José Augusto], que teve a coragem e a ousadia de mandar, publicamente, licitamente, construir a Memória Cascudiana. Vamos em frente. A história é nossa.<sup>353</sup>

Reivindicando a finalidade de auxiliar a pesquisa, em pouco tempo, todo o vasto acervo reunido pelo escritor foi catalogado e, seguindo uma lógica própria de intenção de memória, foi parcialmente disponibilizado à consulta. Esse acervo compreende a biblioteca pessoal do escritor, com estimativas entre 10.000 e 15.000 volumes; parte de sua vasta bibliografia, incluindo livros, plaquetes e artigos em jornais e revistas de todos os cantos do Brasil e do exterior; um segmento de

<sup>351</sup> Cf. POVO já pode reverenciar a mestre Cascudo no memorial. *A República*, Natal, 13 fev. 1987.

<sup>352</sup> Desde sua construção, no século XVIII, esse imóvel abrigou várias instituições e passou por inúmeras modificações estruturais. Atualmente, possui um estilo neoclássico. Em 24 de agosto de 1989, ou seja, após a inauguração do Memorial Câmara Cascudo, o prédio foi tombado como patrimônio histórico e artístico estadual.

Cf. MEMORIAL Câmara Cascudo. *Folder de divulgação*. Natal: [s.e.], [s.d.]. Acervo pessoal.

<sup>353</sup> CASA de Cultura Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 01 jan. 1987.

iconografia, contendo fotografias pessoais, imagens de todo o Rio Grande do Norte e uma pequena mapoteca; um conjunto de documentos manuscritos, composto aproximadamente por 15.000 cartas passivas, blocos de anotações e folhas de estudos; e, por fim, inúmeras biografias e artigos que tematizam Câmara Cascudo.<sup>354</sup>



**Imagem 16** Vista atual do *Memorial Câmara Cascudo*. Endereço: praça André de Albuquerque, número 30. Cidade Alta. Natal, Rio Grande do Norte.

**Foto:** acervo pessoal.

Já no primeiro dia do ano de 1987, o jornal *A República*, noticiou as providências da Fundação José Augusto “para edificar, com toda pompa merecida, o monumento ao saudoso Mestre Luís da Câmara Cascudo”.<sup>355</sup>

<sup>354</sup> Essa relação foi elaborada a partir dos catálogos produzidos pela equipe técnica que trabalhava no Memorial Câmara Cascudo. Atualmente, essa documentação não está mais abrigada no Memorial Câmara Cascudo, tendo sido transferida para a sede do Instituto Câmara Cascudo – onde passa por um processo de digitalização.

<sup>355</sup> CASA da cultura Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 01 jan. 1987.

Ainda sob as impressões da primeira vez que a data de nascimento de Cascudo transcorreu sem sua presença, a imprensa local divulgou os esforços do presidente da Fundação José Augusto, o também jornalista Paulo Macedo, para erigir um monumento à memória cascudiana. Por meio dessa homenagem, as pessoas teriam a “chance de melhor se identificarem com Luís da Câmara Cascudo, sabedoria ímpar de nossa inteligência, que entrou para imortalidade”.<sup>356</sup>

Esse monumento, da autoria de Sami Elali e obra do artista plástico Dorian Gray, é hoje bastante conhecido em Natal.<sup>357</sup> Trata-se da estátua feita em bronze e, supostamente, em tamanho natural de Cascudo. Nele, o folclorista aparece sendo erguido por uma mão aberta.

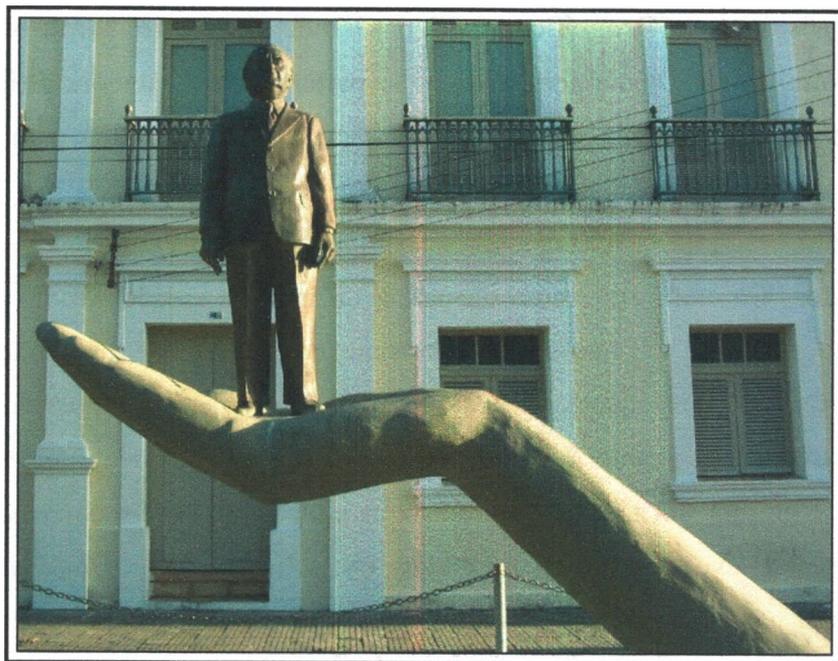
---

<sup>356</sup> *Idem.*

<sup>357</sup> Segundo Veríssimo de Melo, houve um concurso para a escolha do monumento a Câmara Cascudo, no qual Sami Elali se sagrou campeão. Ainda de acordo com Veríssimo de Melo, a comissão que julgou os projetos de homenagens a Cascudo era composta por: Paulo Macedo, em nome da Fundação José Augusto; Jurandy Navarro, representando a Academia Norte-rio-grandense de Letras; Haroldo Maia e Ruth Ataíde, ambos pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, seção do Rio Grande do Norte; e o próprio Veríssimo de Melo, na qualidade de presidente do Conselho Estadual de Cultura.

Cf. CASCUDO na palma da mão da cidade. *A República*, Natal, 28 jan. 1987.

FJA inaugura hoje à noite memorial a Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 10 fev. 1987.



**Imagem 17** Monumento a Câmara Cascudo. Localizado à frente do Memorial do escritor, no centro da cidade do Natal. Projeto de Sami Elali e obra do artista plástico Dorian Gray.

**Foto:** acervo pessoal.

Uma leitura simbólica pode ser realizada a partir da localização desse monumento na cidade, na medida em que a matéria d'*A República* adjetivou o local onde ele está chantado como sendo "justo e perfeito" para abrigar uma estátua do historiador da cidade do Natal: a praça André de Albuquerque.<sup>358</sup> Casual ou propositadamente, o monumento a Câmara Cascudo está posicionado de frente para o núcleo inicial da cidade do Natal, ou seja, voltado para o marco zero da cidade; para o primeiro templo religioso de Natal, a Antiga Catedral de Nossa Senhora da Apresentação; para as poucas construções antigas restantes do casario natalense; e para o

<sup>358</sup> CASA da cultura Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 01 jan. 1987.

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, local onde Cascudo atuou como historiador e de onde partem outras memorialísticas cascudianas. Assim, a imagem do escritor parece estar de frente para os resquícios de passado sobre os quais ele versou em seus livros.

Outra significação, bem mais complexa, foi atribuída a esse monumento: “Cascudo está agora na palma da mão da cidade. Assim ele passará a posteridade”.<sup>359</sup> Foi nesses termos que a cerimônia de inauguração do Memorial teve destaque no jornal *A República*. Apesar de possuírem pequenas diferenças quanto à forma, todas as notícias publicadas por esse periódico seguiram um texto de conteúdo padrão, uma espécie de *release* divulgador do evento. Por isso, todos os colunistas d’*A República* descreveram a solenidade como um “momento em que a comunidade se reúne para reverenciar a memória do escritor. (...) daquele que é considerado a maior glória intelectual do Rio Grande do Norte e uma das figuras universais mais expressivas do mundo das letras”.<sup>360</sup>

Ao se referir à comunidade local, pretensamente, esses jornalistas estavam tratando do *povo natalense* que, em um gesto simbólico de carinho, alçava Câmara Cascudo na palma de sua mão “para ser eternamente admirado”.<sup>361</sup> Para os idealizadores do monumento e para os jornalistas natalenses, a mão espalmada representava o *povo* da cidade do Natal erguendo seu maior símbolo cultural: o folclorista Luís da Câmara Cascudo. Dessa forma, a criação do Memorial Câmara Cascudo seria um “poema de amor da cidade”, uma demonstração de afeição e de respeito por aquele que

---

<sup>359</sup> CASCUDO na palma da mão da cidade. *A República*, Natal, 28 jan. 1987.

<sup>360</sup> FJA inaugura hoje à noite memorial a Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 10 fev. 1987.

<sup>361</sup> SILVEIRA, Toinho. Hoje: inauguração do “Memorial Câmara Cascudo”. *A República*, Natal, 10 fev. 1987.

mais teria se dedicado à história e à cultura locais.<sup>362</sup> Indubitavelmente, esse uso da categoria *povo* fazia alusão aos estudos sobre o folclore brasileiro realizados pelo homenageado, mas também atribuía um sentido identitário à construção do Memorial e do monumento à frente dessa entidade cultural: seria a mão do povo que, saindo do solo local, erguia seu *autor-monumento*.<sup>363</sup>

Isso denota como o discurso de alguns segmentos sociais – jornalistas, intelectuais e políticos – foi homogeneizado para toda a cidade do Natal. As significações e os objetivos precípuos do Memorial Câmara Cascudo e do monumento a esse escritor foram generalizados, adquirindo um caráter identitário autoevidente. Mais uma vez, seria a cidade do Natal a homenagear seu filho ilustre, ao invés de ser um segmento privilegiado da sociedade que produz um discurso totalizante para homenagear e dar sentido à memória cascudiana em Natal.

De 1987 a 2009, as atividades do Memorial mantiveram a *Natal cascudiana* em pleno funcionamento e expansão, zelando e repondo o discurso espacializador e, por conseguinte, monumentalizador sobre seu homenageado – tarefa cumprida atualmente pelo Instituto Câmara Cascudo, enquanto principal lugar de memória cascudiano em Natal.<sup>364</sup> Por exemplo, a exposição *Câmara Cascudo, cada dia mais vivo* foi uma das iniciativas realizadas pelo Memorial, com esse fim específico de reiterar os significado da *Natal cascudiana*. Outrossim, para concluir, vejamos a criação de alguns lugares de memória, anteriores ao Memorial Câmara Cascudo, mas para os

---

<sup>362</sup> CASCUDO, Daliana *apud* MARIA, Anna. Memorial Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 13 fev. 1987.

<sup>363</sup> Cf. DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. 481p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

<sup>364</sup> Cf. FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

quais essa instituição se constituiu naquilo que a historiadora Angela de Castro Gomes nomeou de uma “guardiã da memória”, ou seja, lugares cuja manutenção dos sentidos rememorativos dependeram da vigilância do Memorial: a rua Câmara Cascudo, a Biblioteca Câmara Cascudo e o Museu Câmara Cascudo.<sup>365</sup>

Então, como as personagens que localizou nos arquivos, Cascudo se percebeu nomeando uma rua da cidade do Natal. No final do ano de 1955, uma comissão formada por amigos do escritor apresentou um projeto à Câmara Municipal para alterar o nome da rua onde ele havia nascido, a Rua José Bonifácio, também conhecida como Rua das Virgens, no bairro da Ribeira. Rapidamente, o projeto cumpriu os trâmites legais: em 29 de dezembro de 1955, o projeto foi apresentado à Câmara Municipal do Natal; no dia seguinte, 30 de dezembro de 1955, data do natalício de Cascudo, foi aprovada a redação final do texto; no último dia daquele ano, 31 de dezembro, o prefeito Wilson de Oliveira Miranda sancionou o projeto de lei; e, no primeiro dia do novo ano, em 1 de janeiro de 1956, foi descerrada a placa que atribuiu uma nova nomenclatura à antiga Rua das Virgens, que passou a ser oficialmente nomeada de Rua Câmara Cascudo.<sup>366</sup>

---

<sup>365</sup> A ideia de *guardiã da memória* pressupõe a ação de um indivíduo ou de uma instituição na vigilância e na manutenção dos sentidos rememorativos esperados. Cf. GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

<sup>366</sup> Cf. A COMISSÃO de homenagem ao escritor Luiz da Câmara Cascudo. Natal: [s.e.], 1956. *Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro.

Wilson de Oliveira Miranda esteve à frente da Prefeitura Municipal do Natal entre 1954 e 1956.

Disponível em: <<http://www.natal.rn.gov.br/gapre/paginas/ctd-395.html>>. Acesso em: 30 jun. 2008.



**Imagem 18** Vista atual da *Rua Câmara Cascudo*, em Natal. À esquerda, em primeiro plano, está a casa onde o escritor nasceu que, após várias modificações, pertence à loja comercial Galvão Mesquita Ferragens Ltda.

**Foto:** acervo pessoal.

Ainda em 1929, Câmara Cascudo já se pensava incorporado à toponímia da cidade do Natal, levando-o a declarar: “em nome do meu futuro nome numa rua de Natal vamos plagiar o milagre de Santa Izabel – transformar em flores a terra feia que inda resta em Natal que Você [prefeito Omar O’Grady] está tornando bonita”.<sup>367</sup> Apesar desse narcisismo jovial, fica notória uma consciência cascudiana da relação entre o lugar social do indivíduo e sua incorporação à toponímia urbana. Ao longo de sua atividade historiográfica, Cascudo esteve bastante preocupado com a nomenclatura cidadina, uma vez que ele a considerava uma fonte em

<sup>367</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. A taça florida. *A República*, Natal, 07 fev. 1929.

potencial para falar do passado natalense.<sup>368</sup> Para ele, escrever sobre os personagens que nomeavam as ruas de Natal era uma das formas de resgatar essas figuras do esquecimento e tornar conhecidos os homens de outrora: “estátua, festa, nome de rua, placa de bronze, dinheiro, batismo de arranha-céu, discurso, banquete, baile, tudo passa ou tudo fica contando a história daquele que trabalhou, amou, sofreu”.<sup>369</sup>

Entretanto, Cascudo criticava o fato de uma homenagem desse porte ficar restrita a aposição de uma placa, sem ligações com a biografia do sujeito em questão e desvinculada das contribuições do homenageado para a História – com letra inicial maiúscula. Com esse ponto de vista, ele propunha o estudo da toponomástica como forma de conhecimento histórico e de educação cívica, especialmente para as crianças, que não deveriam permanecer na ignorância do passado de sua cidade:

Parece que devia existir um histórico de nossa toponomástica. Um simples caderno sem pretensão, dizendo a vida dos homens que estavam com os nomes nas ruas.

E esse caderninho podia servir de assunto para uma conversa mensal nas escolas, numa espécie de saudação à cidade.<sup>370</sup>

Essa compreensão acerca da nomenclatura das ruas da cidade do Natal, em grande medida, dialogou com a homenagem dos amigos do escritor, em 1955. Batizar a rua onde Cascudo nasceu com o nome dele era também uma possibilidade de transformar ele próprio em toponímia, assim como as personagens da Natal de antanho que o historiador da cidade havia

<sup>368</sup> Ver, por exemplo, *Id.*, Toponímia de Natal. *A República*, Natal, 22 set. 1929.

*Id.*, Toponímia de Natal II. *A República*, Natal, 29 set. 1929.

*Id.*, Nome de rua. *A República*, Natal, 09 jul. 1943.

*Id.*, Nomes novos para terras velhas. *A República*, Natal, 09 nov. 1943.

*Id.*, Nomes de ruas... *A República*, Natal, 23 dez. 1943.

<sup>369</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. O milagre da montanha. *Diário de Natal*, Natal, 09 jan. 1948.

<sup>370</sup> *Id.*, Nome de rua. *A República*, Natal, 09 jul. 1943.

evocado. Cabe lembrar que a placa da rua foi descerrada justamente por Sylvio Piza Pedroza, já na condição de governador do Rio Grande do Norte, “com palavras de exaltação ao estudioso provinciano que se tornara de renome internacional”.<sup>371</sup> O que faz desse episódio mais uma demonstração da importância do ex-prefeito Sylvio Piza Pedroza na monumentalização de seu amigo Luís da Câmara Cascudo. Desta feita, já tomando a ideia do provinciano como condição de merecimento para a homenagem prestada e fazendo menção ao cargo de historiador da cidade do Natal:



**Imagem 19** Placa afixada pelos amigos de Cascudo, na casa onde o escritor nasceu, por ocasião da cerimônia que alterou o nome da Rua José Bonifácio para Rua Câmara Cascudo, em 1955.

**Foto:** acervo pessoal.

<sup>371</sup> Cf. *A COMISSÃO de homenagem ao escritor Luiz da Câmara Cascudo*. Natal: [s.e.], 1956. Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

Sylvio Piza Pedroza foi governador do Estado do Rio Grande do Norte entre 16 de julho de 1951 e 31 de janeiro de 1956.

Cf. PEDROZA, Sylvio Piza. *Dados biográficos*. [s.l.], [s.d.]. 11p. Mimeografado. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

No ano seguinte a essa homenagem, em 1956, o prefeito Djalma Maranhão encomendou a Câmara Cascudo um estudo acerca dos topônimos da cidade do Natal para servir de base à revisão da nomenclatura das ruas, avenidas, travessas, praças e bairros que a Prefeitura Municipal planejava realizar.<sup>372</sup> Como historiador da cidade, Cascudo deveria fornecer explicações sintéticas e expressivas sobre aqueles que emprestavam seus nomes para a nomenclatura cidadina. Com efeito, o jornal *A República* noticiou o início das pesquisas e o interesse imediato do prefeito em publicar, junto às comemorações do aniversário da cidade, o novo livro cascudiano:

É realmente uma obra de utilidade indiscutível para quantos se interessarem pelo conhecimento da toponímia urbana. Natal, com centenas de ruas, é relativamente, ignorada, quanto às notícias dos patronos, denominadores dos seus logradouros. Apenas uma porcentagem diminuta é sabida; a maioria escapa as referências locais.

(...).

O Prefeito Djalma Maranhão providenciará a rápida impressão deste volume a fim de promover sua circulação no próximo dia da cidade, 25 de dezembro, 357º aniversário de sua fundação.<sup>373</sup>

Apesar desse livro não ter sido publicado, o historiador da cidade do Natal divulgou alguns resultados de sua pesquisa nas páginas do jornal *A República*.<sup>374</sup> Nessas colunas, ele informou equívocos na grafia de alguns

---

<sup>372</sup> Djalma Maranhão foi prefeito da cidade do Natal durante dois mandatos: o primeiro entre os anos de 1956 e 1959 e o segundo entre os anos de 1960 e 1964.

Disponível em: <<http://www.natal.rn.gov.br/gapre/paginas/ctd-395.html>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

<sup>373</sup> ONOMÁSTICA da cidade do Natal. *A República*, Natal, 25 jul. 1956.

<sup>374</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Costa Brasil, rua de nome errado. *A República*, Natal, 07 ago. 1956.

*Id.*, Rua do Sebo, rua do fogo, beco da Lama. *A República*, Natal, 14 ago. 1956.

*Id.*, Paula Barros e sua rua. *A República*, Natal, 01 set. 1956.

nomes de ruas; esclareceu o significado de algumas nomenclaturas incomuns; e se manteve biografando alguns sujeitos que a ação do tempo havia transformado em meros nominativos postais: “o Tempo foi passando, passando com seus pés de lã e mãos de cinza, apagando vestígios, raros lembram o Dr. Brito. Quem o conheceu já lhe foi fazer companhia no cemitério do Alecrim”.<sup>375</sup>

Nisso difere a Rua Câmara Cascudo de outras ruas da cidade. Dentre outros motivos, o trabalho de evocar as velhas figuras do passado local tornou o próprio Cascudo um escritor renomado, de modo que a contemporaneidade ainda lhe atribui méritos e reconhecimento.<sup>376</sup> Além disso, iniciativas como a exposição do Memorial Câmara Cascudo repõe o significado biográfico e simbólico de espaços como esse, onde a memória cascudiana é espacializada e monumentalizada na cidade do Natal.

Mas Câmara Cascudo não é apenas uma instituição cultural da cidade, ele também criou instituições culturais em Natal. Particularmente, ele fez parte do grupo que criou o Instituto de Antropologia, em 1960, vinculado a recém-inaugurada Universidade do Rio Grande do Norte.<sup>377</sup> Ainda em 1959, quando das discussões em torno da criação dessa entidade, Cascudo publicou um artigo no jornal *A República* no qual discorreu sobre os motivos e a importância de se criar um Instituto de Antropologia em Natal. De acordo com o seu ponto de vista, o Instituto não viria apenas para integrar e completar a Universidade, mas para consagrar e prolongar um

<sup>375</sup> *Id.*, Travessa do Dr. Brito. *A República*, Natal, 27 set. 1956.

<sup>376</sup> *Id.*, Memória e mistério. *A República*, Natal, 18 fev. 1960.

<sup>377</sup> Além de Luís da Câmara Cascudo, estiveram ativamente envolvidos na criação do Instituto de Antropologia os professores José Nunes Cabral de Carvalho e Veríssimo de Melo, Dom Nivaldo Monte e Onofre Lopes da Silva, este último como reitor da Universidade do Rio Grande do Norte (URN). Onofre Lopes foi o primeiro reitor da URN, ficando no cargo entre os anos de 1959 e 1971.

Disponível em: <<http://www.mcc.ufrn.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

Disponível em: <<http://www.50anos.ufrn.br/rectors/index/page:1>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

patrimônio científico que ganhava forma no estado, valorizando as pesquisas sobre o “Homem Norte-rio-grandense no Tempo e no Espaço”.<sup>378</sup>

Visando ser um primeiro órgão da Universidade do Rio Grande do Norte voltado para a pesquisa, sobretudo acerca do homem norte-rio-grandense em seus aspectos físicos e culturais, o Instituto de Antropologia foi criado pelo governador Dinarte Mariz, em lei sancionada no dia 22 de novembro de 1960.<sup>379</sup> Sua instalação, no entanto, só veio ocorrer em 19 de dezembro de 1961 e suas atividades foram iniciadas efetivamente apenas em 1962. Naquele momento, baseado no prestígio de seus estudos folclóricos e etnográficos, Câmara Cascudo foi nomeado o diretor desse Instituto em seu primeiro ano de funcionamento.<sup>380</sup> Segundo a historiadora Aline Gurgel, que pesquisou a criação e os primeiros anos do Instituto de Antropologia, a presença de Cascudo foi primordial para a aquisição de verbas, para a montagem de um acervo museológico e para a articulação do Instituto com entidades congêneres no país e no exterior:

Estudioso do folclore brasileiro e da cultura popular em geral, com vários livros publicados, professor de cadeiras na área da antropologia nas faculdades da URN [Universidade do Rio Grande do Norte], Cascudo proporcionou ao Instituto de Antropologia contatos indispensáveis, na época, com instituições de caráter semelhante ao I.A., o que proporcionou um suporte acadêmico aos estudos antropológicos, mediante um acervo bibliográfico e de

---

<sup>378</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Instituto de Antropologia em Natal. *A República*, Natal, 25 set. 1959.

<sup>379</sup> Cf. RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº 2694, de 22 de novembro de 1960. Cria, na Universidade do Rio Grande do Norte, INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA e dá outras providências. Natal, 1960. *Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Norte*. Disponível em: <<http://www.mcc.ufrn.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

Entre 31 de janeiro de 1956 e 31 de janeiro de 1961, a título de informação, Dinarte de Medeiros Mariz governava o Estado do Rio Grande do Norte.

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*.

<sup>380</sup> Cf. HISTÓRICO. Disponível em: <<http://www.mcc.ufrn.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

periódicos de muitas instituições nacionais e estrangeiras trazidos pelo próprio Cascudo, fruto de suas viagens etnográficas.<sup>381</sup>

A atuação de Câmara Cascudo na montagem de uma instituição cultural voltada para o estudo do homem norte-rio-grandense, notadamente em seus aspectos culturais, esteve ligada ao prestígio cascudiano enquanto etnógrafo. Possuir o escritor em seus quadros profissionais era importante para o Instituto de Antropologia, na medida em que Cascudo mantinha contatos com pesquisadores dessa área em todo o Brasil e no exterior. Do mesmo modo, a presença desse etnógrafo dava prioridade aos estudos de etnografia junto às atividades desenvolvidas pela instituição. Dessa forma, a constituição dos estudos antropológicos locais, especialmente na Universidade do Rio Grande do Norte, contou com a iniciativa cascudiana de produzir conhecimento nessa área, muito embora sua obra tenha sido mais tarde marginalizada dentro da própria antropologia, em virtude de sua perspectiva folclórica.

Devido à importância de Câmara Cascudo para a formação do Instituto de Antropologia, essa instituição passou a homenagear aquele que a constituiu. Assim, em 1965, uma resolução da já Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) criou o Instituto de Antropologia Câmara Cascudo, incorporando seu fundador à denominação dessa entidade cultural.<sup>382</sup> Posteriormente, em 1973, com a intenção de resguardar o vasto

---

<sup>381</sup> SILVA, Aline Gurgel da. *Instituto de antropologia: história e memória de um itinerário científico-cultural na URN (1960-1965)*. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Não paginado.

<sup>382</sup> Cf. SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. *Diário de Natal*, Natal, 27 jan. 1998. v. 5. p. 88.

Dois anos antes, em 1963, o Instituto de Antropologia já havia criado uma Medalha Cultural Câmara Cascudo. De acordo com Aline Gurgel, a criação desta medalha foi assim explicada: “criada no ano de 1963 e instituída pela Portaria N. 01/77, a *Medalha Cultural CÂMARA CASCUDO* destina-se a premiar cientistas, instituições congêneres ou pessoas que prestarem serviços relevantes ao Instituto, através de curso, conferências, doações ou

acervo museológico referente à cultura, à geologia e à paleontologia locais reunido pelos diretores e pesquisadores do Instituto de Antropologia e tornar essas coleções acessíveis ao público em geral, foi criado o Museu Câmara Cascudo.<sup>383</sup>



**Imagem 20** Vista atual do *Museu Câmara Cascudo*. Endereço: Avenida Hermes da Fonseca, número 1398. Tirol. Natal, Rio Grande do Norte.

**Foto:** acervo pessoal.

outras contribuições julgadas valiosas para o desenvolvimento deste *órgão da Universidade*" (Grifos da autora). Cf. SILVA, Aline Gurgel da. *Instituto de antropologia: história e memória de um itinerário científico-cultural na URN (1960-1965)*. Não paginado.

<sup>383</sup> Cf. RIO GRANDE DO NORTE. Resolução nº 81, de 04 de outubro de 1973. Cria o Museu "Câmara Cascudo". Natal, 1973. Disponível em: <<http://www.mcc.ufrn.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

Entre 1971 e 1973 Genário Alves da Fonseca era o reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Disponível em: <<http://www.50anos.ufrn.br/rectors/index/page:1>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

De acordo com a resolução que criou esse museu, além de se preocupar com a “proteção, utilização e exposição das peças de valor antropológico” do acervo pertencente ao antigo Instituto de Antropologia, era necessário considerar “a importância da contribuição cultural do mestre Luís da Câmara Cascudo, Professor Emérito desta Universidade, através de sua obra, de cientista social e de humanista, de dimensões internacionais”.<sup>384</sup> Nesse sentido, através de sua coleção, o novo Museu Câmara Cascudo deveria apresentar os resultados das pesquisas etnográficas de seu patrono para a comunidade acadêmica e para a população local. Recentemente, em 2008, esse papel foi cumprido pela instituição que, em parceria com o Memorial Câmara Cascudo, realizou exposições sobre “o olhar do etnógrafo”.<sup>385</sup>

Além disso, desde o ano de 2004, funciona nas dependências desse museu o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses. Esse núcleo interdisciplinar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como seu nome sugere, propõe-se a desenvolver estudos acerca do Rio Grande do Norte nas áreas da antropologia, literatura e história, particularmente no que tange à obra cascudiana. Na cerimônia de inauguração do Núcleo Câmara Cascudo o Reitor José Ivonildo do Rêgo pronunciou um discurso que se referiu aos significados expostos e problematizados por este livro, acerca da vida e da obra cascudiana em Natal, mostrando como esses sentidos se mantêm sem maiores reflexões:

---

<sup>384</sup> Cf. RIO GRANDE DO NORTE. Resolução nº 81, de 04 de outubro de 1973. Cria o Museu “Câmara Cascudo”. Natal, 1973. Disponível em: <<http://www.mcc.ufrn.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2008.

<sup>385</sup> *Cascudo: o olhar do etnógrafo* foi o título de uma exposição realizada nas dependências do Museu Câmara Cascudo, em parceria com o Memorial Câmara Cascudo, durante o ano de 2008.

Câmara Cascudo é o melhor exemplo de intelectual que se universalizou a partir do estudo de suas raízes, do seu chão, de suas tradições. Dizia-se um provinciano incurável e no entanto fez das coisas de sua província ponta de lança para alçar-se como um dos maiores pesquisadores da cultura brasileira de todos os tempos. Não haveria, portanto, nome mais justo para batizarmos um núcleo que pretende reunir especialistas visando o aprofundamento de estudos sobre o Rio Grande do Norte, nas áreas de Literatura, de História e de Antropologia, além do estudo sobre o acervo intelectual do próprio Câmara Cascudo, com quem a UFRN contraiu uma dívida que jamais poderá saldar em toda a sua plenitude.<sup>386</sup>

A despeito do pronunciamento acrítico do reitor da UFRN, alguns dos autores com os quais este livro dialoga estão vinculados ao Núcleo Câmara Cascudo, notadamente o historiador Raimundo Arrais e o literato Humberto Hermenegildo. Esses pesquisadores, como consta na discussão bibliográfica inicial, têm produzido estudos acerca do pensamento de Cascudo nas áreas da história e da literatura.<sup>387</sup> As iniciativas críticas de Arrais, de Hermenegildo e de outros pesquisadores do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses representam a inserção da academia nesses lugares de memória cascudiana. Assim, espero que as atividades desse Núcleo universitário forneçam as condições de possibilidade para uma autoavaliação das instituições memorialísticas acerca do modo como retomam a vida e a obra de seu patrono, contribuindo

---

<sup>386</sup> RÊGO, José Ivonildo do. Pronunciamento do Magnífico Reitor da UFRN, na solenidade de instalação do NCCEN, no dia 30 de novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria/wordpress/wp-content/uploads/2009/05/microsoft-word-nccen-instalacao2.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2009.

<sup>387</sup> Cf. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*.

ARRAIS, Raimundo. (Org.). *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*.

para a reflexão do conteúdo dos livros cascudianos e não apenas na reposição dos “marcos biográficos” de um *autor-monumento*.<sup>388</sup>

Afinal, para tantos *lugares de memória* cascudianos espalhados pela cidade do Natal, ainda são diminutas as iniciativas críticas voltadas à análise do teor de seus livros. Sejam lugares que se propõem a esse fim rememorativo ou não, existem na cidade: o prédio do Tribunal de Contas da União, batizado com o nome do escritor; a Livraria Câmara Cascudo e a Faculdade Câmara Cascudo que, enquanto entidades ligadas à produção e ao consumo de saber, constituem uma toponímia com fins comerciais; um loteamento habitacional, na zona norte da cidade; uma agência dos Correios, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal; instituições culturais como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Academia Norte-rio-grandense de Letras, onde placas, livros, fotos e, sobretudo, eventos investem na recordação do intelectual natalense; e, por fim, a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, através da qual concluo este capítulo.

---

<sup>388</sup> Cf. DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*.



**Imagem 21** Vista atual da *Biblioteca Pública Câmara Cascudo*. Endereço: Rua Potengi, número 535. Petrópolis. Natal, Rio Grande do Norte.

**Foto:** acervo pessoal.

O histórico da Biblioteca Pública possui três momentos: 1) a lei de criação da Biblioteca Pública do Estado, em 1963; 2) sua inauguração, ocorrida apenas em 1969; e 3) sua transformação em Biblioteca Pública Câmara Cascudo, em 1973.<sup>389</sup> A ideia de homenagear Cascudo batizando a

<sup>389</sup> Cf. BIBLIOTECA Pública do Estado. In: *FUNDAÇÃO José Augusto: 40 anos – 1963-2003*. Natal: Fundação José Augusto, 2004. p 63-64.

Em 1963, quando foi criada a Biblioteca Pública Estadual, Aluísio Alves governava o Rio Grande do Norte (31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966).

Já em 1969, quando a biblioteca foi inaugurada, o Monsenhor Walfredo Dantas Gurgel era o governador do Estado (31 de janeiro de 1966 a 15 de março de 1971).

E em 1973, durante a mudança do nome da Biblioteca Pública Estadual para biblioteca Pública Câmara Cascudo, José Cortez Pereira de Araújo estava à frente do governo (15 de março de 1971 a 15 de março de 1975).

Biblioteca Pública do Estado com o nome dele foi do então presidente da Fundação José Augusto, Diógenes da Cunha Lima, que mais tarde se tornaria biógrafo do escritor.<sup>390</sup> Além da presença de Diógenes da Cunha Lima, a Biblioteca Pública contou com o trabalho da poetisa e biblioteconomista Zila Mamede que, na qualidade de primeira diretora da instituição, doou sua biblioteca cascudiana particular para a montagem de um acervo inicial.<sup>391</sup> Isso diz muito acerca do caráter personalista, apontado no debate historiográfico introdutório deste trabalho, através do qual Câmara Cascudo era homenageado por seus amigos nas instituições culturais natalenses e sua obra era estudada por seus pares intelectuais de uma forma laudatória.

Destarte, a escolha de uma biblioteca para concluir este estudo está ligada ao entendimento desse espaço como um ambiente onde livros são disponibilizados ao público, como forma de estimular o hábito da leitura. Por esse modo, a Biblioteca Câmara Cascudo poderia ser o lugar ideal para o incentivo à leitura da obra cascudiana e, também, deveria propor eventos voltados para a compreensão das atividades intelectuais de seu patrono. Contudo, essa biblioteca se limita a possuir o nome de Câmara Cascudo em sua fachada; algumas placas e imagens comemorativas; e uma coleção incompleta da bibliografia cascudiana – aliás, em péssimo estado de conservação.<sup>392</sup>

Uma das poucas iniciativas buscando promover o acesso à bibliografia cascudiana naquele espaço foi realizada pelo Memorial Câmara

Cf. MACHADO, João Batista. *Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)*.

<sup>390</sup> LIMA FILHO, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*.

<sup>391</sup> Cf. BIBLIOTECA Pública do Estado. *Op. cit.*

<sup>392</sup> Atualmente, os poderes públicos têm se manifestado no sentido de reformar a biblioteca, restaurar seu acervo, manter sua conservação e incentivar o acesso a seus livros. Vamos esperar para ver!

Cascudo, durante as comemorações dos 20 anos de *encantamento* do escritor, em 2006. Mesmo assim, passados alguns anos, essa iniciativa se transformou apenas em um *poster* afixado na parede da sala de leitura da biblioteca. Então, criticar essa toponímia não se trata de assumir uma postura iconoclasta, como talvez alguns venham pensar. Ao contrário, trata-se de acreditar que a monumentalização do escritor Luís da Câmara Cascudo restringe os estudos acerca de suas contribuições para o pensamento social brasileiro. Portanto, ao invés de ficarmos criando inúmeros lugares para tão somente reverenciar ou evocar a memória de um *monumento da província*, devemos incentivar as pesquisas que dêem conta dos aspectos constitutivos da obra de um importante intelectual *brasileiro* e estimular o acesso a sua vasta e rica bibliografia.

## CONCLUSÃO



Nesta última parte, gostaria de explorar uma declaração da jornalista Eneida de Moraes sobre Cascudo que me permite retomar o objetivo central deste livro e fornecer algumas considerações finais para a discussão aqui proposta, cito-a: “Luís da Câmara Cascudo, tão apaixonado pela sua província que dela não arreda pé, nela vivendo tanto e tão profundamente que Natal e Cascudo são um só”.<sup>393</sup> De acordo com esse tipo de opinião, Cascudo e Natal eram indissociáveis, uma vez que ele estaria enraizado em sua terra amada e nunca teria pensado em abandonar sua província. Em função de tal ponto de vista, que não é exclusividade dessa jornalista, esse trabalho buscou problematizar a forte relação de identidade existente entre Câmara Cascudo e a cidade do Natal.

Assim sendo, iniciei meu estudo com a ideia de que existe uma leitura da cidade do Natal cuja referência tem sido a vida e, de maneira laudatória, a obra desse historiador e folclorista natalense: o que nomeei de uma *Natal cascudiana*. Diante disso, investiguei a vida, a produção da obra e o enquadramento da memória desse escritor com o intuito de perceber como suas vivências foram sendo explicadas a partir de sua moradia em Natal; de que modo sua obra foi sendo definida a partir do lugar de onde ela foi escrita; e sob quais circunstâncias as homenagens e a recordação de sua atividade intelectual o incorporou à toponímia natalense. Portanto, através do estudo de uma trajetória biográfica, realizei uma história dos espaços da

---

<sup>393</sup> ENEIDA. Padrim, abenço. *Província*, Natal, n. 2, p. 33-34, 1968. p. 33.

cidade do Natal, mostrando a emergência histórica dessa cidade que, ainda hoje, gira em torno do escritor Luís da Câmara Cascudo e o monumentaliza.

Para finalizar este livro, pois, gostaria de propor outro modo de desenvolver a problemática aqui formulada e de compreender o conteúdo anteriormente exposto. Sendo assim, concluo este estudo com uma ideia semelhante, embora em direção inversa à que o iniciou: uma leitura acerca da vida de Câmara Cascudo cuja referência é a cidade do Natal, ou seja, o pseudônimo *Luís Natal*. Com isso, ficará claro que a emergência de uma Natal de Cascudo também contou com o investimento pessoal do escritor ao produzir uma imagem de si enquanto o Cascudo de Natal. Com efeito, prestes a completar 86 anos de idade, Cascudo foi questionado por uma jovem estudante sobre o modo como via a cidade do Natal. Ao responder, ele se referiu a alguns aspectos de sua vida cidadina:

Vejo Natal com amor, como a cidade em que eu nasci. (...). Aqui dediquei todas as minhas energias e fiquei (...) o Cascudo de Natal: Câmara Cascudo, aquele que escreve em Natal. E como a mania de todos nós éramos irmos para o Rio de Janeiro, eu não fui. Achei que podia ser notável por não ter saído de Natal e (...) eles [me] chamam *Luís Natal*, expressão de amor e fidelidade (Grifo meu).

394

Essa declaração resume as principais questões ligadas à aproximação do escritor com a cidade do Natal, remetendo à tripartição dos capítulos deste trabalho: seu nascimento e permanência na cidade; a escrita de sua obra; e a conquista de notoriedade. Já ao final da vida, ele se apresentou como o sujeito que nasceu e permaneceu em sua terra natal, dedicando-se a

---

<sup>394</sup> Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. Entrevistadora: Cláudia Leite. Natal: TV Neves, 1984. (10m45). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0\\_jXI](http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0_jXI)>. Acesso em: 19 set. 2007.

tarefa de produzir conhecimento. Como resultado dessa fidelidade telúrica, os natalenses teriam estabelecido uma relação metonímica para defini-lo como *Luís Natal*. No limite, esse qualificativo representaria o reconhecimento da cidade pelos serviços intelectuais por ele prestados. Entretanto, como vimos ao longo do livro, essa relação identitária possui uma historicidade que vai além dessa definição fornecida por Cascudo, não estando dada teluricamente.

Conforme exposto no primeiro capítulo deste texto, o nascimento de Câmara Cascudo, em 30 de dezembro de 1898, e seus primeiros anos foram mediados pela posição social privilegiada de seus pais junto à elite econômica da cidade do Natal. Isso lhe facultou uma formação esmerada e sua inserção na elite intelectual cidadina, em 1918, uma vez que ele dispôs de recursos e de meios para divulgar seus escritos: o jornal *A Imprensa*. A princípio, esse periódico de propriedade da sua família atuou no sentido de impulsionar as atividades do jovem *Cascudinho* enquanto crítico literário e de promover a recepção positiva de seus escritos. Naquele momento, as poucas críticas encetadas contra o primeiro livro cascudiano, o *Alma Patrícia*, ocorreram muito mais em virtude das articulações políticas da família do escritor com a oligarquia Albuquerque Maranhão do que propriamente pelas fragilidades gramaticais que o livro apresentava.<sup>395</sup>

Contudo, entre finais dos anos 1920 e início dos anos 1930, uma crise financeira e uma conturbação política soçobraram as bases de sustentação da família Cascudo e, sem recursos, as atividades intelectuais cascudianas declinaram, ficando mais restritas às crônicas em jornais e à docência. Outrossim, a morte de Francisco Cascudo levou seu filho a se

---

<sup>395</sup> *Id.*, *Alma patrícia: crítica literária*.

fixar na cidade e a assumir as responsabilidades financeiras de toda a família, incluindo agora esposa e filhos. Logo, a leitura do nascimento e da permanência de Luís da Câmara Cascudo em Natal como um determinismo telúrico e uma demonstração de amor devotado à cidade é um entendimento posterior aos fatores que o influenciaram em sua decisão de não buscar outras possibilidades intelectuais no centro-sul do país, muito embora essa possibilidade não parecesse estar entre suas expectativas mais prementes naquela fase de sua vida.<sup>396</sup>

A produção de conhecimento sobre a cidade do Natal, notadamente de cunho historiográfico, ganhou força na atividade jornalística cascudiana em tempos de crise. Desde que iniciou sua atividade como escritor, em 1918, Câmara Cascudo versou sobre a cidade, dedicando-se a registrar dados sobre os escritores e os literatos de sua época e, só em menor grau, escrevendo acerca dos fatos e dos personagens do passado de sua terra – ao gosto da história produzida até então. Em grande medida, contar o passado local era ainda tarefa do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte que, através da sua revista, deveria elencar os acontecimentos e as personalidades da história do Rio Grande do Norte e de Natal. Aos poucos, de acordo com os argumentos expostos no segundo capítulo deste livro, Câmara Cascudo foi se aproximando da postura teórica do Instituto, na medida em que começou a se inclinar fortemente para o estudo do passado local. Em 1927, ele entrou para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e, em 1934, tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

---

<sup>396</sup> Nesse sentido, por exemplo, ver COSTA, Américo de Oliveira. Perfil de Luís da Câmara Cascudo. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Seleção*.

Individualmente, mas também contando com o apoio dos jornais locais *A República* e *Diário de Natal* na divulgação dos seus escritos, Cascudo selecionou e pinçou dos arquivos antigos moradores da cidade, além de fatos que considerava mais importantes no processo histórico nortério-grandense. Em especial, na coluna *Acta diurna*, publicada a partir de 1939 e que seguiu sendo publicada e republicada ao longo de toda a vida do historiador, a cidade do Natal apareceu como temática principal. Além disso, ele criou uma alternativa de diálogo com a população. De tempos em tempos, a coluna *Acta diurna*, recebia o título de *Respondendo*. Nessa seção específica do jornal *A República*, as dúvidas dos leitores acerca da história local eram respondidas por aquele que se dedicava, com afinco, ao assunto.

O ponto alto da constituição dessa Natal histórica ocorreu em 25 de dezembro de 1948. Por ato do prefeito de Natal, Sylvio Piza Pedroza, Cascudo foi nomeado historiador oficial da cidade do Natal. Esse título profissional é sintomático da relação entre Cascudo e sua cidade. Mesmo que sempre tivesse escrito sobre o passado natalense, ao ser nomeado o único sujeito que, oficialmente, podia narrar o passado da cidade, ele tornou-se o porta-voz da população que habitava esse espaço. E, como tal, recebia encomendas do poder público sobre aspectos específicos locais que deveriam ser estudados e postos em livros para o conhecimento de todos. Esse primeiro instante de escrever sobre Natal é fundador da própria cidade, enquanto saber histórico: o espaço natalense como autoria cascudiana.

Foi nesse momento de retomada de sua produção intelectual que, em 1947, Cascudo adquiriu o sobrado da Avenida Junqueira Aires e, também, se consagrou como um renomado escritor de província. Como observamos no último capítulo deste estudo, seu proclamado provincianismo incurável data da fase em que seus escritos, uma vez produzidos em Natal, foram lhe

projetando enquanto um grande estudioso radicado em uma pequena cidade do Nordeste. Nesse sentido, sua obra também ganhou uma dimensão produtiva e explicativa de um saber local, mas que, justamente por causa do caráter metucioso pelo qual esse aspecto localista era abordado, podia estabelecer um alcance universal: um intelectual residente no sobradinho da Avenida Junqueira Aires, mas que seria capaz de estudar temas universais.<sup>397</sup>



**Imagem 22** Timbre de cartão de visita, sem data, pertencente a Câmara Cascudo. Também utilizado em suas correspondências, sobretudo nos anos de 1970, quando ele assinava o pseudônimo *Luís do Sobradinho*.

**Acervo:** Instituto Câmara Cascudo – Natal-Rio Grande do Norte.

<sup>397</sup> Sobre esse ponto de vista, ver ANDRADE, Manuel Correia de. Luís da Câmara Cascudo – do local ao universal. In: MAIOR, Mário Souto. (Org.). *Folclore 1999*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2000.

Mais tarde, sobretudo a partir da década de 1950, as instituições culturais e políticas de Natal começaram a render homenagens ao escritor que havia projetado o nome da cidade no cenário letrado nacional e, até, no exterior. A criação da Rua Câmara Cascudo (1955), do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo (1965) e da Biblioteca Câmara Cascudo (1973) são alguns exemplos dos muitos lugares que, sob formas e por motivos diferentes, homenagearam e contribuíram para a monumentalização de seu patrono como monumento da cidade do Natal, ainda em vida. Com a morte de Cascudo, em 30 de julho de 1986, esses e outros novos lugares passaram a evocar a memória cascudiana. Particularmente o Memorial Câmara Cascudo, inaugurado em 10 de fevereiro de 1987, e o Instituto Câmara Cascudo, inaugurado em 30 de dezembro de 2009, constituíram-se nos principais *lugares de memória* do autor da cidade do Natal, dedicando-se à recordação daquele que produziu conhecimento sobre e para o *povo natalense*.

Dessa forma, toda a vida de Luís da Câmara Cascudo esteve articulada à cidade, ocupando posições sociais, intelectuais e espaciais em Natal: *de ator a autor da cidade do Natal*. Porém, ele próprio também foi produzindo uma leitura de suas vivências a partir da cidade, estabelecendo uma aproximação identitária que, de cunho retrospectivo e teleológico, ligou sua maturidade *natalense* a uma infância *canguleira*. Assim, Cascudo não apenas escreveu sobre a cidade, mas nela se inscreveu enquanto escritor provinciano. Por esse modo, em suas correspondências, ele utilizou vastamente um pseudônimo cujo significado telúrico é notório:

Luís Natal.<sup>398</sup> Essa assinatura cascudiana foi localizada por esta pesquisa em cartas datadas das décadas de 1950, 1960 e 1970 e destinadas a políticos e escritores, tais como: Carlos Drummond de Andrade, Sylvio Piza Pedroza, Edison Carneiro, Oswaldo Lamartine de Faria, Thadeu Villar de Lemos, Carlos Ribeiro, João Lyra Filho e Hélio Vianna.

Por exemplo, ao receber uma correspondência de Cascudo com o pseudônimo *Luís Natal*, o historiador Hélio Vianna estranhou o uso do termo e respondeu: “Meu caro Luís Natal (é pseudônimo? Assim veio assinada sua carta de 5.IX)”.<sup>399</sup> Mais uma vez as correspondências cascudianas apresentam uma *escrita de si*, na medida em que ele formulou uma imagem pessoal como autor da cidade do Natal: o Câmara Cascudo que escrevia em Natal.<sup>400</sup> Não obstante, essa profissão de identidade tem dado margens para afirmações como a da jornalista Eneida de Moraes, segundo a qual Cascudo e Natal eram um só. A escolha e o uso do pseudônimo *Luís Natal* também nos permite pensar na emergência histórica de uma *Natal cascudiana*: respectivamente, *o autor da cidade e o espaço como autoria*. Essa assinatura nos remete às contribuições do escritor para a leitura que o aproxima e o incorpora ao espaço citadino:

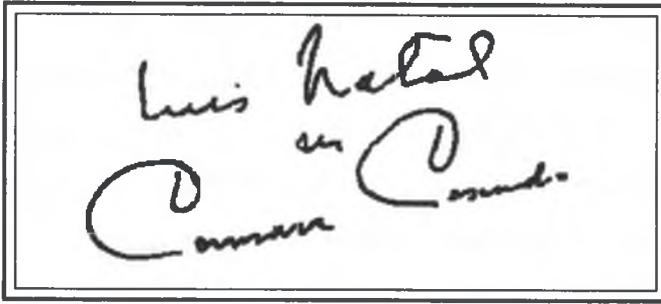
---

<sup>398</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Sylvio Piza Pedroza*]. Natal, 14 ago. 1960. Carta. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal - Rio Grande do Norte.

<sup>399</sup> VIANNA, Hélio. [*Cópia de correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo*]. Natal, 1964. Carta. Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

<sup>400</sup> Cf. GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*.


 A rectangular frame containing a handwritten signature in black ink. The signature is written in a cursive, somewhat stylized script. It reads "Luís Natal" on the top line, "ou" in the middle, and "Câmara Cascudo" on the bottom line. The letters are connected and fluid.

**Imagem 23** Assinatura de *Luís Natal ou Câmara Cascudo* em carta a João Lyra Filho. Natal, 11 de fevereiro de 1972.

**Fonte:** SILVA, Roberto da. (Org.). *Jasmins do sobradinho: cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho*. Natal: Sebo Vermelho, 2000. p. 29.

Nesses termos, essa pretensa unidade entre sujeito e espaço tem a ver com a monumentalização intelectual de Luís da Câmara Cascudo na cidade do Natal, uma vez que sua transformação em expoente maior da intelectualidade local passou por vivências na cidade, pela produção de uma importante obra e pela sua autoidentificação com os epítetos do *escritor de província*, do *provinciano incurável* e do *Luís Natal*; bem como pelas ações da intelectualidade natalense que, após a morte de Câmara Cascudo, assumiu um dever de memória em relação àquele que havia sido o intelectual local de maior projeção fora do Rio Grande do Norte. Nas palavras de Enélio Petrovich, em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: “evidenciar o seu [de Cascudo] *modus vivendi e faciendi*, maravilhoso e fecundo, é dever incontestado e impostergável de todos nós. *Ad perpetuam rei memoriam*”.<sup>401</sup>

Questionar essa monumentalizada aproximação identitária entre Câmara Cascudo e a cidade do Natal é um passo decisivo para estimular

<sup>401</sup> PETROVICH, Enélio. Câmara Cascudo – imortal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 77-78, p. 172-181, 1990. p. 179.

novos trabalhos que reflitam acerca das contribuições da obra cascudiana. Nesse sentido, analisar a emergência de uma *Natal cascudiana* ou o surgimento de epítetos como *Luís Natal* nos leva a perceber uma historicidade ligada à vida e à obra de Cascudo, compreendendo sua transformação em monumento cultural e sua inscrição na toponímia cidadina. Isso significa repensar a relação entre o seu lugar de produção e os méritos intelectuais por ele alcançados, considerando que a exaltação local minimiza outras possibilidades de conhecimento a partir do variado universo teórico, metodológico e temático da bibliografia cascudiana. Portanto, defendendo o argumento que essa indissociação entre sujeito e espaço, ainda em voga na cidade do Natal, fala mais de uma memória cascudiana do que de um importante capítulo da história do pensamento social brasileiro.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

## FONTES

*1. Impressas**1.1 Livros e Artigos*

ANDRADE, Mário de. **O movimento modernista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

\_\_\_\_\_. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Manuel Correia de. Luís da Câmara Cascudo – do local ao universal. In: MAIOR, Mário Souto. (Org.). **Folclore 1999**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2000.

BARRETO, Anna Maria Cascudo. **O colecionador de crepúsculos: fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo**. 1. ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma patricia: crítica literária**. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 743).

\_\_\_\_\_. **Joio: páginas de literatura e crítica**. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 749).

\_\_\_\_\_. **Histórias que o tempo leva...** da história do Rio Grande do Norte. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 757).

\_\_\_\_\_. **López do Paraguay**. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, série C, n. 855).

\_\_\_\_\_. (Org.). **Versos de Lourival Açucena**. 1. ed. Natal: Tipografia d'A Imprensa, 1927.

\_\_\_\_\_. **Conde d'Eu**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. (Brasiliana, 11).

\_\_\_\_\_. **Em memória de Stradelli**. 1. ed. Manaus: Livraria Clássica, 1936.

\_\_\_\_\_. **O doutor Barata: político, democrata e jornalista – Bahia-1762, Natal-1838**. 1. ed. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1938.

\_\_\_\_\_. **O marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870)**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Brasiliana, 107).

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. 1. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

\_\_\_\_\_. **Governo do Rio Grande do Norte – 1597-1938**. 1. ed. Natal: Livraria Cosmopolita, 1939.

\_\_\_\_\_. **História da cidade do Natal.** 1. ed. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1947.

\_\_\_\_\_. **Geografia dos mitos brasileiros.** 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. (Coleção Documentos Brasileiros, 42).

\_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Norte.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

\_\_\_\_\_. **Nosso amigo Castriciano – 1874-1947.** 1. ed. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

\_\_\_\_\_. **Prelúdio da cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil.** 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1968. (Coleção Canavieira).

\_\_\_\_\_. **Gente viva.** 1. ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

\_\_\_\_\_. **Seleta.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1972. (Coleção Brasil Moço, 6).

\_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1978. (Coleção Documentos Brasileiros, 186).

\_\_\_\_\_. **História da cidade do Natal.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Instituto Nacional do Livro; Natal: Ed. da UFRN, 1980. (Coleção Retratos do Brasil, 145).

\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Norte.** 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações.** 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. **Na ronda do tempo: diário de 1969.** 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ontem: maginações e notas de um professor de província.** 2. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cidade do Natal.** Natal: Sebo Vermelho, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da cidade do Natal.** 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999.

\_\_\_\_\_. **No caminho do avião... notas de reportagem aérea (1920-1933).** 1. ed. Natal: Ed. da UFRN, 2007.

\_\_\_\_\_. **O tempo e eu: confidências e proposições.** 3. ed. Natal: Ed. da UFRN, 2008. (Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias).

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: MOTA, Leonardo. **Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense.** 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, [s.d.].

CAVALHEIRO, Edgar. **Testamento de uma geração**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. (Coleção Autores Brasileiros, 9).

CIRNE, Moacy. O poema processo e a “questão Cascudo”. **Brouhaha**, Natal, a. 2, n. 10, p. 66-67, set./out. 2007.

COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

DANTAS, Manoel. **O Rio Grande do Norte**: ensaio corográfico. Natal: Tipografia d’A República, 1918.

\_\_\_\_\_. Natal daqui a 50 anos. In: LIMA, Pedro. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas**. Natal: Cooperativa Cultural: Sebo Vermelho, 2000.

FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte (de 1832 a 1908)**. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

FREYRE, Gilberto. (Org.). **Livro do Nordeste**. Edição fac-similar. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1968/1969. v. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. Cascudo e o modernismo. In:\_\_\_\_. **Os Andrades e outros aspectos do modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975. p. 7-10.

\_\_\_\_\_. **A arte moderna (1924-1974); O Brasil brasileiro (1925-1975)**. Rio de Janeiro: Ed. Meio-dia, 1977.

LE MOS, Thadeu Villar de. **O coronel Cascudo**. Niterói: Oficina da Revista Rural, 1967.

LIMA FILHO, Diógenes da Cunha. **Luís da Câmara Cascudo**: traços biográficos. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1964.

\_\_\_\_\_. **Câmara Cascudo, um brasileiro feliz**. 1. ed. Natal: RN Econômico, 1978.

**LUIZ da Câmara Cascudo**: depoimentos. Homenagem dos seus amigos. Natal: Centro de Imprensa, 1947.

LYRA, A. Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1921.

\_\_\_\_\_. Estado do Rio Grande do Norte. In: **Dicionário histórico, geográfico e etnográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922. p. 439-659.

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo**: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968. 1. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3v.

MARINHO, Francisco Fernandes. **Câmara Cascudo em Portugal e o “I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore”**. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

MELO, Luiz Gonzaga Cortez Gomes de. **Pequena história do integralismo no RN**. Natal: Clima: Fundação José Augusto, 1986.

\_\_\_\_\_. **Câmara Cascudo, o jornalista integralista**. Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 1995. (Coleção Humanas Letras).

\_\_\_\_\_. **Câmara Cascudo, o camisa verde**. Natal: Sebo Verde Amarelo, 2004.

MELO, Veríssimo de. **Pequena biografia de Luís da Câmara Cascudo**. Natal: Academia Norte-rio-grandense de Letras, 1971.

\_\_\_\_\_. **A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1480).

\_\_\_\_\_. (Org.). **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo, um homem chamado Brasil**. 1. ed. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

PEDROZA, Sylvio Piza. **Definições: documentos vários e políticos de um governo**. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.

\_\_\_\_\_. **Documentário de um governo – Administração de Sylvio Piza Pedroza: 1951- 1955**. Natal: [s.e.], 1956.

\_\_\_\_\_. **O mundo de Sylvio Pedroza – Retrospectiva fotográfica, 1930-1983**. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e ação: marcos de uma trajetória de governo**. Natal: Fundação José Augusto, 1984.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984.

POMBO, Rocha. **História do estado do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Porto: Renascença Portuguesa, 1922.

RIO, João do. **Dentro da noite**. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro, 1978.

SEABRA, Armando. **Ensaio de crítica e literatura**. Natal: M. Victorino, 1923.

SILVA, Roberto. (Org.). **Jasmins do sobradinho: cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

SOUZA, Eloy de. **Costumes locais**. Natal: Sebo Vermelho: Verbo, 1999.

SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, dez. 1998 a mar. 1999. 11 fascículos.

WANDERLEY, Segundo. **Poesias**. Natal: Popular, 1928.

WRIGHT, Marie Robinson. Rio Grande do Norte. In: \_\_\_\_. **The new Brazil: its resources and attractions historical, descriptive and industrial**. 2. ed. rev. e amp. Philadelphia: George Barrie & sons, 1907. p. 439-442.

### *1.2 Discursos e Documentos Especiais*

**AGENDA and regulations of the Third Interamerican Congress of Municipal History**. San Juan Bautista: Instituto Interamericano de Historia Municipal e Institucional, 1948.

**BANCO do Natal** – Relatório da diretoria. Natal: Tipografia d'A República: Tipografia Comercial J. Pinto & C., 1909-1920.

**BOLETIN de informacion para los señores delegados**. San Juan Bautista: [s.e.], 1948.

CASCUDO, Daliana. **Câmara Cascudo, um guerreiro** – Discurso no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, 2000. 3p. Mimeografado.

CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras – 1943. In: NAVARRO, Jurandyr. **Oradores (1889-2000): biografia e antologia**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2004. p. 262-267.

COSTA, Américo de Oliveira. **Luís da Câmara Cascudo, professor** – Saudação pelo dia do professor. Rio de Janeiro: Ponguetti, 1972.

**ESTATUTOS da Sociedade Brasileira de Folk-Lore**. 1. ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1942.

**ESTATUTOS da Sociedade Brasileira de Folk-Lore**. 2. ed. Natal: Departamento de Imprensa, 1949.

FONSECA, Edson Nery da. **Cascudo e Freyre** – Discurso no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal, 1998. 4p. Mimeografado.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: \_\_\_\_. **Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade**. 1999. 354p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

**MENSAGEM cultural do Instituto Histórico**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1967.

**NOVOS estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal: Tipografia d'A República, 1927.

**NOVOS estatutos e novo regimento da Academia Norte-rio-grandense de Letras**. Natal: [s. e.], 1949.

**PEDROZA, Sylvio Piza. Discurso do prefeito Sylvio Pedroza ao entregar a Luís da Câmara Cascudo o título de historiador da cidade do Natal.** Natal, 1948. 2p. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. **Cidade do Natal** – Administração Sylvio Piza Pedroza. Natal, 1946, 1947 e 1948. 3v. Copydesk.

\_\_\_\_\_. **Album grafico del III Congreso Historico Municipal Interamericano celebrado en San Juan Bautista de Puerto Rico en abril de 1948 bajo la presidencia de la Hon. Felisa Rincon de Gautier administradora de la capital.** San Juan, 1948. Copydesk.

\_\_\_\_\_. **Discurso proferido por Sylvio Piza Pedroza, por ocasião do transcurso do 1º aniversário de falecimento do escritor Luís da Câmara Cascudo, na sessão promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro, 1987. 21p. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. **Discurso proferido por Sylvio Piza Pedroza, por ocasião da posse como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro, 1989. 15p. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. **Discurso de posse de Sylvio Piza Pedroza.** Natal: Academia Norte-riograndense de Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Posse de Sylvio Piza Pedroza na Academia Norte-rio-grandense de Letras** – Principais notícias em jornais do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Brasília. Natal, 1996. Copydesk.

\_\_\_\_\_. **Dados biográficos.** [s.l.], [s.d.]. 11p. Mimeografado.

### *1.3 Revistas*

#### *1.3.1 Pernambuco*

**A Pilhéria** – 1926.

**Presença** – 1948-1949.

**O Tacape** – 1928.

**Revista de Pernambuco** – 1924-1926.

**Revista do Arquivo Público** – 1949-1956.

**Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano** – 1930-1932.

**Rua Nova** – 1926.

**Quadra** – 1986.

#### *1.3.2 Rio de Janeiro*

**Bibliografia de História do Brasil** – 1944-1952.

**Boletim de Ariel** – 1932-1938.

**Boletim do Centro Norte-rio-grandense** – 1966-1967.

**Cadernos da Serra** – 1978.

**Fon-fon** – 1922.

**Leitura** – 1960-1965.

**Manchete** – 1964.

**Revista Brasileira de Folclore** – 1961-1966.

**Revista da Academia Brasileira de Letras** – 1969-1986.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** – 1934-2000.

**Revista Esso** – 1950.

**Revista Fluminense de Folclore** – 1974-1975.

**Revista Potyguar** – 1936-1938.

### *1.3.3 Rio Grande do Norte*

**Arquivos do Instituto de Antropologia** – 1966.

**Bando** – 1949-1959.

**Cigarra** – 1928-1929.

**Nordeste** – 1939.

**Província** – 1968.

**Pedagogium** – 1948-1949.

**Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras** – 1956-2005.

**Revista do Centro Polymathico** – 1920-1921.

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte** – 1903-1996.

**Revista Norte-rio-grandense de Folclore** – 1979.

**Século** – 1996-1998.

### *1.3.4 São Paulo*

**Anhembi** – 1951-1958.

**Diálogo** – 1956.

**Panorama** – 1936.

**Revista do Brasil** – 1921-1923.

**Vamos Ler!** – 1939-1946.

*1.4 Jornais**1.4.1 Pernambuco*

**Diário da Noite** – 1947-1965.

**Diário de Pernambuco** – 1924-1965.

**Folha da Manhã** – 1941-1952.

**Jornal do Comércio** – 1924-1984.

**Jornal Pequeno** – 1924-1948.

*1.4.2 Rio de Janeiro*

**A Offensiva** – 1934-1938.

*1.4.3 Rio Grande do Norte*

**A Imprensa** – 1917-1927.

**A Notícia** – 1921-1923.

**A República** – 1914-1987.

*2. Manuscritas**2.1 Correspondências**2.1.1 Ativa Cascudiana*

**Carlos Drummond de Andrade** – 1932-1970.

**Gilberto Freyre** – 1925-1978.

**Hélio Vianna** – 1946-1971.

**Mário de Andrade** – 1924-1944.

**Mário Souto Maior** – 1969-1980.

**Ribeiro Couto** – 1927-1944.

**Sylvio Piza Pedroza** – 1949-1981.

**Thiers Martins Moreira** – 1937-1968.

*2.1.2 Passiva Cascudiana*

**Hélio Vianna** – 1963-1971.

**Mário de Andrade** – 1924-1943.

*2.1.3 Terceiros*

**Fabrcício Gomes Pedroza** – 1886-1921.

**Sylvio Piza Pedroza** – 1946-1998.

### 3. Audiovisuais

#### 3.1 Documentários

**CÂMARA Cascudo:** o provinciano incurável. Produção: Samantha Ribeiro. São Paulo: TV Cultura, 1999.

**CONVERSA com Cascudo.** Produção: Walter Lima Júnior. São Paulo: [s. e.], 1976.

**DEPOIMENTO:** Cascudo. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978.

**LUÍS da Câmara Cascudo:** 100 anos. Produção: Vanessa Menescal. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

**O MUNDO da literatura.** [s.l.]: Rede STV, [s.d.].

**RAÍZES.** Produção: Cláudio Cavalcanti; Marli Carloni. Natal: TV Universitária, 1998.

#### 3.2 Entrevistas

**BARRETO, Anna Maria Cascudo.** Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

**CASCUDO, Luís da Câmara.** Série: Literatura e Folclore. Entrevistadores: Aurélio Buarque de Holanda, Fernando Luís da Câmara Cascudo, Joracy Camargo, Mozart Araújo e Renato Almeida. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. 2 CDs (61m e 54m).

\_\_\_\_\_. Entrevistadora: Cláudia Leite. Natal: TV Neves, 1984. (10m45). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0\\_jXI](http://www.youtube.com/watch?v=kD0zcD0_jXI)>. Acesso em: 19 set. 2007.

\_\_\_\_\_. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

**CASCUDO, Fernando Luís da Câmara et all.** [sem entrevistador]. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1988. 2 CDs (62m e 50m).

#### 3.3 CDs

**BROUHAHA** – Câmara Cascudo poeta e leitor de poesia. Manaus: SONOPRES, 2005. 1 CD. (62m).

**GILBERTO Freyre:** 100 anos. Recife: Núcleo de Estudos Freyrianos, 2000. 2 CDs-ROM.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

\_\_\_\_\_. **O enigma de *Os sertões***. Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1998.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

\_\_\_\_\_. **Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o Tempo”**: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

\_\_\_\_\_. **Cultura e diversidade: a escrita como remédio - erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX**. In: MEDRADO, Benedito et al. (Org.). **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Editora do Instituto PAPAÍ, 2004. p. 70-79. (Série Olhares de Gênero).

\_\_\_\_\_. **De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente**. **Trajetos**. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

\_\_\_\_\_. **As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história**. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (Org.). **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 117-139.

\_\_\_\_\_. **O historiador *NAIF* ou a análise historiográfica como prática de excomunhão**. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 192-215.

\_\_\_\_\_. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007. (Preconceitos, 3).

\_\_\_\_\_. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.

ANDRADE, Maristela de. **Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 1999.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

\_\_\_\_\_. **Asas de Sófia: ensaios cascadianos**. Natal: FIERN: SESI, 1998.

ARRAIS, Raimundo. (Org.). 1. ed. **Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascadianas dos anos 20**. Natal: Ed. da UFRN, 2005.

\_\_\_\_\_. **Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal**. 2005. Digitado.

\_\_\_\_\_. (Org.). Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, a. 4, n. 48, ago. 2006.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru: EDUSC, 2000.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 abr. 2007.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos).

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 197-221. (Obras Escolhidas, 1).

BIBLIOTECA Pública do Estado. In: **FUNDAÇÃO José Augusto: 40 anos – 1963-2003**. Natal: Fundação José Augusto, 2004. p 63-64.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 183-191.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRITO, Marília Barbosa de. **Um homem, uma cidade:** relações de Luís da Câmara Cascudo com a moderna cidade do Natal (1918-1929). 94f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Marcovaldo ou as estações da cidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In:\_\_\_\_. **A cultura no plural.** Campinas: Papirus, 1995. p. 55-85.

\_\_\_\_\_. Práticas de espaço. In:\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 165-217.

COSTA, Angela Marques; SCHWARCZ. Lília Moritz. **1890-1914:** no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Virando Séculos).

COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente:** o Pantanal entre os séculos XVI e XVII. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999.

CUNHA, Diva. Regionalismo e universalismo em Câmara Cascudo. **Odisséia,** Natal, v. 4, n. 6, p. 37-46, jul./dez. 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1440 – O liso e o estriado. In:\_\_\_\_. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 179-214.

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias.** 481p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrepida ab origine:** o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora, 1996.

DOSSE, François. A identidade nacional como forma organizadora do discurso histórico na França nos séculos XIX e XX. In:\_\_\_\_. **A história à prova do tempo.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

FERREIRA, José Luiz. **Modernismo e tradição:** leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20. 2000. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista de 1926**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

\_\_\_\_\_. **Nordeste**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

\_\_\_\_\_. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel de Barros da (Org.). **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3. p. 411-422.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 137-174.

FRAIZ, Priscila. **A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 abr. 2007.

FURTADO, Cristiane Silva. **A cidade e o letrado, a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal**. Rio de Janeiro, 2004. 56p. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica FAPERJ. Disponível em: <[http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/icascudoro teiros.htm](http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/icascudoro teiros.htm)>. Acesso em: 08 ago. 2008.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GALVÃO, Helio. **História da fortaleza da barra do Rio Grande**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1979.

GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada - 1968/1995**. 1. ed. Natal: Ed. da UFRN, 1996.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

\_\_\_\_\_. **História e historiadores: a política cultural do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

\_\_\_\_\_. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.) **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 9-24.

\_\_\_\_\_. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca. (Orgs.) **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 23-41.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARVEY, David. A experiência do espaço e do tempo. In: \_\_\_\_\_. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 185-289.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: Ranger, Terence; HOBSBAWM, Eric. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 9-23. (Coleção Pensamento Crítico, 55).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

LIMA, Bruna Rafaela de. **Da rede ao altar: vida, ofício e fé de um historiador potiguar**. 2009. 233p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. (Coleção Repertórios).

\_\_\_\_\_. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **São Luís: biografia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-32.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 167-182.

LIMA, Pedro. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas**. Natal: Cooperativa Cultural: Sebo Vermelho, 2000.

MACHADO, João Batista. **Perfil da República no Rio Grande do Norte (1889-2003)**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2000.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte. 1909-1987**. Natal: Fundação José Augusto; São Paulo: Cortez, 1987. (Documentos Potiguares, 3).

MICELI, Sergio. **Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos**. São Paulo: Perspectiva, [s.d.]. (Coleção Elos).

\_\_\_\_\_. (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. 2. ed. rev. e cor. São Paulo: Sumaré, 2001. v. 1.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 2. ed. rev. Natal: Cooperativa Cultural, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pão, terra e liberdade x Deus, pátria e família: as lutas sociais e a evolução política no Rio Grande do Norte**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2004. (Coleção Mossoroense, série B, n. 2569).

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Ática, 1977.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **História em cousas miúdas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 237-262.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**: cultura popular. São Paulo: Olho d'água, [s.d.].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. (Brasiliana Novos Estudos, 5).

\_\_\_\_\_. (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./jun. 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 jan. 2008.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em história. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

RIBEIRO, Renato Janine. **Memórias de si, ou...** Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 09 abr. 2007.

- RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen**. Madrid: Visor, 1987. (La Balsa de la Medusa, 7).
- SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008.
- SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno do significado de uma categoria**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- SILVA, Aline Gurgel da. **Instituto de antropologia: história e memória de um itinerário científico-cultural na URN (1960-1965)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- SILVA, Marcos. (Org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; FFLCH/USP; FAPESP; Natal: Ed. da UFRN: Fundação José Augusto, 2003.
- SMITH, Anthony. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. **Silenciando peças e criando lacunas: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luís da Câmara Cascudo (1932-1945)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra; ALBUQUERQUE, José Geraldo de. **Subsídios para o estudo da história do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.
- WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994. (Ensaio de Cultura, 6).